

**ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO**

Maj QMB **VANDRÉ** ROLIM MACHADO

**Os símbolos e rituais da Brigada de Infantaria
Paraquedista: influências, permanências e rupturas.**



Rio de Janeiro

2016

Maj QMB **VANDRÉ** ROLIM MACHADO

**Os símbolos e rituais da Brigada de Infantaria Paraquedista:
influências, permanências e rupturas.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Militares da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como pré-requisito para obtenção do grau de Mestre em Ciências Militares.

Orientador: Professor Doutor **Tássio Franchi**.

Rio de Janeiro

2016

M149t Machado, Vandr  Rolim

Os símbolos e rituais da Brigada de Infantaria Paraquedista: influências, permanências e rupturas. / Vandr  Rolim Machado. —2016.
105 f.: il.; 30 cm.

Orienta o: Prof. Dr Tássio Franchi.

Disserta o (Mestrado em Ciências Militares) — Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2016.
Bibliografia: f. 98-102.

1. TRADI OES. 2. RITUAIS. 3. SÍMBOLOS 4. MILITARES. 5. PARAQUEDISTAS I.
Título.

CDD 355.4

Os símbolos e rituais da Brigada de Infantaria Paraquedista: influências, permanências e rupturas.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Militares da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como pré-requisito para obtenção do grau de Mestre em Ciências Militares.

Aprovado em ___/___/___

COMISSÃO AVALIADORA

Professor Doutor Tássio Franchi - Presidente

Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

Professora Doutora Monique Sochaczewski Goldfeld - Membro

Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

Professor Doutor Francisco César Alves Ferraz - Membro

Universidade Estadual de Londrina

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estrutura do Comando Militar do Leste.....	14
Figura 2 – Os distintivos paraquedistas brasileiros.....	61
Figura 3 – O distintivo de paraquedista militar que nunca foi utilizado.....	62
Figura 4 – Os símbolos da <i>101ª Airborne Division</i> e da Bda Inf Pqdt.....	68
Figura 5 – As Águias dos paraquedistas alemães e da Bda Inf Pqdt.....	69

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Unidades da Brigada de Infantaria Paraquedista.....	15
Tabela 2 – Divisão por postos e graduações.....	24
Tabela 3 – Divisão temporal dos entrevistados.....	25
Tabela 4 – O que diferencia os paraquedistas?.....	35
Tabela 5 – O símbolo mais importante.....	59
Tabela 6 – O ritual de queima do “pé preto”.....	77
Tabela 7 – Estrutura do Curso Básico Paraquedista.....	78
Tabela 8 – Alteração no Curso Básico Paraquedista.....	79
Tabela 9 – Canção e oração do Paraquedista.....	80
Tabela 10 – O ritual do badernaço.....	82

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – General Penha Brasil.....	51
Fotografia 2 – Tenente Coronel Roberto de Pessôa.....	56
Fotografia 3 – Brevetação de Paraquedistas.....	67

LISTA DE ABREVIATURAS

Aet	Aeroterrestre
AMAN	Academia Militar das Agulhas Negras
AVC	Acidente Vascular Cerebral
Bda	Brigada
BFE	Batalhão de Forças Especiais
C Bas Pqdt	Curso Básico Paraquedista
CML	Comando Militar do Leste
COTER	Comando de Operações Terrestres
DGP	Departamento Geral do Pessoal
DE	Divisão de Exército
DIE	Divisão de Infantaria Expedicionária
Estg Bas Pqdt	Estágio Básico Paraquedista
EB	Exército Brasileiro
ECEME	Escola de Comando e Estado-Maior do Exército
EME	Estado-Maior do Exército
END	Estratégia Nacional de Defesa
ESAO	Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais
EUA	Estados Unidos da América
FEB	Força Expedicionária Brasileira
FAB	Força Aérea Brasileira
FFAA	Forças Armadas
GU	Grande Unidade
Inf	Infantaria
MB	Marinha do Brasil
NGA	Normas Gerais de Ação
NFTP	Núcleo de Formação da Tropa Paraquedista
Op Esp	Operações Especiais
Pqdt	Paraquedista
RUE	Regulamento de Uniformes do Exército
TVF	Teste de verificação final
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
USP	Universidade de São Paulo

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade da vida e conforto espiritual nos momentos mais difíceis. Aos meus pais pela educação e incentivo em mais essa jornada. À minha namorada Thaís Malina pelo apoio incontestado e pela paciência nas horas ausentes em decorrência da pesquisa.

À Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) e o Instituto Meira Mattos pela oportunidade de crescer como profissional também na área acadêmica.

Ao Professor Tássio Franchi pela amizade sincera e orientações durante os dois anos de pesquisa não medindo esforços para melhorar a qualidade do trabalho.

Aos Professores Bruno de Melo Oliveira e Monique Sochaczewski Goldfeld pelas orientações durante a qualificação.

A Brigada de Infantaria Paraquedista e ao Arquivo Histórico do Exército (AHEx) pelo apoio na pesquisa cedendo as instalações e autorização para pesquisas em fontes primárias de grande valia para o trabalho.

Aos 821 paraquedistas do Exército Brasileiro que responderam à pesquisa e, particularmente, aos Coronéis Claudio Tavares Casali, Pedro Aurélio de Pessôa, Ronaldo Nonato de Oliveira Lima, Celso Fabiano Vianna Braga, ao Capitão Domingos Ferreira Gonçalves e ao Sargento Ivan Romualdo Ferreira pelas entrevistas que auxiliaram com relatos orais o trabalho.

RESUMO

O estudo das tradições é tão antigo quanto a história humana. Heródoto, a mais de 2400 anos, já considerava importante descrever os costumes de seus inimigos, persas e egípcios, para explicar o conflito dos gregos com esses povos. A construção da tradição é um processo histórico e a identificação de suas permanências e rupturas permite, dentre outros fatores, a compreensão das disputas e embates na sua criação e consolidação no imaginário de um grupo social. As tradições são compostas de vários elementos e no estudo destacaremos os símbolos e os rituais de um grupo específico de militares, os paraquedistas. As forças armadas são instituições totalizantes com peculiaridades que influenciam seus membros de uma forma intensa no qual as tradições são elementos importantes na construção da memória. O estudo terá como objetivo analisar as origens, continuidades e rupturas dos rituais e símbolos que compõem as tradições da Brigada de Infantaria Paraquedista. A pesquisa tem uma abordagem qualitativa e por meio de um estudo de caso pretenderá identificar a influências destas tradições, quais os seus princípios estruturantes e sua importância para o grupo.

Palavras-chave: Tradições, Símbolos, Rituais, Militares, Paraquedistas.

ABSTRACT

The study of tradition is as old as human history. Herodotus, more than 2400 years, already considered important to describe the customs of their enemies, the Persians and Egyptians, to explain the conflict of the Greeks with these people. The construction of tradition is a historical process and the identification of their continuities and ruptures allows, among other factors, the understanding of wheeling and dealing in the creation and consolidation in the imaginary of a social group. Traditions are composed of various elements and the study highlight the symbols and rituals of a specific group of military the paratroopers. The military forces are totalizing institutions with peculiarities that influence its members in an intense way in which traditions are important elements in the construction of memory. The study will analyze the origins, continuities and ruptures of rituals and symbols that make up the traditions of the Parachute Infantry Brigade. The research has a qualitative approach and through a case study will try to identify the influences of these traditions, what its structuring principles and its importance for the group.

Keywords: Traditions, Symbols, Rituals, Military, Paratrooper.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	REFERENCIAL METODOLÓGICO	18
1.1	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	19
1.2	HISTÓRIA ORAL-TESTEMUNHOS.....	23
2	O ESTUDO DAS TRADIÇÕES NAS FORÇAS ARMADAS	27
2.1	TRADIÇÕES MILITARES.....	27
2.2	TRADIÇÕES PARAQUEDISTAS.....	31
3	O ORIGEM DAS TROPAS PARAQUEDISTAS	38
3.1	O CONTEXTO INTERNACIONAL.....	38
3.2	O PARAQUEDISMO MILITAR NO BRASIL.....	43
4	SÍMBOLOS PARAQUEDISTAS	48
4.1	O CULTO AOS GENERAIS PENHA BRASIL E PESSÔA.....	48
4.2	BOINA, “BOOT” E BREVÊ.....	58
4.3	O SÍMBOLO DA ÁGUIA.....	67
5	RITUAIS PARAQUEDISTAS	73
5.1	ÁREA DE ESTÁGIOS PARAQUEDISTA.....	74
5.2	DO “ETERNO HERÓI” AO “BADERNAÇO”.....	79
5.3	BRASIL ACIMA DE TUDO!.....	85
6	ANÁLISE DOS RESULTADOS	90
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
8	FONTES	96
9	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	98
10	ANEXOS	103

INTRODUÇÃO

A tradição é por definição um hábito ratificado pela prática histórica, ou seja, um ato contínuo transmitido e validado culturalmente. Hobsbawm e Ranger (1997) definiram um conceito particular do termo e o chamaram de “tradição inventada”. Tal ideia seria “um conjunto de práticas, de natureza ritual ou simbólica, com regras tácitas ou abertamente aceitas que desenvolvem valores e normas por intermédio de repetições, implicando uma relação com o passado” (HOBBSAWN e RANGER, 1997, p.6).

O termo inclui não apenas as tradições realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, mas também as que surgem de maneira mais complexa e de difícil localização em um espaço temporal. Os rituais e símbolos que formam tais “tradições inventadas” existem em diversos grupos sociais, dentre eles, os militares.

As forças armadas não vivem de forma isolada e desempenham diversas funções sociais e, portanto, sofrem uma interação cultural na sociedade que estão inseridos. Por outro lado, eles apresentam algumas características que os diferenciam do restante da população. Dentro da estrutura da caserna, particularmente no Exército Brasileiro, existem diversas especialidades¹ e tropas de diferentes naturezas como as blindadas, mecanizadas, leves, de operações especiais, de selva, de montanha, caatinga, pantanal, e os paraquedistas² que serão o objeto de pesquisa deste trabalho.

O objetivo central do estudo será identificar as permanências e rupturas de alguns símbolos e rituais dos militares paraquedistas brasileiros. A dissertação é composta por cinco capítulos. No primeiro capítulo está exposta a metodologia empregada e, posteriormente, um breve estudo sobre as tradições militares destacando os paraquedistas. O terceiro passo percorre o processo histórico de formação das tropas aeroterrestres pelo mundo até chegarmos na implantação desta atividade no

¹ As Armas dividem-se em dois grupos: as Armas-Base (Infantaria e Cavalaria) e as Armas de Apoio ao Combate (Artilharia, Engenharia e Comunicações). Os Quadros são: o de Material Bélico (QMB) o de Engenheiros Militares (QEM), o Complementar de Oficiais (QCO) e o Auxiliar de Oficiais (QAO). Os Serviços são: a Intendência, o de Saúde e Assistência Religiosa. Disponível em: <http://www.eb.mil.br/web/guest/armas-quadros-e-servicos>. Acesso em 25 Mar. 2106.

² Site oficial do Exército Brasileiro em: <http://www.eb.mil.br>. Acesso em 18 Fev. 2016.

Brasil. Os capítulos quatro e cinco formam o cerne do trabalho, nos quais são descritos e analisados os símbolos e os rituais. Os símbolos escolhidos foram os cultos aos Generais Penha Brasil e Pessôa, o uso da boina grená, do “*boot*” marrom, do brevê prateado e da águia. Os rituais destacados foram os desenvolvidos durante o Curso Básico Paraquedista, a Canção “Eterno Herói” e a confraternização conhecida como “Badernaço” e, finalmente, o brado “Brasil, acima de tudo”. No capítulo seis são analisados os resultados da pesquisa destacando os princípios estruturantes e as influências das tradições paraquedistas.

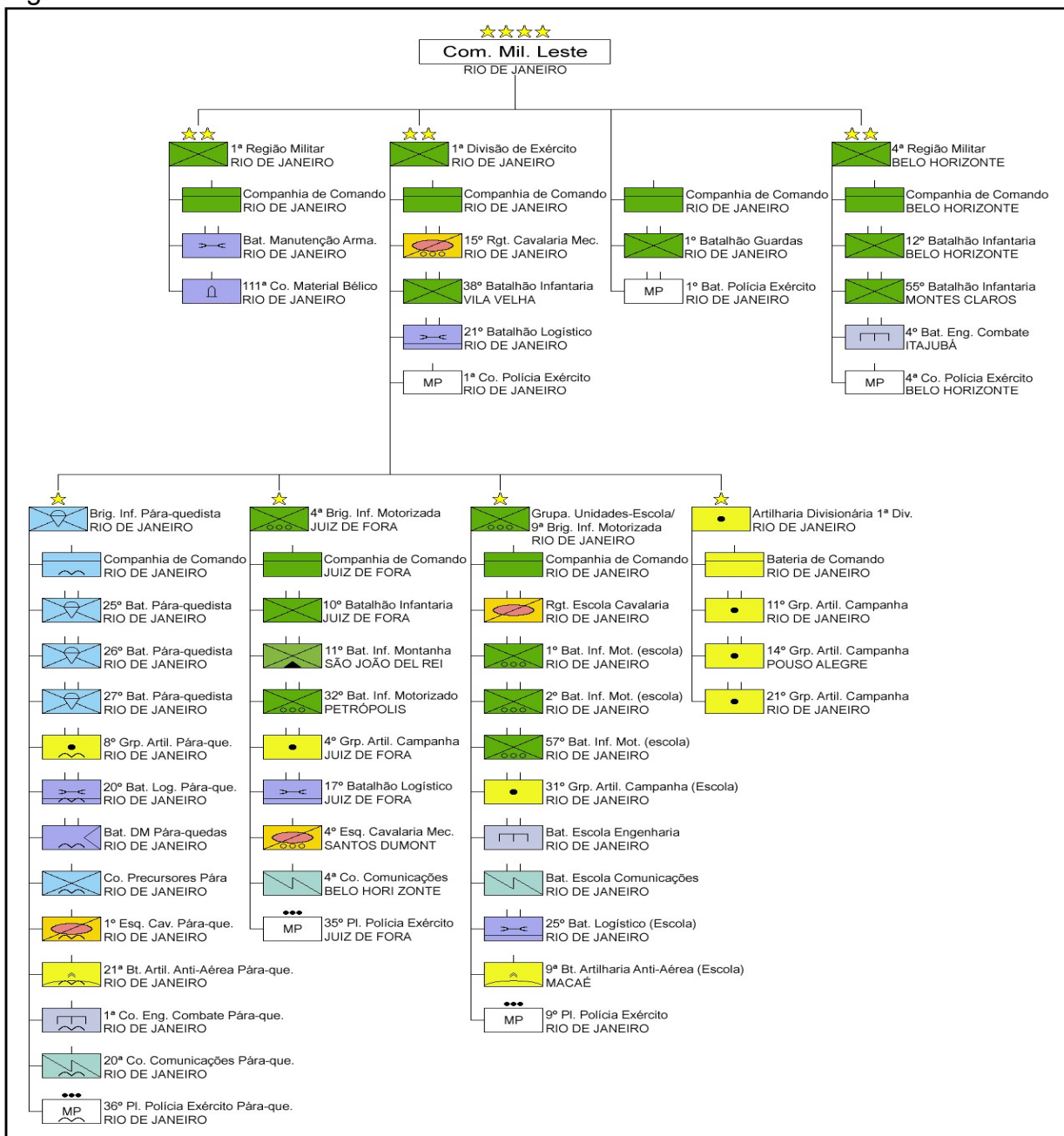
O estudo propõe responder à questão: Como surgiram as tradições paraquedistas brasileiras e, em que medida, suas permanências e rupturas influenciam na formação da identidade dos militares da Brigada de Infantaria Paraquedista? No transcurso da pesquisa foram levantados objetivos intermediários. Dentre eles, levantar o processo histórico de formação das tropas paraquedistas pelo mundo e no Brasil, identificar a origem, continuidades e rupturas dos rituais e símbolos dos militares da Brigada de Infantaria Paraquedista, compreender a influência das tradições na percepção de grupo e na memória e identificar, em que medida, tais tradições influenciaram o Exército Brasileiro.

Os paraquedistas são uma pequena parcela do Exército Brasileiro que possui o efetivo em torno de 220.000 integrantes para o ano de 2016.³ A Brigada de Infantaria Paraquedista, particularmente, possui em torno de 5.000 militares e, portanto, pouco mais de 2% do total, mas seu emprego peculiar como tropa estratégica que pode atuar em todo território nacional a coloca em um nível de importância maior que outras grandes unidades. Na estrutura da Força Terrestre a Brigada de Infantaria Paraquedista faz parte do Comando Militar do Leste (CML) que é responsável pelas tropas sediadas nos estados de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro.

Na figura 1, o organograma do CML permite ver a subordinação da tropa paraquedista, a qual não sofreu grandes alterações desde sua criação em meados da década de 1940.

³ DECRETO Nº 8.649, DE 28 DE JANEIRO DE 2016. **Distribui o efetivo de pessoal militar do Exército em tempo de paz para o ano de 2016.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8649.htm. Acesso em: 05 Mai. 2016.

Figura 1: Estrutura do Comando Militar do Leste



Fonte: <http://www.sgex.eb.mil.br/sistemas/organograma/organograma_cml.php>. Acesso em: 25 Mar. 2016.

A Brigada de Infanteria Paraquedista situada à esquerda na Figura 1 é uma das três brigadas orgânicas da 1ª Divisão de Exército, mas para fins de emprego está subordinada diretamente ao Comando de Operações Terrestres (COTER). Cabe ressaltar que no Exército existem também militares paraquedistas no Comando de

Operações Especiais, sediado em Goiânia- GO, mas o foco do trabalho será somente os que serviram na Escola de Paraquedistas/Núcleo de Formação da Tropa Paraquedista fundada em 1945, com seus diversos nomes até a Brigada de Infantaria Paraquedista dos dias atuais (ALMEIDA, 2002). Na Tabela nº1, estão os nomes das organizações militares com suas respectivas datas de criação.

Tabela nº1 – Unidades da Brigada de Infantaria Paraquedista.

Nome da Organização Militar	Data de Criação
25ºBatalhão de Inf Pqdt	26 de dezembro de 1945
26ºBatalhão de Inf Pqdt	26 de dezembro de 1945
27ºBatalhão de Inf Pqdt	26 de dezembro de 1945
Cia Comando da Bda Inf Pqdt	26 de dezembro de 1945
1ªCia Comunicações Pqdt	26 de dezembro de 1945
Batalhão de Dobragem e Manutenção de Paraquedas e Suprimento pelo Ar	26 de dezembro de 1945
Centro de Instrução Pqdt General Penha Brasil	26 de dezembro de 1945
8ºGrupo de Artilharia de Campanha Pqdt	26 de dezembro de 1946
1ª Cia de Engenharia de Combate Pqdt	10 de janeiro de 1951
Companhia de Precursores Pqdt	21 de fevereiro de 1951
Destacamento de Saúde Pqdt	31 de janeiro de 1969
20º Batalhão Logístico Pqdt	7 de novembro de 1972
21ª Bateria de Artilharia Antiaérea Pqdt	30 de novembro de 1976
1º Esquadrão de Cavalaria Pqdt	21 de dezembro de 1981
1º Batalhão de Forças Especiais	30 de setembro de 1983
33º Pelotão de Polícia do Exército Pqdt	1º de dezembro de 1996

Fonte: <http://www.bdainfpqdt.eb.mil.br/>. Acesso em 28 Fev. 2016.

Atualmente a “Brigada”, como é conhecida entre seus membros, é constituída pelo Comando da Brigada com sua Companhia e seus três batalhões de manobra (25º,26º e 27º Batalhões de Infantaria Paraquedista), o 1ºEsquadrão de Cavalaria Paraquedista, a Companhia de Precursores Paraquedista e os apoios formados pelo 8ºGrupo de Artilharia Paraquedista, o 20ºBatalhão Logístico Paraquedista, o Batalhão de Dobragem, Manutenção e Suprimento pelo Ar, a 20ªCompanhia de Engenharia Paraquedista, a 20ªCompanhia de Comunicações Paraquedista, o Destacamento de Saúde Paraquedista e o 33º Pelotão de Polícia do Exército Paraquedista. Além das unidades operacionais o Centro de Instrução Paraquedista General Penha Brasil é o local onde são formados e especializados os paraquedistas brasileiros.

Todas as unidades ficam localizadas na Vila Militar, no Bairro de Deodoro, na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro-RJ. Desde o ano de 1983 até 2004 o 1º Batalhão de Forças Especiais também fazia parte da Brigada de Infantaria Paraquedista e a partir daquele ano passou a integrar a recém-criada Brigada de Operações Especiais na cidade de Goiânia-GO.

O estudo das tradições paraquedistas visa, em certa medida, identificar o processo de construção da memória imaterial e material. De acordo com Castro (2002), a memória é seletiva e, portanto, alguns detalhes do passado podem ser esquecidos, involuntariamente e propositalmente, enquanto outros são exaltados e cultuados como importantes. Desta forma, o estudo busca interpretar também comportamentos ou atitudes. Nos últimos anos, por exemplo, houve na Estratégia Nacional de Defesa de 2008 a previsão de transferência da Brigada de Infantaria Paraquedista para o interior do Brasil conforme o trecho abaixo destacado:

(...)O Exército continuará a manter reservas regionais e estratégicas, articuladas em dispositivo de expectativa. As reservas estratégicas, incluindo paraquedistas e contingentes de operações especiais, em prol da faculdade de concentrar forças rapidamente, serão estacionadas no centro do País (BRASIL (b), 2008, p.25) (GRIFO NOSSO).

Os anos se passaram, algumas cidades foram levantadas como possíveis locais das novas instalações, mas a efetiva transferência para cidades como Anápolis-GO, Palmas- TO e Uberlândia-MG não se efetivou. Na versão da END de 2012 não vemos mais esta ordem e o texto abordou o assunto de uma forma bem mais branda, conforme vemos abaixo:

(...) O Exército continuará a manter reservas regionais e estratégicas, articuladas em dispositivo de expectativa. A articulação para as reservas estratégicas deverá permitir a rápida concentração de tropas. A localização das reservas estratégicas deverá ser objeto de contínua avaliação, à luz das novas realidades do País (BRASIL (c), 2012, p.14) (GRIFO NOSSO).

O texto indica que a localização deve ser “objeto de contínua avaliação”, ou seja, deixou de ser um imperativo. As tradições da Brigada de Infantaria Paraquedista e sua ligação com a cidade do Rio de Janeiro influenciaram tal decisão ou tais fatos não possuem nenhuma correlação?

Em episódios recentes como a ocupação do Complexo do Alemão, em novembro de 2010, para coibir atos de violência ocorridos na cidade do Rio de Janeiro, a

primeira tropa empregada foi a Brigada de Infantaria Paraquedista, por intermédio de uma Força-Tarefa⁴ chamada “CHIVUNK”, constituída de militares de várias unidades paraquedistas. No ano de 2014, o Exército recebeu a missão de pacificar o Complexo da Maré, no subúrbio carioca, e novamente os paraquedistas foram chamados para compor o primeiro contingente da missão. Esses são alguns exemplos do emprego desta tropa de ação rápida⁵ que possui grande importância para o Exército Brasileiro.

A pesquisa permite também analisar a interação dos paraquedistas com o restante do Exército, influenciando em outras tradições como no caso das tropas de operações especiais e de selva, dentre outras. O Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS), localizado em Manaus-AM, por exemplo, é unidade militar na qual seu primeiro comandante o Coronel Jorge Teixeira, era um ex-integrante da formação básica paraquedista. Alguns rituais do CIGS como a oração do Guerreiro de Selva e o Badernaço da Selva possuem ligação com as tradições paraquedistas (ALMEIDA, 2002).

⁴ Nome dado a uma unidade militar temporária criada para realizar uma operação ou missão específica. Disponível em: <http://fas.org/man/dod-101/navy/unit/task-group.htm> . Acesso em: 05 Mai. 2016.

⁵ Dados disponíveis em: <http://www.bdainfpqdt.eb.mil.br/>. Acesso em: 23 Fev. 2016.

1. REFERENCIAL METODOLÓGICO

Este capítulo tem por finalidade descrever os métodos da pesquisa. No tocante a forma de abordagem o trabalho será qualitativo tendo em vista a dificuldade de medir as tradições paraquedistas por intermédio de fórmulas ou análises estatísticas. O objetivo geral do estudo será classificado como descritivo e exploratório. A descrição dos símbolos e rituais será o primeiro passo para compreensão de seus significados e da importância deles na construção da identidade e da memória do grupo. De acordo com Gil (2006) um dos objetivos da pesquisa exploratória é analisar e interpretar os fenômenos estudados e, no caso em pauta, tais ações serão vistas na observação das rupturas e das permanências durante o processo histórico.

O procedimento metodológico julgado mais eficaz foi o estudo de caso. A pesquisa irá se concentrar em um caso particular considerado representativo de outros análogos. Severino (2007) considera que tema escolhido deve ser significativo, bem representativo e as análises devem ser rigorosas para autorizar inferências. A escolha dos paraquedistas foi pela importância estratégica que o Exército Brasileiro dedica para tal tropa desde sua criação até os dias atuais.

No tocante aos procedimentos técnicos a pesquisa adotará uma revisão bibliográfica e documental. As fontes foram selecionadas no Arquivo Histórico do Exército, Museu Aero terrestre, Arquivo Histórico da Brigada de Infantaria Paraquedista e nos acervos digitais da Fundação Getúlio Vargas e da Biblioteca Nacional.

As fontes selecionadas foram diversas, dentre elas, os relatórios do Ministério da Guerra ou do Exército, Registros Históricos das Organizações Militares Paraquedistas, Boletins do Exército, Boletins Internos, Noticiários do Exército, Normas Gerais de Ação Aero terrestres (NGA Aet), manuais militares, fotografias, jornais de circulação no estado do Rio de Janeiro⁶, entrevistas do Projeto História Oral da Brigada de Infantaria Paraquedista, dentre outras.

A partir da leitura e análise do material foi organizado um questionário

⁶ Jornal do Brasil, Correio da Manhã, Diário Carioca, O Fluminense e O Cruzeiro disponibilizados no acervo digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervodigital/>. Acesso em 27 Fev 2016.

exploratório para entrevistas com militares, de várias gerações entre os diversos postos e graduações, como ferramenta para pesquisa de campo. A utilização dos relatos e testemunhos como fonte cabe lembrar os ensinamentos de Thompson (1992) no tocante a metodologia da história oral. O autor salienta a importância da escolha dos informantes e planejamento das entrevistas. A importância da oralidade é descrita como:

“ Grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos” (THOMPSON, 1992, p.17).

A história oral permite também uma nova forma de documentos, diferentes das tradicionais fontes escritas e na pesquisa de temas contemporâneas conforme salienta Alberti:

“A história oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas” (ALBERTI, 1989, p.4).

Após as entrevistas forma enviados, por intermédio de uma mensagem em correio eletrônico, um questionário para militares paraquedistas com *e-mail* cadastrado no Departamento Geral do Pessoal (DGP). A finalidade foi mensurar a importância de alguns símbolos ou rituais e ampliar o alcance das entrevistas. A seguir descreveremos como ocorreu a revisão bibliográfica durante a preparação do projeto de pesquisa e os parâmetros da história oral, ou seja, das entrevistas orais e do questionário enviado por correio eletrônico.

1.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O presente subcapítulo pretende detalhar como foi realizada a revisão bibliográfica para a pesquisa. Nessa etapa foram priorizadas obras sobre a história da formação das tropas paraquedistas espalhadas pelo mundo e estudos acadêmicos a respeito das tradições.

A revisão nos mostrou que as primeiras tropas paraquedistas surgiram na antiga

União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) em 1930 (GLANTZ, 1984, p.8). O seu emprego real, em combate, se deu apenas com pequenas frações na invasão da Noruega, no ano de 1940, e com grandes unidades na Operação Mercúrio no ano seguinte. As duas ocasiões ocorreram nas forças armadas alemãs durante a Segunda Guerra Mundial (MIKSCHE, 1944, p. 40-41).

Desde o período da Segunda Guerra Mundial é possível encontrar uma vasta bibliografia sobre o emprego de tropas paraquedistas pelo mundo e na pesquisa destacamos algumas obras (MIKSCHE, 1944; RAPPORT, 1948; BERGOT, 1972; NORTON, 1973 e GLANTZ, 1984).

O estudo de Rapport (1948), por exemplo, permitiu compreender como as tropas paraquedistas dos EUA foram criadas, particularmente as *82^a e 101^a Airborne Division*⁷. A influência estadunidense em nossas tropas ocorreu desde o princípio quando o então Capitão Pessoa foi designado para realizar o curso de paraquedista militar em *Fort Benning*, no estado da Geórgia e, portanto, o estudo é essencial para pesquisa.

O trabalho de Bergot (1972) apresenta tradições de militares paraquedistas de diversas nações como França, Rússia e Estados Unidos da América. A obra possibilitou entender o significado de alguns símbolos e rituais, particularmente a importância do salto e uso da boina. O estudo permitiu também realizar comparações entre as tradições dos países citados. Dentre tais nações cabe destacar os franceses que influenciaram o Exército Brasileiro por intermédio da Missão Militar Francesa⁸ (1919-1940) durante décadas e, portanto, podem também ter alguma relação com as tradições dos paraquedistas brasileiros.

O trabalho de Norton (1973) detalha a formação dos paraquedistas britânicos. O estudo permite mostrar mais um exemplo de tropa aeroterrestre com suas tradições sendo importante, particularmente, pela relação histórica entre estadunidenses e britânicos.

Farrar-Hockley (1975) descreve a história dos paraquedistas militares alemães,

⁷ As duas Divisões Pqdt dos EUA foram ativadas no ano de 1942. (RAPPORT, 1948, p. 11-22)

⁸ Missão contratada em setembro de 1919 pelo governo brasileiro para auxiliar na instrução e modernização do Exército. Dados disponíveis em: http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira_republica/MISS%C3%83O%20MILITAR%20FRANCESA.pdf. Acesso em 07 Mai 2016.

particularmente, a trajetória do General Kurt Student pioneiro da atividade na Alemanha. A obra também mostra o emprego da tropa destacando suas ações na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Os alemães tiveram um grande protagonismo porque foram os primeiros a utilizar a nova técnica em combate e seu sucesso impulsionou a criação de unidades paraquedistas pelo mundo. Cabe ressaltar que o então Tenente Pessôa teve contato com as tropas paraquedistas alemãs na década de 1930 e, portanto, é possível que os germânicos tenham influenciado nossas tradições.

No Brasil existe uma pequena quantidade de obras voltadas especificamente para as tropas paraquedistas. A obra de Gonçalves (2015) apresenta uma cronologia dos principais fatos da Brigada de Infantaria Paraquedista e permite traçar uma linha do tempo com os acontecimentos e relacioná-los com a criação de cada símbolo ou ritual. A biografia do General Roberto de Pessôa, pioneiro do paraquedismo militar do Brasil, escrita por Loureiro (2003) também fornece subsídios para pesquisa tendo em vista que a vida de tal militar, em certa medida, se confunde com a história das tropas aeroterrestres no país.

A fim de contribuir com o tema foi realizada uma pesquisa em trabalhos acadêmicos na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME)⁹. Foram encontradas 9 monografias¹⁰ que, em sua maioria, tratam sobre assuntos voltados para

⁹ Pesquisa realizada em: <http://redebic.decex.ensino.eb.br/biblioteca/>

¹⁰ ALMEIDA, Eduardo Lemos Pereira de. **A viabilidade do emprego da aviação do exército em apoio à Brigada de Infantaria Paraquedista**. 2015. 58 f. TCCP (especialização em Ciências Militares) - ECEME, Rio de Janeiro, 2015.

ALMEIDA JUNIOR, Mauro José de. **A especialização e o adestramento aeroterrestre da tropa paraquedista por intermédio do simulador virtual de lançamento**. 2014. 48 f. TCCP (especialização em Ciências Militares) - ECEME, Rio de Janeiro, 2014.

BOTTINO, Alfredo de Andrade. **O emprego da brigada de infantaria paraquedista no teatro de operações amazônico: um estudo sobre sua eficiência operacional**. Monografia. ECEME, Rio de Janeiro, 2004.

COSTA, Gustavo Monteiro Muniz. **A capacidade da Brigada de Infantaria Paraquedista em constituir a Força Expedicionária do Exército Brasileiro**. 2014. 45 f. TCCP (especialização em Ciência Militares) - ECEME, Rio de Janeiro, 2014.

MENINEA, Vitor Hugo. **O apoio administrativo à Brigada de Infantaria Paraquedista peculiaridades**. Monografia. ECEME, Rio de Janeiro, 1992.

OTTONI, Jeandré Magnone. **A aplicabilidade da modularidade logística às operações de Garantia da Lei e da Ordem desenvolvidas pela Brigada de Infantaria Paraquedista**. 2014. 117 f. TCCP (especialização em Ciências Militares) - ECEME, Rio de Janeiro, 2014.

PIO, Fábio Steven de Melo. **A formação do oficial, subtenente e sargento paraquedistas e o preparo para o emprego da Brigada de Infantaria Paraquedista em operações de assalto aeroterrestre**. 2015. 71 f. TCCP (especialização em Ciências Militares) - ECEME, Rio de Janeiro, 2015.

tática militar.

Além dessas, dois trabalhos possuem uma relação mais próxima com o estudo. As monografias intituladas “O estudo da NGA da 82ª Divisão Paraquedista dos EUA” de Avelino (1991) e “A Tropa Paraquedista do Exército Alemão na década de 1990” de Boehnhardt (1985) forneceram informações sobre outras tropas paraquedistas e auxiliaram na comparação das tradições brasileiras com tais países.

As monografias de Lima Filho (1993) com o título “Pará-quedismo militar no Brasil: origem, histórico e reflexos na atualidade” e Almeida (2002) com o nome “A evolução histórica da Brigada de Infantaria Paraquedista” possuem uma ligação direta com o estudo. Os subsídios dessas obras auxiliaram na compreensão da criação da tropa e, conseqüentemente, de suas tradições.

No tocante ao tema tradições foi também realizada uma pesquisa em artigos de revistas acadêmicas. Os temas foram relacionados a história oral, construção da memória, tradições inventadas e espaço para evocação do passado.

A temática explorada por Meihy (2006) em seu artigo buscou diferenciar a história oral da simples utilização das técnicas de entrevistas de cunho testemunhal. O autor enfatizou a importância de utilizar os relatos do passado para “compreender para explicar”, ou seja, os dados obtidos não significam a realidade, mas sim um dado que deve ser “transformado”. Nas entrevistas da pesquisa esse cuidado deverá ser levado em consideração, os relatos do passado não devem ser literalmente transcritos como algo inquestionável, mas sim analisados e associados a outras entrevistas e fontes diversas explicar determinado fenômeno.

Segundo Joutard (1999) existem três motivos que impulsionam a história oral: escutar a voz dos excluídos, apontar a luz para as realidades indescritíveis e dar testemunho as situações de sofrimento extremo. No estudo em pauta as fontes oficiais normalmente podem deixar de lado atores considerados “menores” e, portanto, aliados do processo histórico. O uso da história oral buscará suprir essa lacuna e explorar as vozes dos excluídos, no caso das tradições paraquedistas ao entrevistar sargentos,

VASCONCELOS, Cleber Nunes de. **O Batalhão de Precursores: uma proposta**. Monografia. ECEME, Rio de Janeiro, 2006.

_____. **A Companhia de Precursores Paraquedista: uma proposta de modificação em sua estrutura**. Monografia. ECEME, Rio de Janeiro, 2001.

cabos e soldados que podem ter impressões distintas sobre o tema.

No trabalho de Scheidt (2002) sobre a construção da memória da Revolução Farroupilha o autor destaca que o texto histórico é uma representação. A noção de que toda produção historiográfica é um posicionamento do seu autor, com suas visões de mundo e atrelado ao contexto da época que foi escrita. Tal premissa é importante na análise de qualquer fonte histórica e torna imperativo saber quem escreveu tal texto, em que momento e quais as intenções. Nessa perspectiva a construção da memória está diretamente ligada a luta política na qual os vencedores impõem as suas tradições.

Oliveira (2003) em seu artigo discute as relações que historicamente se estabeleceram entre o Museu Paulista da USP e seus frequentadores criando tradições em torno da Independência do Brasil. No caso do estudo das tradições paraquedistas podemos estabelecer uma relação com o Museu Aeroterrestre, criado na década de 1980, e que influencia na preservação da memória dos paraquedistas brasileiros.

1.2 HISTÓRIA ORAL-TESTEMUNHOS

A visão que os militares paraquedistas possuem de si mesmo é uma importante ferramenta para mensurar a importância de suas tradições e complementar as lacunas da pesquisa documental. Neste intuito foram realizadas entrevistas orais com militares paraquedistas com endereço disponível para consulta no Departamento Geral do Pessoal (DGP)¹¹ e “virtuais” por meio de questionário enviado por correio eletrônico.

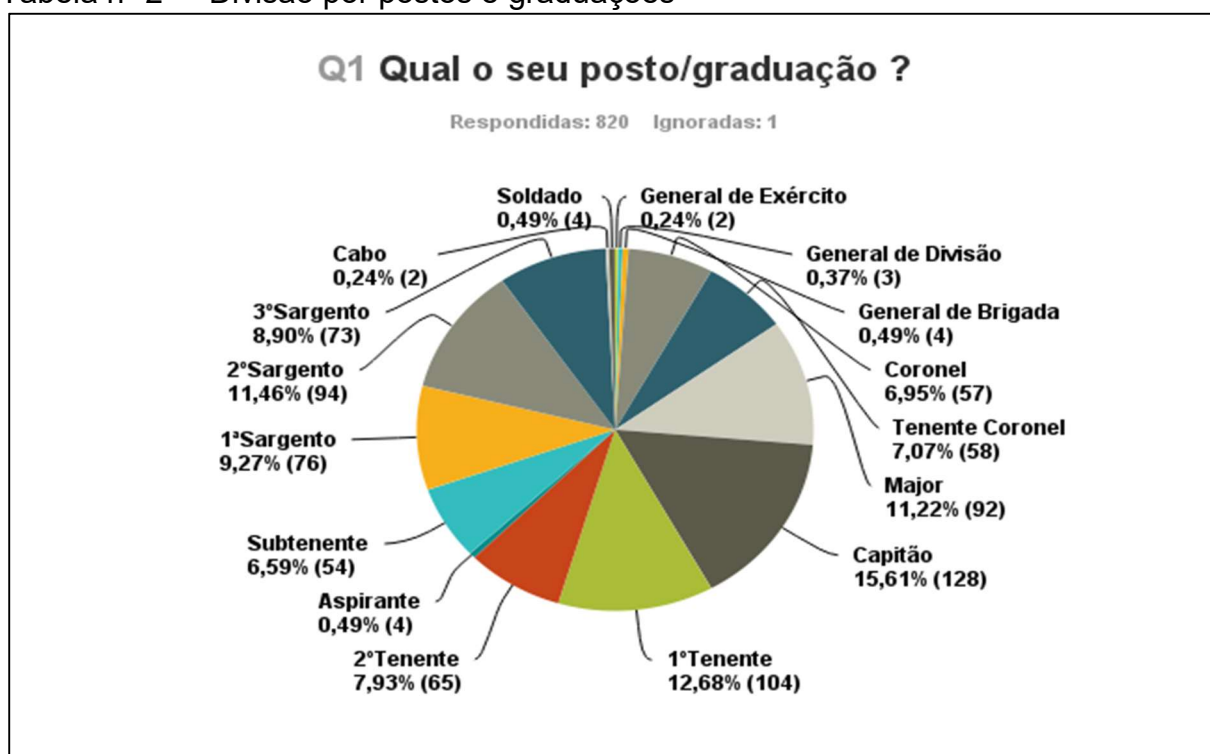
Os critérios para definir as entrevistas orais foi o espaço temporal de, no mínimo, cinco anos na atividade paraquedista e militares que realizaram o Curso Básico até entre os anos de 1949 até 1990. A primeira condicionante teve por objetivo escolher os que vivenciaram, por um tempo considerável de suas carreiras as tradições. A segunda decorre do fato que nas entrevistas “virtuais” como veremos mais adiante, houve uma concentração nas décadas a partir de 1990 e, portanto, essa foi uma forma de buscar um equilíbrio temporal entre as ferramentas.

O questionário da entrevista oral possui vinte e cinco questões. A primeira parte

¹¹ Acesso disponível apenas para militares em: <http://portal.dgp.eb.mil.br/almq1/acesso.asp>. Acesso em: 19 Abr. 2016.

com seis perguntas visa colher os dados pessoais que atendam os dois critérios estabelecidos. A segunda parte com 10 questões tem por objetivo que o entrevistado por meio de uma linha do tempo conte como foi a realização do Curso Básico Paraquedista focalizando os detalhes dos rituais realizados. Na terceira seção com 5 perguntas o foco será os símbolos paraquedistas e as atividades realizadas após o término da formação paraquedista. Por fim, a última fase da entrevista tem como objetivo questionar sobre a relação do paraquedista entre si e com outros militares. A seguir vemos o gráfico com o quantitativo por postos e graduações:

Tabela nº 2 - Divisão por postos e graduações



Fonte: <<https://pt.surveymonkey.com/analyze/>>. Acesso em 02 Nov, 2016.

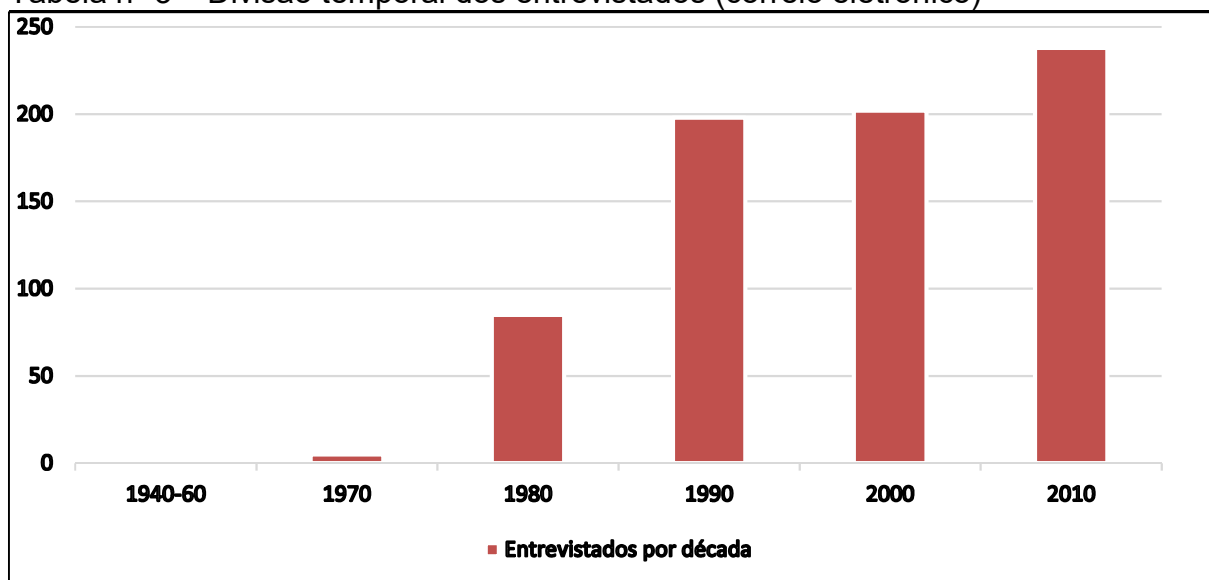
A intenção da ferramenta foi dentro de um erro amostral de 5% (valor normalmente adotado pelos pesquisadores) e nível de confiança de 99% obter, no mínimo, 659 respostas¹². Então foram enviadas 4925 mensagens por meio do endereço

¹² SANTOS, Glauber Eduardo de Oliveira. **Cálculo amostral**: calculadora on-line. Disponível em: <<http://www.calculoamostral.vai.la>>. Acesso em: 02 Nov. 2016.

virtual¹³ da pesquisa e obtidas 821 respostas, ou seja, os níveis quantitativos esperados foram ultrapassados.

Nas graduações de 3º Sargento e 2º Sargento existe um quantitativo não definido de militares do Quadro Especial que realizaram o Curso Básico como Cabo ou Soldado e entre os postos de Capitão, 1º Tenente e 2º Tenente existe militares do Quadro Auxiliar de Oficiais que realizaram o curso quando eram Sargentos ou Subtenente. Independente desses detalhes vemos que foram 514 oficiais (63%) e 301 praças (37%). O Gráfico nº2 mostra a divisão temporal, por décadas, dos militares que responderam à pesquisa.

Tabela nº 3 – Divisão temporal dos entrevistados (correio eletrônico)



Fonte: <<https://pt.surveymonkey.com/analyze/>>. Acesso em 20 Out. 2016. Adaptado pelo autor.

A data de realização do Curso Básico ficou concentrada nas últimas décadas. Até os anos 1980 tivemos o total de 91 entrevistados (11%). A maioria dos militares da entrevista “virtual” foi do período a partir da década de 1990 até os dias atuais (89%). E assim tendo em vista essa disparidade optamos por priorizar as entrevistas orais no sentido oposto, ou seja, entre as décadas de 1940 até 1980 permitindo uma complementariedade entre as ferramentas.

¹³ <https://pt.surveymonkey.com/>

O questionário “virtual”, constante no final do trabalho, possui uma estrutura mais reduzida com respostas rápidas para obter uma maior adesão. Na introdução existe uma apresentação do autor e da obra e, posteriormente, 10 perguntas com uma estrutura similar a entrevista oral¹⁴. A primeira parte para dados pessoais e de incorporação da tropa paraquedista e, nas fases seguintes, perguntas sobre os rituais, símbolos e conclusões a respeito da relação entre os paraquedistas e os outros militares. Após a exposição da metodologia da pesquisa veremos no próximo capítulo o arcabouço teórico relacionado ao estudo das tradições que balizou o trabalho.

¹⁴ Ver Anexo “B” (entrevista pelo correio eletrônico), p.102.

2. O ESTUDO DAS TRADIÇÕES NAS FORÇAS ARMADAS

2.1 TRADIÇÕES MILITARES

O estudo das tradições é um vasto campo da Antropologia, com renomados pesquisadores e obras clássicas como Geertz, Malinovisk, Lévi-Strauss dentre outros. Todavia, esta não é uma pesquisa antropológica, e mesmo utilizando de conceitos e autores oriundos desta área do conhecimento o trabalho se apoia, majoritariamente, na História para construir as bases teóricas para a compreensão e análise do tema.

A História possui uma ligação muito antiga com o estudo das tradições. Burguière (2005) salienta que:

Essa preocupação é tão antiga quanto o espírito histórico. Esqueceu-se sobremaneira que Heródoto, o pai da História, na “enquete” que empreendia “para que o tempo não venha a abolir os trabalhos dos homens”, sentia-se a necessidade de descrever em detalhes os costumes dos lídios, dos persas, dos massagetas ou dos egípcios para explicar o conflito entre os gregos e os bárbaros (BURGUIÈRE, 2005, p.170) (GRIFO NOSSO).

A antropologia histórica, segundo o autor, seria uma forma de conquistar a “história por baixo”, isto é, “pelos ritos que impregnam a vida cotidiana” (BURGUIÈRE, 2005, p.200). Ele cita também que o historiador Legrand d’Assay, na obra *História da Vida Privada do Franceses*, publicada em 1782, já salientava a importância do tema:

A história dos costumes não se exprime, para ele (Legrand d’Assay) através de um encadeamento de fenômenos pitorescos e de inovações, mas por uma mistura constante de comportamentos herdados (portanto de permanências) e de fenômenos de adaptação ou de invenção (BURGUIÈRE, 2005, p.170) (GRIFO NOSSO).

Um conceito importante para o estudo das tradições, citado na introdução da pesquisa, é o da “invenção” descrito por Hobsbawm e Ranger (1997). Inicialmente aos leigos pode parecer que o termo atribuiria a determinada tradição uma conotação “mentirosa ou falsa”, pois o ato de “inventar” segundo o dicionário é “criar na imaginação” e, portanto, poderia não ser algo totalmente fidedigno. Por outro lado, vemos que os autores não tinham essa intenção quando dizem:

(...) por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas: tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade com relação ao passado” (HOBBSAWM e RANGER, 1997, p.9).

As tradições inventadas possuem regras tácitas ou abertamente aceitas, ou seja, são reguladas por princípios que pretendemos encontrar por meio da análise dos símbolos e rituais. Elas também são produzidas por diversos grupos sociais e visam expressar coesão e estabilidade por intermédio de um conjunto de práticas que permitem uma ligação com um passado real ou forjado. As práticas são normalmente fixas e formalizadas posteriormente com o uso da repetição. Esse traço da tradição a diferencia dos “costumes”, que normalmente variam com o tempo e um exemplo claro é que, “Costume” é o que fazem os juízes; “tradição” (no caso, tradição inventada) é a peruca, a toga e os outros acessórios e rituais formais que cercam a substância, que é a ação do magistrado (HOBSBAWM e RANGER, 1997, p.10).

A tradição, segundo a visão dos autores, é uma “ponte que liga o presente com o passado com a intenção de influenciar valores e comportamentos” do grupo. A sua criação ou invenção ocorre em determinado momento histórico e, posteriormente, ela é repetida constantemente normalmente de uma maneira fixa e invariável (HOBSBAWM e RANGER, 1997, p.10-11).

O segundo traço da “tradição” é o fato dela possuir uma “função simbólica e ritualística”. O intuito é “formalizar e ritualizar o passado”. A origem pode ser centrada em uma única pessoa ou estar mesclada com “costumes” que em determinado momento foram oficializados (HOBSBAWM e RANGER, 1997, p.12-14).

Qual a importância do estudo das tradições para um historiador? Hobsbawn e Ranger (1997) salientam que “o assunto permite mostrar indícios, sintomas e indicadores de um grupo social que de outra forma dificilmente seriam detectados no tempo” e também pode “mostrar como são as relações humanas com o passado”. As tradições usam a história como legitimadora das ações e funcionam como um “cimento” de coesão social e, portanto, seu estudo deve levar em consideração o contexto histórico antes de tudo (HOBSBAWM e RANGER, 1997, p. 20-21).

O General Bouchacourt, militar francês que participou da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), destaca a importância de “criar tradições” no meio militar ao referir-se a legião estrangeira ele diz: “É necessário encontrar e explorar, ou então criar tradições, particularidades de apresentação, de denominação, de conduta. O essencial

é que ela se distinga e que qualquer um, vendo-a, diga com segurança: Estes que avançam são legionários!” (BOUCHACOURT, 1951, p.26) (GRIFO NOSSO).

No início do século XXI Castro (2002) realizou um estudo sobre tradições focalizando o Exército Brasileiro. O livro “A invenção do Exército” também utilizou o conceito consagrado por Hobsbawm e Ranger, mas teve uma interpretação particular. Na sua pesquisa, o antropólogo brasileiro descreveu o surgimento do culto a Caxias como patrono do Exército Brasileiro, as comemorações da vitória sobre a Intentona Comunista de 1935 e o dia do Exército. Ele considerou que as tradições normalmente não são fixas e são reinventadas, com significados distintos ou não, no decorrer do tempo através de um processo repetitivo de seus ritos e símbolos.

A partir da visão de Castro (2002) torna-se importante não só identificar como as tradições surgiram, mas também acompanhar seu trajeto durante o tempo histórico. Ele declarou que existe uma “tradição da invenção” e que os símbolos e rituais são permanentemente atualizados em diferentes contextos históricos, discordando em parte no tocante a invariabilidade das “tradições inventadas”.

Outro autor que pesquisou as tradições no Exército Brasileiro foi Frank McCann (2007). Ele destacou a influência francesa na adoção dos patronos simbólicos entre os anos de 1923 e 1938. Um dos exemplos mais importantes ocorreu quando em:

“(...) Janeiro de 1925, a turma que se formou na Escola Militar do Realengo, encantada com o uso de patronos simbólicos pelo Exército Francês, escolheu como patrono o único duque do Império e seu maior general”. Durante a missa de ação de graças pela formatura, os estudantes distribuíram “santinhos” com a efigie do duque e uma lista de suas vitórias. A ascensão de Caxias foi favorecida pela decisão dos estudantes do Realengo de adotá-lo como patrono. Mais tarde, o ministro Setembrino, que assistirá a missa, ordenou que o aniversário de Caxias fosse comemorado como dia do soldado (McCANN, 2007, p.522-524).

McCann descreveu o início do processo que culminaria com adoção do Duque de Caxias como patrono do Exército Brasileiro e, posteriormente, da escolha de outros militares para patronos das armas e homenageados pelas turmas de formação nas academias militares do Realengo e, posteriormente, das Agulhas Negras a partir de 1944.

No estudo das tradições militares é necessário também compreender as peculiaridades da profissão das armas. O historiador Raoul Girardet que foi, dentre

outras funções, professor docente da Escola Militar Especial de *Saint-Cyr* na França teve grande contato com o estamento militar. Ele apresenta características gerais da identidade do soldado que auxiliam na compreensão das particularidades da caserna quando diz:

(....) A aceitação total das leis e da disciplina militar pode ser uma forma de renúncia, de esquecimento completo de si mesmo diante de exigências mais altas, Tudo o que ela supõe de abnegação, tudo o que ela reclama de espírito de sacrifício (...) eles se apagam, despojam-se e rejeitam o melhor de si mesmos (GIRARDET, 2000, p.74).

Os militares possuem características comuns como o fiel acatamento a disciplina e hierarquia. Os soldados vivem um processo peculiar de socialização tendo em vista que fazem de uma instituição totalizante¹⁵ como afirmou Goffman (1999) e Foucault (1979).

Foucault (1987) em uma de suas obras clássicas descreveu traços que caracterizavam uma ruptura, particularmente entre os séculos XVII e XVIII, na formação dos soldados quando disse:

“... Eis como ainda no início do século XVII se descrevia a figura ideal do soldado. O soldado é antes de tudo alguém que se reconhece de longe; que leva os sinais naturais de seu vigor e coragem, as marcas também de seu orgulho: seu corpo é o brasão de sua força e de sua valentia... segunda metade do século XVIII: o soldado tornou-se algo que se fabrica; de uma massa informe, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa; corrigiram-se aos poucos as posturas; lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, se assenhoreia dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível, e se prolonga, em silêncio, no automatismo dos hábitos; em resumo, foi “expulso o camponês” e lhe foi dada a “fisionomia de soldado”(FOUCAULT, 1987, p,162).

A revolução industrial teria, segundo ele, modificada o processo de formação do soldado. O militar agora não precisaria mais ter um porte físico específico porque seria “fabricado” em série. Foucault considera também que os treinamentos de ordem unida, a excessiva preocupação dos militares com a postura, particularmente no tocante as instruções com os recrutas, tem a finalidade de “moldar” os corpos e transformá-los em “dóceis” e “disciplinados” para exercerem de forma mais eficaz a sua função de

¹⁵ O conceito foi utilizado pela primeira vez em 1957 pelo sociólogo canadense Erving Goffman para designar “um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada. Goffman inclui quartéis e academias militares como exemplos de instituições totais. Disponível em: <<http://dissertandouff.blogspot.com.br/2010/01/goffman-e-os-militares-sobre-oconceito.html>>. Acesso em 28 Mar 2016.

soldado.

Por fim, vemos que dentro das forças armadas existem subgrupos bem definidos com algumas particularidades, a tropa paraquedista é um exemplo que detalharemos suas tradições a seguir.

2.2 TRADIÇÕES PARAQUEDISTAS

No Brasil um estudo importante sobre os militares foi realizado por Castro (1990). Ele fez uma pesquisa antropológica pioneira no país, nos últimos anos da década de 1980, na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), local onde são formados os oficiais da linha bélica do Exército Brasileiro. Na AMAN permaneceu por vários meses tendo observado a rotina, hábitos, costumes e tradições dos militares e entrevistou diversos cadetes para compreender o que ele denominou de o “espírito militar”.

O “espírito militar”, em certa medida, influencia todo Exército Brasileiro. Os cadetes da AMAN, que no futuro serão oficiais¹⁶, no final do curso são transferidos por todo o país e a partir daí participam das tropas que a força terrestre possui. Dentre elas integram também a tropa paraquedista que é o objeto central da pesquisa.

Novamente salientamos que os militares paraquedistas estão incluídos dentro de um grupo maior que é o Exército Brasileiro. Sendo assim o “espírito militar” possui ligação direta com o “espírito paraquedista”. Na pesquisa de Castro (1990) o primeiro passo foi traçar um paralelo entre militares e civis na visão dos alunos daquela instituição de ensino militar. A conclusão dele foi de que:

A comparação entre “aqui dentro” e “lá fora” é recorrente no discurso dos cadetes, e serve para o estabelecimento de distinções entre civis e militares. Uma ideia subjacente a essas comparações é de que existem atributos morais e físicos que distinguem e tornam reconhecíveis os militares mesmo quando eles não estão usando a farda (CASTRO, 1990, p. 30).

Da mesma forma, no estudo das tradições paraquedistas estabelecer a relação entre um civil e o soldado é importante. Castro verificou o uso constante do termo

¹⁶ O Exército Brasileiro é dividido entre oficiais e praças. Os oficiais são divididos entre os postos de 2ª Tenente, 1º Tenente, Capitão, Major, Tenente-Coronel, Coronel, General de Brigada, General de Divisão e General de Exército e Marechal (tempo de guerra apenas). Disponível em: <http://www.eb.mil.br/postos-e-graduacoes/>. Acesso em: 14 Abr. 2016.

“paisano” quando os militares se referiam aos civis em suas entrevistas. A palavra, segundo ele, “tem sua origem no francês *paysan* e significa camponês ou rústico”, e, segundo ele, “a expressão seria uma forma depreciativa de tratar os que não fazem parte da sociedade militar”. Da mesma forma destacou ele que a palavra “milico” seria utilizado por civis com a mesma intenção (CASTRO, 1990, p.31).

De qualquer forma não há dúvida, tanto para militares como para civis, de que existem diferenças em ambos os meios. O militar passa por um processo de socialização distinto dos civis valorizando a hierarquia e disciplina e adquire hábitos, costumes e tradições que o diferenciam. John Keegan, um historiador militar britânico, que foi professor na Real Academia Militar de *Sandhurst* descreve os militares assim:

“Eu achava que o exército era uma coisa só. Naquela noite dei-me conta de que não era. Eu ainda tinha que aprender que as diferenças externas falavam de diferenças internas muito mais importantes. Os regimentos, descobri, definiam-se sobre tudo por sua individualidade, e era essa individualidade que faziam deles as organizações de luta cuja eficácia em combate era proclamada pelas medalhas e cruzes que eu via a minha volta” (KEEGAN, 2006, p.15).

Ele percebeu durante o convívio com os militares que cada regimento ou batalhão possui características próprias. A arma ou qualificação possui uma ligação direta com o “espírito” que cada militar adquire na sua vida de caserna, seja ele praça ou oficial. Outro detalhe salientado por Keegan é o uso de distintivos e uniformes pelos militares com seus respectivos significados. Ele afirma que:

“Aqueles que tinham sido de cavalaria continuavam a usar com os trajes de passeio as botas de verniz com canhão de marroquim pertencentes a seus uniformes de lanceiros ou hussardos. Aquilo me alertava para um paradoxo de que os uniformes não eram uniformes, que os regimentos se vestiam de maneira diferente” (KEEGAN, 2006, p.15).

Aqui vemos novamente que os soldados não são iguais. O uso de peça em um uniforme específico, no caso a bota de verniz, mesmo que não fosse mais para sua função inicial, possuía um valor simbólico que distinguia o cavalarião, por exemplo, dos demais. No caso do paraquedista existem vários símbolos que o diferenciam como a boina grená, o “boot” marrom e brevê prateado.

O tribalismo é outra marca dos militares destacada por Keegan (2006). Ele considera que o regimento ou batalhão é para muitos exércitos uma tribo onde deve prevalecer o espírito de corpo e união dos integrantes. A finalidade, segundo ele, seria formar uma coesão para enfrentar as dificuldades em um campo de batalha. A Brigada

de Infantaria Paraquedista possui diversas unidades, mas todas localizadas na Vila Militar, no Bairro de Deodoro, no subúrbio do Rio de Janeiro e, portanto, existe uma grande interação entre os quartéis paraquedistas de forma semelhante a um “grande batalhão ou regimento”.

No tocante ao soldado paraquedista vemos que ele passa por um processo específico de socialização nos quartéis, mas como é possível diferenciá-lo dos demais combatentes? A resposta para tal indagação parece ser um tanto óbvia pois o que difere o paraquedista do “pé-preto”¹⁷ é a possibilidade de em operações ou exercícios militares saltar de uma aeronave em pleno voo.

O salto, portanto, é uma atividade de grande importância para os paraquedistas pois o diferencia de outros soldados que não possuem tal capacidade. O primeiro salto possui um valor simbólico diferenciado, pois é o momento de transformação no qual o soldado ganha o novo status. Bergot (1972) resume o primeiro salto desta forma:

(...) Dé pé, enganchar! Desajeitados, enervados, em pânico, os voluntários, chocando-se, fixam seu mosquetão em um cabo central. Um a um, o monitor verifica o enganche e manifesta o seu acordo com uma palmada no ombro. O voluntário vacila. É o momento – a luz, perto da porta, passou para o vermelho. A perna esquerda a frente, um estranho bailado, como que deslizando, atrapalhados e desajeitados, os voluntários, aproximam-se da porta. Verde. Os corações saltam nos peitos. Chegou a altura. – *Go!* Com um vigoroso empurrão nas costas, o auxiliar de largada expede o primeiro do grupo para as nuvens. Dele nada resta senão a correia de abertura que se estica. De repente. Como a corda de um enforcado. *Go! Go! Go!* – Chegou a minha vez. Aproximando-nos da porta, sem se saber se o pé que pomos à frente é o que convém. Já não se consegue pensar, só se sabe que se vai...que se vai...O resto perde-se no meio de uma sensação esquisita”(...) (BERGOT, 1972, p.23-25).

A descrição de momentos, antes do primeiro salto, mostra a tensão que antecede a saída do avião. A busca para lembrar os ensinamentos do curso básico e o nervosismo é definido em uma frase – Já não se consegue pensar – mas enfim chega à sua vez de saltar e continua a descrever assim:

E depois, muito depois – não são de facto, mais do que três segundos, repentinamente é a libertação. Uma manápula de gigante agarra-se pelos ombros e parece que nos puxa para cima. Obrigado! Oh, obrigado! Está-se contente. Reconhecido também. Ao pará-queda que se abriu, à funcionária que o dobrou, ao monitor, aos camaradas... A toda a gente. Está-se tão contente que, de repente, é como se amássemos, todo o mundo. E depois, muito rapidamente, demasiado rapidamente, é o solo. O solo onde tudo

¹⁷ Nome que os instrutores na Área de Estágios do Centro de Instrução Paraquedista General Penha Brasil chamam o candidato do curso básico, referindo-se ao coturno preto utilizado pelas tropas não paraquedistas.

começa. A dobragem, as corridas intermináveis, as obrigações, o cotidiano. Durante um minuto, julgámo-nos um semideus, mas também rapidamente nos tornamos num tipo normal entre tantos outros tipos normais, Sim, mas... Só perante os outros. Porque, a partir de agora, o mundo divide-se em duas partes: os que saltam – portanto aqueles que sabem, aqueles com que se pode falar sem problema – e os outros, os ignaros (BERGOT, 1972, p,23-25).

O paraquedista vive, na visão do autor, um grande dilema. No ar sente-se um “semideus” porque com o paraquedas aberto tem a sensação de voar, atributo não permitido aos outros, mas quando chega ao solo novamente volta a ser um soldado normal. Portanto, o fato de poder saltar em uma aeronave militar em voo torna o paraquedista diferente dos demais.

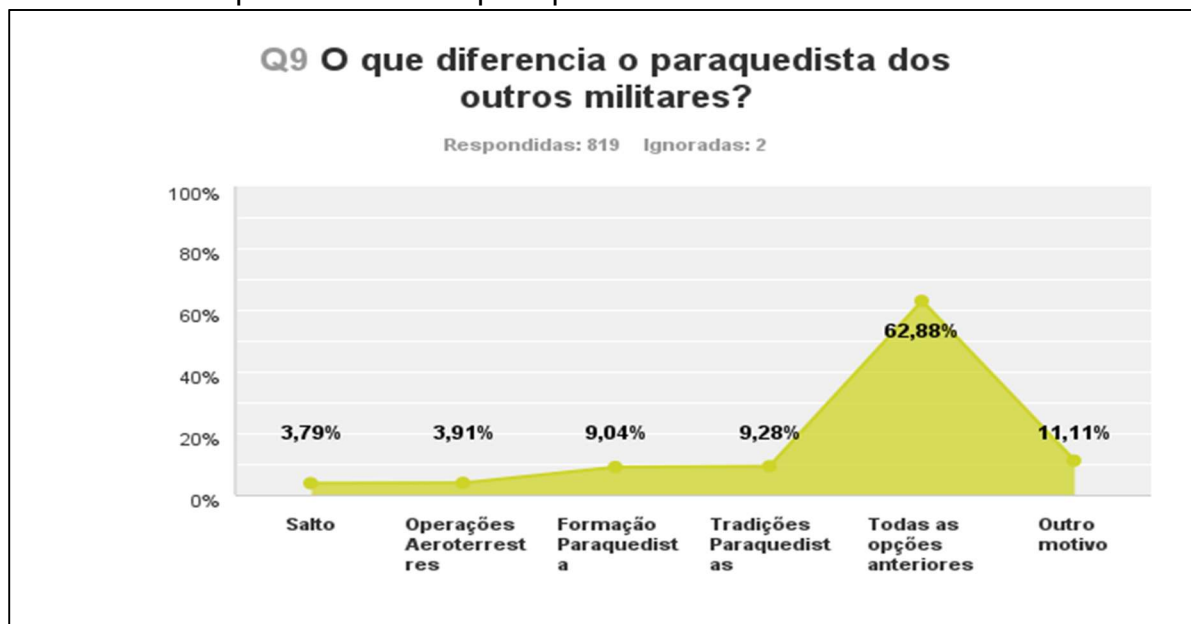
O Coronel Celso Fabiano Vianna Braga, em sua entrevista, ressalta também a importância do discurso na construção de que o paraquedista é um militar diferente dos demais quando diz:

“O que diferencia é o que você diz para ele, você vai mandar o camarada saltar de uma aeronave militar em voo, você vai...em última análise é isso colocar o cara atrás das linhas inimigas para durar 72 horas e vai dizer que ele é igual ao outro, ele não vai! Vem cá, então você tem de dizer para o cara o seguinte, você é melhor que o outro, você sofreu um processo, eu vejo exatamente isso, porque se a gente for analisar, se você for, qualquer, vamos falar em uma comunidade, um cara que mora em uma casa e o outro na outra, um foi servir ali no “Rei” e o outro foi para “Brigada”, jogaram bola juntos, alimentação semelhante, por que que um é melhor que o outro? Não é melhor, mas você diz para ele que ele é melhor e cria condições para que ele seja melhor (BRAGA, 2016) (GRIFO NOSSO).

A tradição atua na estruturação do discurso de superioridade descrito pelo Coronel Braga com o objetivo de reforçar no imaginário coletivo do grupo que o paraquedista é melhor que os outros soldados. Obviamente esse não é o único elemento, pois está associado a outros fatores como a formação diferenciada e a constante de valorização da condição de combatente aeroterrestre. Os símbolos e rituais possuem, no campo simbólico, a função de diferenciar o soldado paraquedista e fazer que ele acredite nisso e seja capaz de realizar missões mais difíceis.

Na pesquisa enviada pelo correio eletrônico a última questão abordava a diferenciação dos paraquedistas. A intenção da pergunta foi mensurar a importância do salto, das operações aeroterrestres, da formação e das tradições paraquedistas. Além disso existia a possibilidade de optar pelas quatro opções de forma conjunta. A Tabela nº4 mostra as respostas.

Tabela nº 4 – O que diferencia os paraquedistas?



Fonte: <<https://pt.surveymonkey.com/analyze/>>. Acesso em: 02 Nov. 2016.

O conjunto das quatro opções apresentou a maioria das respostas. Mas dentre esses aspectos os símbolos e rituais das tradições (9,28%) destacaram-se levando em consideração que estão também incluídos na resposta conjunta. A informação mais relevante do quadro é de que a diferenciação, na visão dos paraquedistas, é algo complexo que vai além de simplesmente saltar de uma aeronave em voo ou realizar operações aeroterrestres.

A diferenciação do militar paraquedista ocorre também quando o comparamos com o paraquedista civil. O paraquedista militar não é apenas “saltador” de aeronaves. As diferenças são enfatizadas pelo General Pessoa quando diz:

“Há que se distinguir, e logo nos apercebemos disso, que a feliz e fascinante sensação de voar sozinho, lançando-se ao espaço de um avião em vôo, experimentada pelo pará-quedista civil, termina na euforia de uma feliz aterragem. Nesse momento, é precisamente quando se inicia a aventura ousada, sem idéia de recuo em que se exercita o pará-quedista militar. Operando em território (inimigo) ou mesmo, na sua lide diária no adestramento da tropa, exercitada em reconhecimentos por todas as regiões do País, equipada e armada, as mais das vezes com sobrecargas, a despeito do bom e mal tempo, nas rudes e imprevisíveis provas de resistência e coragem a que deve sempre estar atento o combatente aeroterrestre qualificado (PESSÔA, 1993, p.7).

O paraquedista militar civil termina sua atividade com uma boa aterragem e o militar, por outro lado, começa sua missão neste momento. Apesar de realizarem tarefas similares (saltar de uma aeronave) as funções são totalmente diferentes, enquanto o civil usa o paraquedismo como um esporte ou lazer o militar usa como um meio para deslocar-se de forma rápida e obter uma vantagem frente ao inimigo.

Para Castro (1990) outra característica que diferencia os militares seria as características de sua qualificação denominada por ele como o “espírito das armas”. O conceito é assim definido:

(...) Diferentes missões (isto é, tarefas) de cada arma numa situação de combate – as atividades fim – e os diferentes padrões de conduta e personalidade mantidas na situação de não-combate, no cotidiano... uma outra ordem de realidade, produzindo significação, cultura... Temos aqui uma espécie de “totetismo” no qual membros de cada arma compartilham entre si de regras de conduta mais ou menos obrigatória e um estoque de símbolos comuns (emblemas, canções, patrono, etc) relacionadas ao espírito da arma (CASTRO, 1990, p. 59).

Dentro dessa perspectiva o infante e o cavalariano seriam mais aguerridos que militares de outras armas como artilharia, por exemplo, que fica normalmente um pouco mais a retaguarda em um campo de batalha convencional. Essa lógica é perfeitamente enquadrada em diversas tropas, mas entre os paraquedistas parece que o “espírito das armas” perde um pouco sua força ao ponto que o “espírito ou mística paraquedista” ganha espaço.

Os paraquedistas passam pelo mesmo “ritual de iniciação” que é o curso básico e, portanto, seria estranho considerar um militar mais preparado que outro. No decorrer da carreira existem outros cursos na área do paraquedismo militar como o de mestre de salto, precursor paraquedista, dobragem e manutenção de paraquedas, dentre outros. A realização de tais cursos coloca o militar em uma posição de destaque entre os combatentes aeroterrestres independentemente de sua arma de origem.

Um dos argumentos defendidos por Castro (1990), para diferenciar as armas na AMAN, reside no fato de que quanto mais próximo do inimigo os militares deveriam ser mais aguerridos. Nas tropas paraquedistas ocorre uma situação peculiar pois elas estão além da vanguarda, ou seja, atuam normalmente na retaguarda do inimigo. Por isso seria normal que se considerassem “melhores” que os outros soldados que ficam sempre mais atrás, inclusive infantess e cavalarianos que não são paraquedistas.

Todavia, se partirmos da concepção de Castro (1990) de que as armas mais aguerridas são aquelas que estão mais próximas da linha de contato com o inimigo. O “espírito paraquedista” estaria, portanto, mais próximo do “espírito das armas” de manobra, ou seja, infantaria e cavalaria.

Os militares paraquedistas, por vezes são empregados atrás das linhas inimigas, desta forma teriam contato cerrado e iminente com o inimigo e deveriam ser também mais aguerridos na comparação com seus companheiros de outras armas, mesmo da infantaria e cavalaria, pois não possuem uma retaguarda para onde recuar. Portanto é possível afirmar que o militar paraquedista não se diferencia apenas pelo salto, mas pela exposição, ou possibilidade de ter um contato com o inimigo de uma forma mais intensa.

Na biografia do General Pessôa, o primeiro paraquedista do Exército Brasileiro, existe um depoimento atribuído ao então General Mascarenhas de Moraes, comandante da Força Expedicionária Brasileira (FEB), que teria dito:

(...) “Olhe, eu sou originário de artilharia e não abduco da minha arma. Mas o paraquedismo tem que estar em mãos de ardorosos infantes. A artilharia e demais armas de apoio vem depois. O Penha hoje firmou-se, já é paraquedista e general. Não se diz mais que é artilheiro. Conta com um suporte que você não conta...O espírito construtivo da arma deveria ter sido considerado desde o início”(LOUREIRO, 2003, p.174).

O General Mascarenhas não era paraquedista e não tinha vivenciado as atividades aeroterrestres, por outro lado, era um militar experiente que comandou a tropa brasileira na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O relato dele considerando que “ o paraquedismo tem que estar na mão dos ardorosos infantes” mostra a importância que ele destinava para o “espírito das armas” ao ponto de considerar que uma especialidade é mais apta que outras para determinada missão.

O “espírito das armas” está presente na Brigada de Infantaria Paraquedista, mas ele convive também com o “espírito paraquedista” que surge por meio dos símbolos e rituais específicos dos combatentes aeroterrestres que buscam uma diferenciação da restante do Exército. A sua formação peculiar e, posteriormente, missões específicas geram a necessidade do discurso da diferença que pode, em casos extremos, chegar a um sentimento de superioridade. No próximo capítulo veremos como surgiram as tropas paraquedistas pelo mundo e, posteriormente, no Brasil.

3. A ORIGEM DAS TROPAS PARAQUEDISTAS

3.1 O CONTEXTO INTERNACIONAL

As primeiras organizações militares paraquedistas pelo mundo, dentro de uma perspectiva histórica, são recentes. Inicialmente, vemos que a invenção do paraquedas é atribuída aos chineses no Século XIV. O renascentista Leonardo da Vinci (1452-1519) também fez experimentos para “amortecer a queda de um corpo no solo” e, posteriormente, no ano de 1783 um francês chamado Leonomard se lançou de uma torre no observatório de Montpellier e sendo o primeiro paraquedista europeu. (MIKSCHE, 1945, p.17-18)

Independente da origem, o emprego deste material no campo militar iniciou-se apenas nas primeiras décadas do Século XX. Na Primeira Guerra Mundial (1914-1918) foi empregado apenas como meio de salvamento para pilotos e observadores de balão. No período entre as guerras mundiais (1918-1939) ocorreu a criação de grandes aviões de transporte e paraquedas com maior confiança aliado a busca por novas formas de manobra para romper com os conflitos estáticos. O emprego de paraquedistas de uma maneira simples consistia em passar as linhas inimigas e pousar infantaria especializada nas áreas de retaguarda. A ideia foi proposta pela primeira vez pelo “Coronel Billy Mitchell dos EUA que tinha a intenção de levar uma divisão atrás das linhas alemãs em Mertz em 1919”. Ele afirmou que “isso criaria um caos” nas forças germânicas e os aliados avançariam “contra um adversário em ruínas”. A Primeira Guerra Mundial terminou antes, mas o conceito foi utilizado, posteriormente, por diversos países (DE VORE, 2004, p.2).

O emprego de tropas com este novo artefato passou a dar uma nova dimensão para o emprego nas forças armadas e, assim, foram criadas as primeiras unidades paraquedistas pela então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Os soviéticos chegaram as mesmas conclusões que o Coronel Mitchell e, a partir de 1920, iniciaram a formulação da doutrina e do treinamento das primeiras tropas paraquedistas do mundo (MIS, 1942; MIKSCHE, 1945; NORTON, 1973; GLANTZ, 1984 e ALMENDRA, 1997).

A primeira aparição das tropas paraquedistas soviéticas “ocorreu no ano de 1930 nas manobras do Exército Vermelho em Voronezh e Moscovo” na qual uma fração de oito homens se lançaram de um avião e ocuparam o Quartel General de um Corpo de Exército. No ano de 1936, nas manobras em Kiev, um batalhão de infantaria desceu de paraquedas em uma demonstração para autoridades estrangeiras (MIKSCHE, 1945, p.18-20).

O avanço soviético no paraquedismo militar provocou o interesse de diversas nações dentre as quais merecem destaque Itália e Alemanha. Os italianos foram os primeiros na Europa Ocidental a constituir uma unidade operacional aerotransportada, priorizando o emprego de pequenas frações de infantaria na conquista de objetivos limitados (ALMENDRA, 1997).

Os alemães, no ano de 1922, declararam formalmente sua amizade com a URSS por meio do Tratado de Rapallo. A partir daí eles passaram “a ter em solo soviético aeródromos a disposição” e nos anos seguintes “os Aliados concordaram em fazer concessões sobre uma aviação civil para os germânicos”. No ano de 1923 os germânicos encomendaram “100 aviões Fokker, da Holanda e reabriram sua indústria aeronáutica com as companhias Albatros, Rumpler, Dornier, Heinkel e Junkers”. As três últimas empresas inclusive desenvolveram aviões com armamentos militares. No ano de 1923 a missão aeronáutica dos alemães com os soviéticos estava plenamente estabelecida. A estreita ligação entre os dois países permitiu, dentre outros fatores, o desenvolvimento das tropas paraquedistas alemãs com os soviéticos que eram, naquele momento, os mais avançados na implantação da nova atividade (FARRAR-HOCKLEY, 1975, p.31-32).

De uma forma um pouco diferente dos soviéticos, o General Kurt Student, pioneiro do paraquedismo militar alemão, entendia que as tropas aeroterrestres não deveriam participar de grandes envolvimento terrestres, mas sim efetivos menores em locais estratégicos previamente definidos visando “paralisar o inimigo e destruir sua capacidade de fazer a guerra” (DE VORE, 2004).

As tropas aerotransportadas alemãs eram divididas em duas. Os “*Fallschirmjäger*”, frações transportadas por aviões e lançadas por paraquedas e a “*Luftlandetruppen*”, que eram as forças transportadas por aviões ou planadores que

desembarcavam após o meio de transporte aterizar no solo¹⁸. Desde meados da década de 1920 a Força Aérea da Alemanha e, conseqüentemente, os paraquedistas eram mantidos em segredo. Em março de 1935 alegando que a França ampliava o seu exército, Hitler teria declarado que:

“Não estava mais submisso ao tratado de Versalhes em questões de defesa e desarmamento. Um decreto foi publicado em Berlim, a 16 de março, para notificar o retorno do serviço obrigatório, que logo colocou um e meio milhão de jovens aptos à disposição do Ministério da Defesa. À *Luftwaffe* foi permitido descerrar o último véu que a ocultava e, daí por diante, passou a usar abertamente o seu uniforme e as suas insígnias”(FARRAR-HOCKLEY, 1975, p.41) (GRIFO NOSSO).

Em junho de 1935 iniciaram as experiências de paraquedistas no aeródromo de *Staaken*. A preparação das tropas aéreas “seguia bases científicas por meio da Repartição de Pessoal para a Psicologia Militar que estudava os efeitos mentais” que o salto de paraquedas ocasionava nos soldados. Por outro lado, o Doutor Grigoleit, do corpo médico, verificava os efeitos físicos. Após a conclusão das pesquisas foram publicados, em janeiro de 1936, a Instrução para a Formação das Tropas Paraquedistas e criada em *Spandau* uma Escola de Paraquedistas com militares voluntários. Na Guerra Civil Espanhola (1936-1939) foram enviadas para o conflito 50 paraquedistas alemães que foram enquadrados na Legião Condor¹⁹. Os conhecimentos de *Staken* e *Spandau* associados aos ensinamentos da guerra na Espanha permitiu que os alemães organizassem uma academia que preparou seus paraquedistas para a Segunda Guerra Mundial (MIKSCHE, 1945, p.27-29).

No ano de 1937 “o Exército da Alemanha já possuía 36 divisões de infantaria e três *panzer* (em 1933 eram apenas 7 divisões de infantaria) ” e a nova Força Aérea possuía “3350 aviões de combate e treinava tropas intensamente tropas paraquedistas para se tornarem o braço aéreo do exército” (KEEGAN, 1995, p.380).

O uso de tropas paraquedistas “como uma nova forma de guerra tão revolucionária falaria ao gosto de Hitler pela surpresa militar e pelas imagens simbólicas”. Uma prova da importância que o chefe nazista dava as novas tropas foi

¹⁸ QUARRIE, Bruce. *Warrior 38 - Fallschirmjäger - German Paratrooper 1935-45*. Great Britain: Osprey Publishing. 2001, p.4-5.

¹⁹ A Legião do Condor era o Corpo Expedicionário Alemão. Além de um considerável número de unidades da Força Aérea, entravam na sua composição forças blindadas. (MIKSCHE, 1945, p.28)

escolher o “1º Regimento de Paraquedistas para comandar o desfile organizado em seu aniversário em 1939” antes mesmo da unidade ser provada em combate (BEEVOR, 2008, p.98).

Nos anos seguintes, o primeiro emprego de tropas paraquedistas em combate foi feito pelos alemães durante a Segunda Guerra Mundial. Na invasão à Noruega e aos países Baixos, no mês de abril de 1940, uma fração foi empregada, com uma missão específica, empregando:

Uma companhia de paraquedistas do 1º Regimento Paraquedista de Stendal, que foi lançado na estação de caminho de ferro de Dombos, na Noruega Central, com a missão de cortar as comunicações às tropas expedicionárias inglesas, manteve a sua posição com bravura, durante cinco dias, mas do seu efectivo de 150 homens só 34 sobreviveram (MIKSCHE, 1944, p. 40-41).

Apesar das inúmeras baixas a missão da companhia de paraquedistas alemã cumpriu sua finalidade. No mesmo mês os alemães invadiram a Grécia e empregaram “dois batalhões de paraquedistas sob o comando do Coronel Alfred Sturm para tomar uma ponte sobre o canal de Corinto²⁰”. O assalto em Corinto ocorreu no dia 26 de Abril e os germânicos “aniquilaram os defensores numa curta, mas encarniçada luta” (ANTILL, 2005, p.12-13).

O uso de planadores para deslocamentos aéreos dos paraquedistas foi empregado pelos alemães, nos meses seguintes, com sucesso “na captura do Forte Belga de Eben Emael em maio de 1940” (BEEVOR, 2008, p.98). Apesar dos sucessos iniciais na Holanda e Grécia na campanha da Noruega os paraquedistas alemães não tiveram a mesma sorte, pois os militares:

(...) Não obtiveram êxito igual as tropas paraquedistas que desceram na região de Narwik (parte das forças do general Dietl) porque, tendo-se efectuado os lançamentos a pequena altitude, uma elevadíssima percentagem dos homens sofreu acidentes graves, que os inutilizaram para o combate (MIKSCHE, 1944, p. 42).

O emprego de paraquedistas, com alternância de sucessos e reveses, era algo normal tendo em vista o pouco conhecimento doutrinário dessa nova técnica de combate. A partir das experiências em pequenas unidades o emprego de grandes tropas em combate ocorreu, pela primeira vez, também pelas forças armadas alemãs

²⁰ Um braço de mar no fundo de uma profunda garganta que separa o Peloponeso do restante do território grego que era uma das principais rotas de saída das forças aliadas na sua retirada para o sul. (ANTILL, 2005, p.12)

na invasão de Creta, na Grécia, durante a Operação Mercúrio, no dia 20 de maio de 1941. A posição da Ilha foi considerada estratégica para as pretensões germânicas e o General Kurt Student apresentou para Goering, comandante da Força Aérea Nazista, “uma proposta de invasão de Creta por via aérea”. A missão seria a mais importante das tropas paraquedistas até o momento (BEEVOR, 2008, p.98).

A utilização dos paraquedistas na Alemanha foi diferente de outros países, pois eles faziam parte da Força Aérea, a *Luftwaffe*²¹ e não do Exército. Na operação Mercúrio os paraquedistas faziam parte da 7ª Divisão *Flieger*, eram veteranos das campanhas da Noruega, Holanda, Bélgica, França e Grécia e “constituíram a ponta-de-lança no assalto”. Os paraquedistas alemães em Creta “eram todos voluntários, com boa forma física, bem treinados, disciplinados, motivados e estimulados a tomar a iniciativa em todas as situações” (ANTILL, 2005, p.30).

A operação concentrou um grande número de aviões de transporte chegando a “mais de quinhentos Junkers 52, reunidos em sete campos de pouso da Ática e da Beócia prontos para levar os paraquedistas”. O General Student mudou o planejamento inicial de 17 de maio para o dia 20, tendo em vista a falta de combustível de avião que foi suprida pelo navio *Rondine* vindo do Mar Adriático (BEEVOR, 2008, p.103).

A batalha de Creta foi uma vitória dos alemães, mas a perda do fator surpresa por questões logísticas contribuiu para um elevado número de baixas com grandes perdas em material²² provocando quase o fracasso da operação. Apesar da Alemanha, a partir de Creta, utilizar seus paraquedistas apenas em situações limitadas a consequência nos outros exércitos foi o avanço na criação de escolas e tropas desta natureza (ANTILL, 2005 e BEEVOR, 2008).

Um ano antes da Operação Mercúrio, mas especificamente no dia “25 de junho de 1940, os Estados Unidos da América (EUA) formavam, em *Fort Benning*, na Geórgia sua primeira fração de paraquedistas, um pelotão com 48 militares”. A fração, inicialmente, utilizou os conhecimentos dos soviéticos e alemães para, posteriormente,

²¹ Expressão para designar a Força Aérea Alemã. *Disponível em*: CORUM, James. **The Luftwaffe: Creating the Operational Air War, 1918–1940**. Kansas University Press, 1997.

²² “Uma força de assalto de mais de 22.000 homens, os atacantes tiveram quase 6.500 baixas, entre as quais 3.352 mortos ou desaparecidas em combate. Quase um terço dos Ju 52 utilizados na operação ficaram danificados ou destruídos. (ANTILL, 2005, p.87)

desenvolver equipamentos e doutrina própria. No mês de setembro, do mesmo ano, com a formação de novos militares paraquedistas foi criada a primeira unidade aeroterrestre, “o *501º Parachute Battalion*, comandado pelo Major Miley. Em junho de 1941 foi criado o *502º Parachute Battalion*” e, nos meses seguintes, seriam ativados mais dois batalhões. A formação de novas unidades paraquedistas norte-americanas em um pequeno espaço de tempo foi uma “reação direta da operação desenvolvida pelos alemães em Creta no mês de maio” que praticamente validou o emprego aeroterrestre em combate (GREENFIELD e PALMER, 1948, p. 27-30).

Outras organizações foram criadas, no mês de agosto de 1942, e a antiga *82ª Infantry Division*, localizada na Louisiana, que tinha combatido na Primeira Guerra Mundial (1914-1918) foi acrescida das unidades paraquedistas já existentes e, posteriormente, dividida em duas novas divisões a *82ª* e a *101ª Airborne Division*” (KATCHER, 1978, p.4).

As tropas paraquedistas durante a Segunda Guerra Mundial popularizaram-se entre as forças armadas de inúmeras nações e foram importantes para o desfecho dos embates em favor dos Aliados. O Brasil seguiu essa tendência mundial e como veremos adiante, em meados da década de 1940, criou sua primeira organização militar aeroterrestre.

3.2 O PARAQUEDISMO MILITAR NO BRASIL

O processo de criação das tropas paraquedistas no Brasil está relacionado com a compreensão de como era o Exército Brasileiro naquele período. Nos anos 1920 ocorreu uma busca pela “profissionalização e modernização” do estamento militar. Os motivos foram inúmeros. O primeiro foi de ordem interna, pois a instituição teve dificuldades para conter as revoltas internas em Canudos (1896-1897) e no Contestado (1912-1916) e tais experiências despertaram no comando militar a necessidade urgente de reformas na estrutura vigente. No plano internacional tivemos também um conflito mundial e as inovações “na arte da guerra despertaram um natural interesse na área militar” pelos militares brasileiros (COELHO, 2000, p.96).

Até as primeiras décadas do Século XX as potências europeias, particularmente

França e Inglaterra, buscavam influenciar os Exércitos da América Latina por meio da “venda de material bélico e envio de missões militares estrangeiras de instrução”. No Brasil, a França obteve mais êxito e enviou uma “Missão Militar comandada pelo General Maurice Gamelin” a partir de 1920 (LUNA, 2007, p.1-2).

Em 1918 o Estado-Maior do Exército (EME) resolveu “selecionar por concurso os oficiais para o cargo de instrutor da Escola Militar”. O primeiro grupo dos selecionados foram enviados para Alemanha. Os alemães esperavam que este fosse o primeiro passo para aprovação de uma missão militar no Brasil. Desta forma, oficiais brasileiros lá estagiaram e, posteriormente, foram chamados de forma pejorativa de jovens turcos tendo em vista que a Alemanha tinha participado da reformulação do Exército da Turquia (MALAN, 1988, p.19).

A modernização e profissionalização do Exército Brasileiro por meio das experiências trazidas pelos “jovens turcos” no contato com o Exército Alemão e pela Missão Militar Francesa (1920-1940) mudaram a mentalidade militar nacional e provocaram uma consciência crítica que culminou, dentre outros fatores, com as revoltas tenentistas na década de 1920. O General Alfredo Souto Malan em sua obra sobre o Missão Militar Francesa declarou que:

É claro que os “indígenas” não pregavam oficialmente suas idéias divergentes, mas inoculavam nos Oficiais que depois se destacariam nas lutas do Tenentismo, noções básicas de guerra de movimento. A revolta de 1924 deu ensejo que se confrontassem as duas escolas. A Coluna Prestes foi, assim, produto direto da Missão Indígena, enquanto que os legalistas seguidores da doutrina francesa. (MALAN, 1998, p.197)

A situação estava conturbada e o Exército Brasileiro, na década de 1930, buscou restaurar os princípios de hierarquia e disciplina abalados com os movimentos revolucionários (COELHO, 2000). No mesmo período ocorreram também, no plano simbólico, inúmeras mudanças visando à implantação de tradições que buscavam valorizar o passado. O Exército passou a cultuar a imagem do Duque de Caxias e o instituiu como patrono da instituição e, posteriormente, outros militares importantes da Guerra do Paraguai (1864-1870) como os Generais Ozório, Mallet e Sampaio foram escolhidos como patronos das armas Cavalaria, Artilharia e Infantaria, respectivamente. Na Academia Militar do Realengo o General José Pessoa criou o Espadim, uma réplica da espada do Duque de Caxias e um uniforme histórico para os

alunos da escola militar. O General Pessôa planejou também a mudança da escola de formação dos oficiais da linha bélica para a cidade de Resende, interior do Rio de Janeiro, próximo ao Pico das Agulhas Negras, considerado na época o ponto mais alto do Brasil e, portanto, um local que possuía um valor simbólico importante (BENTO, 2016).

Na década de 1940 o Exército possuía influências francesas e alemãs como já vimos e passava por um processo de valorização das tradições. No plano político, o Brasil era governado por Getúlio Vargas durante a ditadura do Estado Novo (1937-1945). A posição brasileira perante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) passava de uma neutralidade inicial para a declaração de beligerância com as potências do Eixo. O marco desta nova postura nacional foi o acordo político-militar no ano de 1942 com os EUA. A aproximação com os estadunidenses proporcionou, dentre outros reflexos, do envio no ano de 1944 de um militar brasileiro para aquela nação para realizar o curso de paraquedista militar (LOUREIRO, 2003 e GONÇALVES, 2015).

O designado para o curso nos EUA e, conseqüentemente, o precursor desta atividade no Exército Brasileiro foi o então Capitão Roberto de Pessôa. A escolha dele não foi por acaso, pois no ano de 1936 ele tinha participado do comitê brasileiro durante os Jogos Olímpicos de Berlim na Alemanha nazista e teve contato com as tropas paraquedistas alemãs. (ALMEIDA, 2002)

O então Capitão Pessôa realizou o curso de paraquedista militar nos EUA de outubro a dezembro de 1944 e foi o primeiro brasileiro que concluiu tal especialização e, por isso, foi considerado pelos estadunidenses como sendo o pai do paraquedismo militar no Brasil (ALMEIDA, 2002; LOUREIRO, 2003 e GONÇALVES, 2015).

Nos anos seguintes ele retornou ao Brasil e realizou palestras nas escolas militares sobre o paraquedismo militar. Após esta fase passou a selecionar os candidatos para realizar os próximos cursos nos EUA. Desde 1945 até 1948 mais sete turmas foram enviadas com esta finalidade totalizando o efetivo de 46 (quarenta e seis) militares pioneiros entre oficiais e sargentos que concluíram o curso (LIMA FILHO, 1993).

O paraquedismo militar era um assunto novo que já na década de 1940 despertava curiosidade e interesse em vários países. No Brasil, por exemplo, a Escola

de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), antes do final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), já possuía bibliografia traduzida sobre o emprego de tropas aerotransportadas (MIKSCHE, 1944) e um trabalho realizado por um instrutor de tática buscando adaptar a obra “a linguagem, a forma e o método da escola” (GRAÇA, 1945, p.1).

A Escola de Paraquedistas foi a primeira unidade aeroterrestre do Exército Brasileiro. A sua criação oficial ocorreu em 26 de dezembro de 1945, pelo Decreto-Lei nº8444, e seu primeiro comandante foi o Coronel Nestor Penha Brasil. Este militar era um oficial superior da arma de Artilharia com o Curso de Comando e Estado-Maior e com grande prestígio por ser um ex-integrante da Força Expedicionária Brasileira (FEB), mas não era paraquedista (GONÇALVES, 2015).

Nos primeiros anos do Núcleo de Formação da Tropa Paraquedista as dificuldades foram diversas. A primeira turma de soldados, no ano de 1948, terminou o serviço militar inicial sem formar nenhum paraquedista. O primeiro curso para cabos e soldados ocorreu em 1949, ou seja, três após a chegada dos primeiros pioneiros dos EUA (ALMEIDA, 2002).

Alguns fatos podem explicar a demora na formação da primeira turma. A primeira grande remessa de 1.060 paraquedistas T-7 vindo dos EUA chegou apenas no dia 26 de fevereiro de 1948 e, alguns meses depois, no dia 15 de maio de 1948 ocorreu uma explosão de um pavilhão do Depósito de Munições e Material Bélico (DCMB) que ficava ao lado da Área de Estágios. O acidente causou avarias na pista de cordas, foram arrancados de alguns galpões as portas, as janelas e parte dos telhados. A torre de salto nº1 ficou totalmente destruída e, no restante daquele ano, houve um esforço para reestruturar as instalações (JÚNIOR, 1993).

Na década de 1950 a Escola de Paraquedistas já possuía também o Curso de Mestre de Salto²³ e sua designação foi transformada para Núcleo da Divisão Aeroterrestre a partir de 1952. Nos anos seguintes foram criados diversos cursos,

²³ O Curso de Mestre de Salto é um curso de extensão, cuja finalidade visa complementar a formação básica paraquedista de Oficiais Subtenentes e Sargentos. Sua origem ocorreu na década de 1940, quando se percebeu a necessidade de que houvesse um especialista responsável pelo preparo da tropa paraquedista, seu lançamento e posterior reorganização para o cumprimento da missão durante o combate. Disponível em: http://www.cipqdt.ensino.eb.br/site/download/2_ms.pdf. Acesso em 12 Out 2016.

dentre eles o de Precursor; Dobragem, Manutenção e Suprimento pelo Ar e Operações Especiais, além dos estágios de salto livre. O nome foi alterado diversas vezes: Brigada Aeroterrestre em 1968, Brigada Paraquedista em 1972 e, finalmente, Brigada de Infantaria Paraquedista em 1986, nome que permanece até os dias atuais. (ALMEIDA, 2002)

O processo de criação do paraquedismo militar no Brasil teve diversas influências. O Exército Brasileiro sofria influência francesa e reflexos dos “jovens turcos” inspirado na doutrina germânica. A influência alemã é fruto também da viagem do então Tenente Pessoa para as olimpíadas de 1936, em Berlim, ocasião que teve contatos com as tropas paraquedistas. As forças armadas dos EUA além de serem as formadoras dos primeiros paraquedistas passaram a ter uma ligação com os brasileiros durante e após a Segunda Guerra Mundial.

4. SÍMBOLOS PARAQUEDISTAS

4.1 CULTO AOS GENERAIS PENHA BRASIL E PESSÔA

Uma tradição importante no Exército Brasileiro é o culto aos patronos que, segundo Castro (2002, p.13), foi criada na década de 1920. A ideia teria sido do “Coronel francês Pierre Béziers La Fosse que era instrutor na Escola Militar do Realengo e membro da missão militar francesa”. A palavra “*patron*” teria um duplo sentido de “patrono (protetor) e padrão (modelo)”. Frank Mccann considera também que a tradição:

“Nasceu e floresceu entre 1923 e 1938 quando um membro do Instituto Histórico e Geográfico sugeriu, em 1923, que o Exército comemorasse oficialmente o 120º aniversário do nascimento de Caxias e centésimo aniversário de seu ingresso no Exército. O ministro Setembrino de Carvalho ordenou que dali por diante formações apropriadas do Exército marcassem a data. Em janeiro de 1925, a turma que se formou na Escola Militar do Realengo, encantada com o uso de patronos simbólicos pelo Exército Francês, escolheu como patrono o único Duque do Império e o seu maior General” (MACCANN, 2007, p, 522).

A escolha do Duque de Caxias para identificar a turma de oficiais formada no ano de 1925 com o nome de um patrono foi, segundo Castro (2002), algo inédito no Exército Brasileiro. Os integrantes de sua turma entraram na escola no início de 1923, momento que a instituição de ensino estava quase vazia tendo em vista a expulsão dos alunos envolvidos na revolta tenentista de 1922. A nova tradição vingou e as turmas seguintes seguiram o mesmo rito sendo designados não só por patronos, mas pessoas ou militares considerados ilustres e inclusive até por datas comemorativas.

Na tropa paraquedista brasileira não existe um patrono oficial, mas podemos destacar dois militares que poderiam concorrer a tal função: Os Generais Penha Brasil e Roberto de Pessôa. Ambos militares tiveram trajetórias relevantes para o paraquedismo militar brasileiro. Desta forma iremos percorrer a trajetória de vida de ambos oficiais.

O General Nestor Penha Brasil concluiu a Escola Militar do Realengo no dia 30 de dezembro ano de 1919 e foi declarado aspirante-a-oficial da arma de Artilharia. Após servir no 1º Grupo de Artilharia a Cavalos (Itaqui-RS) e 4º Regimento de Artilharia

Montada (Itu-SP) retornou para o Rio de Janeiro, no ano de 1925, no posto de 1º Tenente para cursar a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (ESAO). Após o curso da ESAO “foi designado para participar das operações de repressão à Coluna Prestes” até o final do mês de março de 1926 (GONÇALVES, 2015, p.540).

Após retornar ao Rio de Janeiro, em março de 1926, foi matriculado no curso da ECEME e promovido no ano seguinte. O agora então Capitão Penha Brasil concluiu o curso em primeiro lugar e permaneceu na escola como professor estagiário de tática de artilharia. A sua ascensão ao quadro do estado-maior abriria portas para outras missões importantes no futuro (CPDOC, 2016).

Após o início do movimento que derrubou o presidente Washington Luís e ascensão ao poder de Getúlio Vargas teve início o governo provisório (1930-1934). O Capitão Penha Brasil posicionou-se contra o movimento revolucionário e, no ano de 1932, lutou a favor das forças paulistas durante o Movimento Constitucionalista de São Paulo. Com a derrota dos paulistas foi reformado administrativamente em agosto de 1933, mas foi reintegrado ao serviço ativo em janeiro de 1934. No ano de 1935 foi escolhido para integrar o gabinete do Ministro da Guerra, General João Gomes Ribeiro Filho, e também na mesma época foi promovido ao posto de Major. Em 1938 realizou, na cidade de Paris, um curso na Escola Superior de Guerra daquele país europeu e após retornar ao Brasil foi promovido ao posto de Tenente Coronel (CPDOC, 2016 e GONÇALVES, 2015).

Após retornar ao Brasil, no ano de 1942, “exerceu diversos cargos na ECEME” e no “mês de dezembro assumiu o comando do 7º Grupo de Artilharia na cidade de Olinda até junho de 1943”. Com a constituição da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ªDIE), em agosto de 1943, o governo brasileiro definiu sua participação na Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e o Tenente Coronel Penha Brasil “foi designado para compor o estado-maior da Artilharia Divisionária da Força Expedicionária Brasileira (FEB)” (CPDOC, 2016, p.2).

No mês de setembro de 1944 embarcou para Itália, integrando o segundo escalão, comandado pelo General Osvaldo Cordeiro de Farias. Penha Brasil participou de todas as campanhas da FEB na guerra e foi, inclusive, promovido ao posto de Coronel durante os conflitos no solo italiano (CPDOC, 2016).

O fim da guerra ocorreu no dia 2 de maio de 1945 e o Coronel Penha Brasil retornou ao Brasil em 19 de junho do mesmo ano. Alguns meses mais tarde receberia uma missão que o ligaria para sempre com a história do paraquedismo militar brasileiro. Ele foi designado, no dia 19 de fevereiro de 1946, para comandar a recém-criada Escola de Paraquedistas com autorização para instalação de um Núcleo de Formação e Treinamento de Paraquedistas (GONÇALVES, 2015).

No dia 7 de março de 1946 o Coronel Penha Brasil instalou sua organização militar no atual Palácio Duque de Caxias²⁴, na biblioteca da Diretoria de Material Bélico. O local era algo provisório para escolher juntos com os militares paraquedistas pioneiros que realizaram o curso nos EUA o melhor local no futuro para a Escola de Paraquedistas (GONÇALVES, 2015).

O então Coronel Penha Brasil não era paraquedista, mas no ano de 1947 participou de um salto de demonstração, na praia do Flamengo, durante comemoração da semana da asa e do dia do aviador a convite do aeroclube do Brasil. Na biografia do General Pessôa o fato é descrito de forma semelhante, mas apenas diz que o Coronel Penha Brasil compareceu ao aeroporto e cita inclusive que o Coronel Pery Bevilaqua, pai do pioneiro José Belivaqua, saltou mesmo não sendo paraquedista militar. No ano de 1949 o Coronel Penha Brasil foi aluno do primeiro curso básico paraquedista realizado no país e após os saltos de qualificação tornou paraquedista militar (LOUREIRO, 2003).

No dia 25 de agosto de 1952 ascendeu ao generalato e foi o primeiro comandante do Núcleo da Divisão Aeroterrestre resultado da expansão de organização militar que já comandava desde 1946. O General Penha Brasil permaneceu no comando da tropa até o dia 11 de fevereiro de 1955, ou seja, quase 9 anos. A sua atuação foi essencial para consolidação do paraquedismo militar no Exército Brasileiro (GONÇALVES, 2015).

Nos anos seguintes ocupou funções importantes como Comandante da Artilharia Divisionária da 2ª Região Militar em São Paulo e do III Exército no sul do Brasil. Em 30 de junho de 1962 chegou ao posto de General de Exército, posto máximo em tempo de

²⁴ A denominação do prédio em homenagem ao patrono do exército ocorreu apenas no ano de 1949 segundo CASTRO (2002, p.59).

paz, e veio falecer no dia 21 de março de 1964 quando ainda estava na ativa (CPDOC, 2016).

Fotografia nº 1 – General Penha Brasil



Fonte: Galeria do Ex-Comandantes da 2ª Divisão de Exército. Disponível em: <<http://www.2de.eb.mil.br/images/excmd/gen05.jpg>>. Acesso em 02 de fevereiro de 2016.

A morte inesperada de Penha Brasil causou uma grande comoção no Exército Brasileiro. Nos anos seguintes teve início um movimento para transformá-lo patrono dos paraquedistas. No ano de 1967 o então chefe do EME (Estado-Maior do Exército), General Orlando Geisel, emitiu o seguinte parecer:

(...) Processo em que o Comandante do Nu D Aét (Núcleo da Divisão Aeroterrestre) propõe a denominação de “Centro de Instrução General Penha Brasil” ao atual “Centro de Instrução Especializada Aeroterrestre”... o estudo desenvolvido por aquele comando orientou-se no sentido de fundamentar sua proposta nos preceitos no aviso nº142, ou seja, justificar uma “denominação histórica” de natureza patromínica...O General Penha Brasil, cujo passamento, justamente lamentado pelo Exército e, particularmente, pelos paraquedistas militares, é fato recente, não poderia ainda representar-se com tal credencial, só outorgado com segurança e valia, pela posteridade...essa chefia é de parecer contrário à alteração proposta entendida como “denominação histórica”. Considera, entretanto, ...justa e oportuna a mudança na denominação que vincula o centro formador dos paraquedistas ao General

Penha Brasil, lá sempre presente e reverenciado. Outrossim, sugere, se aprovado o presente parecer a denominação de “Centro de Instrução Aeroterrestre Penha Brasil” a fim de que se preserve a palavra caracterizadora da atividade especializada do mesmo (GEISEL, 1967, p.1-2) (GRIFO NOSSO).

A carreira de Penha Brasil pode ser considerada como exemplar. Ele conquistou praticamente todos os objetivos que um oficial poderia traçar para sua trajetória no Exército. Na tropa paraquedista desempenhou um papel de grande relevância pois conduziu os primeiros passos da atividade. A importância do militar é destacada pelo General Orlando Geisel quando cita as virtudes do militar proposto:

(...). Há, entretanto, o dever de proclamar-se a realidade incontestável de que o paraquedismo do Exército teve no brilhante General Penha Brasil um de seus entusiastas propugnadores e, precisamente, o mais decisivo impulsionador. É notório que, ao ideal de formar eficiente tropa aeroterrestre, o ilustre militar dedicou frutuosa anos de sua expressiva carreira, já, para sempre, integrada na história da sua luzida corporação (GEISEL, 1967, p-2).

O General Penha Brasil passaria a ser reverenciado por ser o primeiro comandante das tropas aeroterrestres brasileiras e também o consolidador do paraquedismo militar no país. O culto a ele sofreria algum declínio do decorrer dos anos, vindo a receber uma homenagem no final do Século XX por uma turma formada na AMAN²⁵.

Agora vamos seguir a trajetória do General Roberto de Pessôa. Ele ingressou na Escola Militar do Realengo no ano de 1928 e foi subordinado de militares que no futuro teriam participações importante na vida nacional como o então Capitão Teixeira Lott, chefe da infantaria e do também Capitão Castelo Branco, diretor de ensino do corpo de alunos (LOUREIRO, 2003).

Apesar de sua vontade de ingressar na Escola de Aviação do Exército, não pode realizar seu sonho porque o curso de pilotagem foi suspenso no ano de 1930, tendo em vista a situação tumultuada que passava o país. Posteriormente, formou-se no ano de 1932 como Aspirante a Oficial da arma de Infantaria (GONÇALVES,2015).

O Tenente Pessôa realizou no ano de 1935 o curso na Escola de Educação Física do Exército e logo após sua conclusão foi transferido para Escola de Aviação do

²⁵ A turma formada na escola, no ano de 1994, recebeu o nome de “Turma General Penha Brasil”.

Exército, no atual Campo dos Afonsos, Rio de Janeiro. Nesse período realizou o curso de piloto civil no Aeroclube do Brasil. A sua ligação com o esporte no meio militar e civil resultou na sua indicação para participar da equipe do Comitê Olímpico Brasileiro, que viajaria para Alemanha e participaria de um congresso de Educação Física e das olimpíadas de Berlim no ano de 1936 (LOUREIRO, 2003).

Na Alemanha teve a oportunidade de conhecer as tropas paraquedistas daquele país. A experiência despertou no Tenente Pessôa o desejo de ser paraquedista militar. Na sua estada com os alemães conseguiu também realizar um curso de planadores na ilha de Sylt, no norte da Alemanha (LOUREIRO, 2003).

No retorno ao Brasil iniciou sua luta para conseguir realizar nos EUA o tão sonhado curso de paraquedista militar e ser o pioneiro da atividade no Exército Brasileiro. No ano de 1943 o então Capitão Pessôa ocupava a função de diretor da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro e, portanto, estava não estava diretamente subordinado ao Ministério da Guerra. Sendo assim, Dutra solicitou ao presidente Vargas o envio do Capitão Pessôa para os EUA, com um ofício secreto, em que dizia:

“Excelentíssimo senhor presidente da república, uma das inovações no emprego da tropa decorrente da presente guerra e de mais alto sucesso nas operações foi a criação da infantaria do ar: - tropa especialmente adestradas para o transporte aéreo e preparadas a fundo para serem lançadas de surpresa dos aviões sobre certos e importantes objetivos, em proveito das operações em terra. Nesse sentido ainda nada possuímos, não passando os exercícios de paraquedismo entre nós tentados de meras demonstrações de salvamento das equipagens de aviões em caso de salvamento. Objetivando a futura Infantaria do Ar em nosso Exército, julgo de toda conveniência mandar estudar sua organização e seu funcionamento nos Estados Unidos, aproveitando das facilidades que aquele país nos oferece. Nesse sentido tenha a honra de solicitar a V.Exa. para comissionar nessa tarefa preliminar o Capitão Roberto de Pessôa, representante a disposição do Ministério da Educação, no exercício de suas funções de Diretor da Escola Nacional de Educação Física” (DUTRA, 1943).

O General Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra na época, em novembro de 1943, visitou os EUA e teve contato com as tropas paraquedistas formadas em *Fort Benning*, no estado norte-americano da Geórgia. A ida do General Dutra foi noticiada pelos jornais brasileiros e teve um destaque na edição do periódico *Diário Carioca*²⁶.

²⁶ VIAGEM DO MINISTRO DA GUERRA AOS ESTADOS UNIDOS. Jornal Diário Carioca. Página nº3 de 11 de novembro de 1943. Disponível

Em poucos dias ele fez a solicitação que foi prontamente atendida e no ano seguinte no dia 13 de agosto de 1944 o Capitão Pessoa embarcaria para os EUA e realizaria o curso de paraquedista militar e assim tornar-se-ia o pioneiro da atividade no Brasil (LOUREIRO, 2003).

Antes de sua ida para os EUA foi convidado pelo então General Mascarenhas de Moraes para fazer parte da FEB. Tendo em vista sua designação para realizar o curso de paraquedista militar teve frustrada sua intenção de combater na Segunda Guerra Mundial (LOUREIRO, 2003).

Após retornar para o Brasil entregou um relatório sobre a viagem e iniciou a seleção de outros militares e estudos para criação no país de uma tropa aerotransportada. Os pioneiros selecionados pelo Capitão Pessoa foram enviados para os EUA em várias turmas nos anos de 1945, 1946 e 1948. No ano de 1946 teve início as atividades na Escola de Paraquedistas que funciona inicialmente com um núcleo de formação e treinamento de paraquedistas (GONÇALVES, 2015).

A designação de um coronel de artilharia que não era paraquedista causou grande transtorno nas aspirações do Capitão Pessoa. Ele, provavelmente, por ser o primeiro paraquedista militar brasileiro aspirava também comandar a primeira organização militar da especialidade. O Coronel Penha Brasil, por outro lado, era um militar bem mais experiente não só porque tinha mais tempo no Exército, mas também porque tinha participado das atividades da FEB recentemente. Outro fator que não habilitava o então Capitão Pessoa para o cargo de Comandante da Escola de Paraquedistas era a Portaria Normativa que publicou a criação da Escola de Paraquedistas que previa que o cargo de comandante da escola seria privativo de Oficial com o curso de Estado-Maior, habilitação que na época o Capitão Pessoa ainda não possuía (ALMEIDA, 2002).

O curso da ECEME tinha grande importância no Exército já em décadas anteriores. No ano de 1932, nos antecedentes da deflagração do movimento constitucionalista em São Paulo, o General Bertoldo Klínger tornou público sua revolta

em:<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_07&pasta=ano%20195&pesq=N%C3%BAcleo%20Aeroterrestre>. Acesso em: 20 Nov. 2015.

com a nomeação de um oficial da reserva para a função de Ministro da Guerra. A carta ao General Inácio do Espírito Santo Cardoso é enfática e dizia:

“V. Excia, está há longos anos afastados do serviço ativo, como já lembrei, e nele não atingiu o generalato, **nem fez curso de Estado-Maior**, de modo que jamais teve a responsabilidade e a necessidade de cogitações de caráter de conjunto sobre os problemas do Exército...Um civil ou um militar que de militar tem a lembrança e a pensão...detentor da pasta de ministro apenas na aparência” (HILTON, p.67, 1982) (GRIFO NOSSO).

O fato do Coronel Penha Brasil possuir o curso da ECEME teve, provavelmente, uma influência na escolha da função. O Capitão Pessôa, por outro lado, não tinha realizado a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, pois ainda estava nos primeiros anos do posto de Capitão. No ano de 1947 o Capitão Pessôa deixou a atividade paraquedista e foi transferido para o comando da 1ª Divisão de Exército (GONÇALVES, 2015).

No ano de 1949 foi realizado o primeiro curso básico de paraquedismo no Brasil e os pioneiros que realizaram o curso nos EUA foram os instrutores. A fim de que pudessem também usar brevê brasileiro realizavam junto com os alunos um salto de validação. O Capitão Pessôa não estava servindo na tropa paraquedista nessa época, não tendo realizado o salto em solo brasileiro. Com isso, ele não poderia utilizar o distintivo nacional (GONÇALVES, 2015).

No ano de 1953, Pessôa no posto de Tenente Coronel e Penha Brasil já como General de Brigada se encontraram em um elevador do Palácio Duque de Caxias. O fato do Tenente Coronel Pessôa não prestar a continência regulamentar causou uma reação intempestiva do General Penha Brasil. O General considerou o ato um desacato e deu voz de prisão ao Tenente Coronel Pessôa que não atendeu a ordem e deixou o local. Após o fato o General Penha Brasil desistiu de prosseguir com o processo disciplinar (LOUREIRO, 2003).

Na biografia do General De Pessôa foi enfatizado que o General Penha Brasil havia construído importantes relações pessoais ao longo de sua carreira. Em uma conversa com o então Tenente Coronel Pessôa o Marechal Mascarenhas de Moraes, no ano de 1953, teria relatado que:

(...) “O Penha hoje firmou-se, já é paraquedista e general...Conta com um suporte com que você não conta é amigo pessoal do general Canrobert Pereira da Costa, ministro da guerra e artilheiro e do general Cordeiro de Farias,

artilheiro, com quem serviu na FEB, na condição de chefe do Estado-Maior da Artilharia Divisionária. São amizades que se consolidam. O Cordeiro é quem lhe abre as portas (LOUREIRO, 2003, p.174).

No prosseguimento de sua fala o Marechal Mascarenhas de Moraes dizia ao Tenente Coronel Pessôa que ele teria como amigo o “General Zenóbio, consumado chefe da infantaria, que o apoiou nas crises em que se meteu”. O próprio comandante da FEB que foi amigo pessoal do General Pessôa o ajudou também, em várias ocasiões. O fato é de que os dois militares possuíam amizades que os beneficiaram (LOUREIRO, 2003).

Fotografia nº 2 – Tenente Coronel Pessôa.



Fonte: <<http://www.operacional.pt/morreu-o-para-queda-militar-n%C2%BA1-brasileiro-general-de-divisao-roberto-de-pessoa/>>. Acesso em: 27 Fev. 2016.

Apenas em 1957, o Tenente Coronel Pessôa retornaria para o Núcleo da Divisão Aeroterrestre ocupando a função de oficial de operações. Nesta função planejou uma grande manobra na cidade de Resende empregando “meios aéreos de transporte” para pessoal e material “pela primeira vez na América Latina” (LOUREIRO, 2003, p.182).

No ano seguinte foi designado para a função de Comandante do Batalhão Aeroterrestre Santos Dumont. No comando da unidade participou no ano de 1960 da manobra *Bannyan Tree II*, no canal do Panamá, operação combinada planejado pelos EUA e envolvendo cinco países sul-americanos. Após sua saída definitiva da tropa paraquedista, no ano de 1961, foi realizar o curso na Escola Superior de Guerra. No posto de Coronel pediu sua transferência para reserva remunerada no ano de 1966 e foi promovido ao posto de General de Brigada na reserva e, posteriormente, General de Divisão na inatividade (LOUREIRO, 2003).

O culto ao General Pessoa como pioneiro do paraquedismo militar do Brasil começou a ganhar mais destaque, a partir da década de 1980, quando ele passou a comparecer nas cerimônias da Brigada de Infantaria Paraquedista. No dia 26 de dezembro de 1980, por exemplo, aceitando um convite do General Antenor de Santa Cruz Abreu, comandante da tropa na época, o General Pessoa compareceu ao 35º aniversário de criação da tropa paraquedista. Em algumas cerimônias foi protagonista como a 24 de outubro de 1984, ocasião na qual o homenagearam pelos 40 anos da sua formação nos EUA (GONÇALVES, 2015).

No ano de 2010 foram realizadas diversas atividades por ocasião de seu centenário. O Coronel Lobo Loureiro, na época comandante do Centro de Instrução Paraquedista General Penha Brasil, reeditou a biografia do militar e o programa Esporte Espetacular, da rede de televisão Globo, realizou uma reportagem especial sobre a vida do General Pessoa. No dia 17 de setembro de 2010 o General Pessoa faleceu e seu velório foi realizado no Museu Aeroterrestre com uma formatura de toda Brigada de Infantaria Paraquedista em sua homenagem (GONÇALVES, 2015).

O Coronel Pedro Aurélio de Pessoa, filho do General Pessoa, em um discurso durante o velório de seu pai em 2010 resume o que foi a vida do primeiro paraquedista militar brasileiro desta forma:

“Um capitão, sem curso de aperfeiçoamento, que encontrou toda sorte de vicissitudes contrariando toda inércia de um Exército que não estava preparado para guerra e combatendo o bom combate, suportando a injúria, a calúnia e o roubo conseguiu se manter firme na posição e nunca abaixou a cabeça, nunca deixou de acreditar de acreditar nos seus ideais foi prejudicado profissionalmente inúmeras vezes, mas nunca abaixou o penacho de um bom paraquedista” (PESSÔA, 2016) (GRIFO NOSSO).

A fala enfatiza as insatisfações do General Pessôa. Ao citar no final do discurso que agradece “os sargentos que resgataram o retrato dele que foi jogado no lixo” o Coronel Pessôa deixa claro a mágoa que seu pai tinha do esquecimento, por alguns militares da “Brigada”, de sua importância na implantação do paraquedismo militar no Brasil (PESSOA, 2016).

O General Pessôa foi o pioneiro do paraquedismo militar no Brasil e o General Penha Brasil o primeiro comandante e consolidador da tropa aeroterrestre. Ambos tiveram reconhecida importância na implementação da atividade e faz sentido, portanto, serem reverenciados por conta de seus feitos. Apesar de estarem juntos como os mais importantes paraquedistas do Exército Brasileiro é inegável que a relação entre os dois não foi boa. A luta por destacar-se na história do paraquedismo militar, atividade que eles viram nascer, explica em parte tais desavenças.

O museu é um local de transmissão da memória e a localização de cada item cria, de forma consciente ou não, uma hierarquia entre eles (OLIVEIRA, 2003). O culto mais intenso ao General Pessôa, nas últimas décadas, é corroborado com a localização de seu retrato e referências a sua carreira no Museu Aeroterrestre logo na entrada em posição de destaque. O General Penha Brasil é também referenciado, mas de uma forma mais simples no interior do salão.²⁷

O culto aos dois generais pioneiros teve dois momentos distintos. Um primeiro período, a partir de 1964, com o falecimento do General Penha Brasil e tentativa de torná-lo o patrono dos paraquedistas e posterior aprovação, em 1967, de seu nome para designar o centro formador da tropa. O culto ao General Penha Brasil permaneceu mas teve como o tempo um decréscimo ao ponto que o culto ao General Pessôa, primeiro paraquedista militar brasileiro, começou a ganhar mais espaço. Ele passou a comparecer nas cerimônias, solenidades e confraternizações com mais frequência. As comemorações dos 35 anos da sua formação nos EUA, em 1980, e o aniversário de seu centenário, em 2010 são fatos importantes desta fase.

No final da pesquisa ocorreu um fato que merece destaque. No dia 17 de novembro de 2016 foi inaugurado no Museu Aeroterrestre o "Espaço General Penha

²⁷ Visita realizada pelo autor no Museu Aeroterrestre em dezembro de 2015.

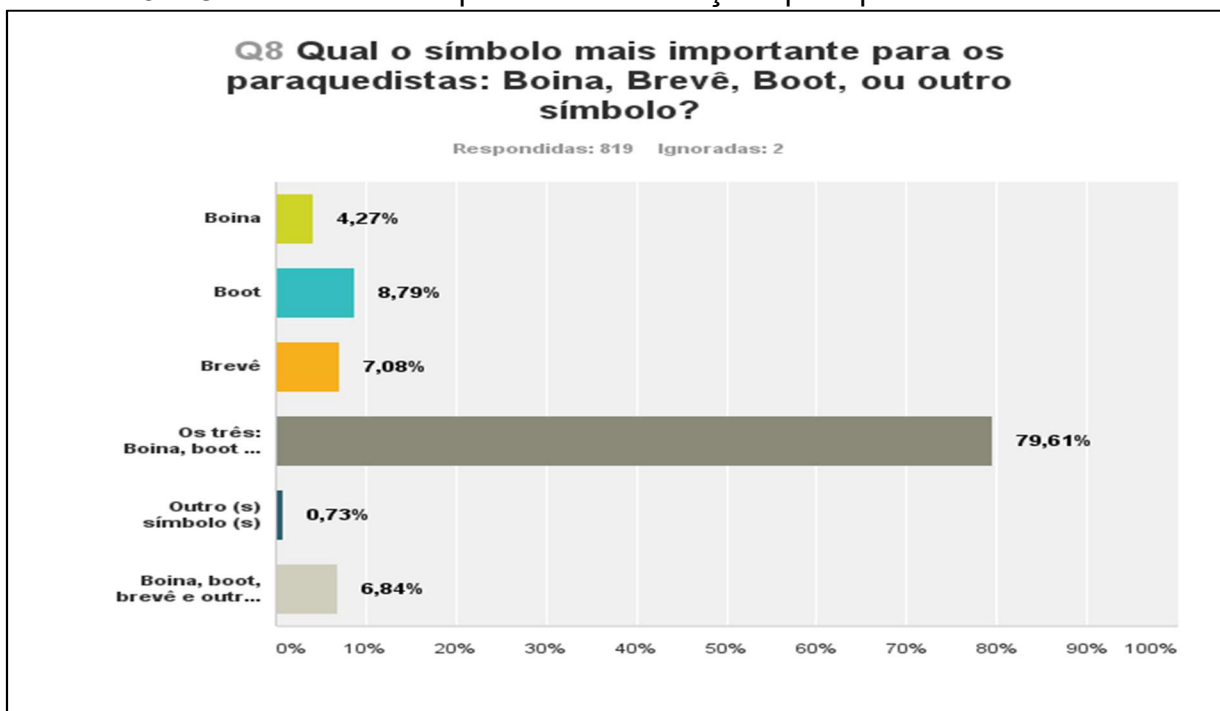
Brasil" composto de itens do acervo particular do general e um busto feito em sua homenagem²⁸. Esta homenagem pode significar o início de outra ruptura no processo.

4.2 BOINA, “BOOT” E BREVÊ

No ano de 2009 uma canção era, repetida vezes, entoada na área de estágios pelos alunos do curso básico paraquedista. Ela dizia o seguinte: “Mas só “pequedê”²⁹, usa boina, “boot” e brevê! Na área de estágios ele ralou e “pequedê” um dia se formou, agora ele salta lá do avião, iluminando o espaço com seu “boot” marrom! ”.

A canção é um exemplo da importância da boina grená, do “boot” marrom e do brevê prateado para as tradições paraquedistas. Nas entrevistas enviadas por meio do correio eletrônico a oitava questão tratava do valor de cada símbolo. Na Tabela nº 8 vemos a percepção do grupo com relação a esse assunto.

Tabela nº5 – O símbolo mais importante das tradições paraquedistas



Fonte: <<https://pt.surveymonkey.com/analyze/>>. Acesso em: 02 Nov. 2016.

²⁸ Visita do General de Exército Walter Souza Braga Netto, Comandante Militar do Leste. Disponível em: <<http://www.cipqdt.ensino.eb.br/site/>>. Acesso em: 06 Dez 2016.

²⁹ Abreviação da palavra “paraquedista”.

A maioria dos entrevistados, aproximadamente 80%, afirmaram que os três símbolos (boina, *boot* e brevê) possuem a mesma importância. A seguir veremos como eles foram criados e quais os seus significados.

O uso do calçado marrom foi autorizado a partir de 1946. A expressão vem da palavra inglesa “*boot*” que era utilizado para identificar as botas utilizados pelos militares norte-americanos. Os primeiros pioneiros já incorporaram o termo que servia para diferenciar os paraquedistas dos outros militares que usavam o coturno preto. Diante da primeira diferença no uniforme surgiram expressões como: “pé-preto”, “pé de cão”, “urubu”, dentre outros nomes que, de uma maneira geral, lembravam sempre de uma forma jocosa que a cor do calçado de um não-paraquedista deveria ser sempre preta e, por outro lado, ao combatente aeroterrestre caberia o orgulho de calçar a sonhada bota marrom.³⁰

As primeiras botas ortopédicas da marca “corcoran” vinham do EUA junto com os paraquedas. A relação amistosa entre norte-americanos e brasileiros fruto da aliança durante Segunda Guerra Mundial desde 1942 e também nos primeiros anos da Guerra Fria facilitavam o processo de aquisição. O material era anatômico e com o bico arredondado que ajudaria na aterragem do paraquedista permitindo um impacto reduzido no momento da aterragem no solo (GONÇALVES, 2015).

As botas norte-americanas vieram até o ano de 1956 e, a partir deste ano, iniciou a produção das botas nacionais. O “*boot*” sofreu, no decorrer dos anos, variações no seu formato e acabou perdendo suas características iniciais mantendo apenas a cor marrom tradicional. Nas últimas décadas algumas tropas do Exército Brasileiro “inventaram” algumas variações para o calçado militar. As tropas de selva, por exemplo, tinham um coturno preto, mas com as laterais de tecido na cor verde e as tropas de Operações Especiais um calçado na cor café.

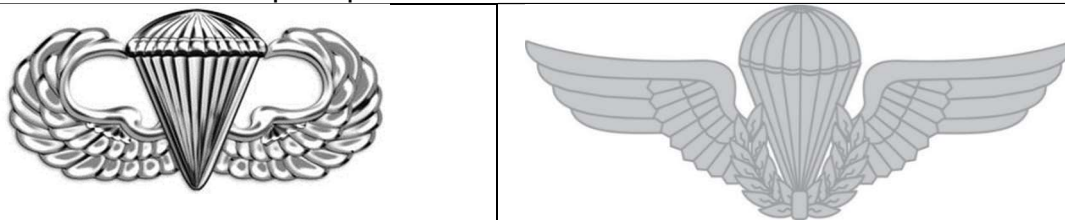
As operações especiais possuem uma herança histórica ligada a tropa paraquedista, pois o primeiro curso para formar os operadores de forças especiais no Brasil ocorreu no ano de 1957 no então Núcleo da Divisão Aeroterrestre e o 1º Batalhão

³⁰ Fonte: Site oficial da Brigada de Infantaria Paraquedista. Disponível em: <<http://www.bdainfpqdt.eb.mil.br/index.php/2012-08-08-19-51-03/2012-08-09-16-18-28>>. Acesso em: 27 Fev. 2016.

de Forças Especiais desde sua criação em 1983 até 2003 fez parte da Brigada de Infantaria Paraquedista³¹. Apesar disso com a criação da Brigada de Operações Especiais em 2003 o “*boot*” marrom foi deixado de lado e foi buscado-se “inventar” uma nova tradição com a criação do “*boot*” café. A grande diferença é que a nova cor não incorporou as tradições antigas, o uso da nova bota foi estendido a todos, ou seja, não estava restrito aos paraquedistas. O calçado café permaneceu de 2003 a 2015, mas foi extinto e os paraquedistas do atual Comando de Operações Especiais voltaram a usar o tradicional “*boot*” marrom³².

Outra tradição que nasceu nos primeiros anos da tropa paraquedista foi o uso do brevê prateado. O distintivo é muito parecido com o norte-americano, pois possui as asas de prata e o paraquedas ao centro, distinguindo-se apenas pelos louros abaixo do paraquedas e entre as asas. A insígnia de paraquedista dos EUA “foi criada no início da Segunda Guerra Mundial” e formalmente aprovado a 10 de março de 1941 (FOSTER, 2004, p.9).

Figura 2: Os distintivos de paraquedistas militares dos EUA e Brasil



Fonte: BATISTA, 2013, p. 31, Anexo A e Novo Regulamento de Uniformes do Exército (RUE) em <<http://pt.calameo.com/read/00123820631730600fea9>>. Acesso em: 14 Mai. 2016.

De acordo com a tradição oral, através de relatos dos pioneiros, o desenho do distintivo brasileiro foi resultado de um trabalho conjunto. Os militares brevetados nos EUA acabaram consolidando o desenho com participação também da Senhora Leda, esposa do Coronel Darcy Tavares de Carvalho Lima e do Capitão Alírio Granja, que após apreciação do então Coronel Penha Brasil, comandante da Escola de

³¹ Disponível em: Centro de Instrução de Operações Especiais. <http://www.cioesp.ensino.eb.br/historico.html>. Acesso em: 16 Mai. 2016.

³² Disponível em: Regulamento disciplinar do Exército (RUE) online. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/00123820631730600fea9>>. Acesso em: 29 Fev. 2016.

Paraquedistas, o símbolo foi aprovado³³.

Outra versão defendida por Junior (1993), Almeida (2002) e Pessoa (2016) é que o então Capitão Pessoa foi o principal idealizador do distintivo, inspirado no brevê norte-americano. O significado seria de que: “as asas de prata representam o avião, o paraquedas o meio de chegar até o inimigo e os ramos de louro a vitória” (JÚNIOR, 1993, p.18).

É possível que as duas versões tenham uma ligação. O site da Brigada de Infantaria Paraquedista diz que o desenho foi criado pelos militares brevetados nos EUA e, obviamente, o Capitão Pessoa deve estar incluído neste grupo e por ser o pioneiro do paraquedismo militar no Brasil pode ter influenciado ou até, realmente, comandado o processo de criação.

De acordo com CARMO (2015) o Coronel Penha Brasil teria criado, anteriormente, um brevê distinto. O distintivo foi aprovado no Boletim do Exército nº35, p. 2696, no ano de 1946 e consta no Registro Histórico do Centro de Instrução Paraquedista General Penha Brasil, mas nunca foi utilizado. Nos anos de 1946, 1947 e 1948 existiam apenas os pioneiros paraquedistas que utilizavam o distintivo norte-americano e a partir do primeiro Curso Básico Paraquedista, no ano de 1949, o distintivo nacional foi oficializado. Desta forma, existe um lapso temporal que pode explicar a não utilização do primeiro símbolo. Na Figura nº3 vemos o distintivo proposto em 1946.

Figura 3: O distintivo de paraquedista militar brasileiro que nunca foi utilizado



Fonte: Arquivo Histórico do Exército. Aviso nº1089 de 23 de agosto de 1946 e <<http://montedo.blogspot.com.br/2013/10/paraquedistas-historia-do-breve-prateado.html>>.

³³ Disponível em: O brevê prateado. <<http://www.bdainfpqdt.eb.mil.br/index.php/2012-08-08-19-51-03/2012-08-09-16-19-05>>. Acesso em: 16 Mai. 2016.

É possível constatar que existem muitas semelhanças entre os brevês. O formato usado atualmente preserva todas as características anteriores com o paraquedas ao centro, o louro em sua base e as asas proporcionais. As diferenças residem no sabre apontando para baixo com um brasão central que foi retirado e nas cores. No distintivo inicial era previsto as cores dourada para oficiais e prateada para praças. O General De Pessôa salientou a importância da cor prateada no distintivo de praças e oficiais ao declarar que:

“Todos saímos pela mesma porta da aeronave e enfrentamos os mesmos riscos e perigos. Somos submetidos ao mesmo crivo e padrão de exigências físicas e técnicas. Não vejo razão alguma para diferenciações na cor do brevê pára-quedista” (CARMO, 2015).

Na última atualização do Regulamento de Uniformes do Exército (RUE) definiu que todos os cursos de especialização deverão ser dourados, exceto o paraquedista militar que permaneceu prateado³⁴. As dificuldades desde a formação na Área de Estágios e os riscos nos saltos seriam iguais do soldado ao general. O uso do mesmo distintivo representa a igualdade entre os paraquedistas e contribui na construção simbólica do espírito de corpo e da união da tropa.

A igualdade simbolizada pelo brevê prateado foi um ponto exaltado diversas vezes pelo General Pessôa. No trecho abaixo ele diz como deve ser o combatente aeroterrestre:

“Sem distinções de postos ou regalias hierárquicas, uma vez que, no cumprimento da missão, todos correm o mesmo risco em termos de condição de paridade, já que, por igual para todos os integrantes da soberba tropa, a missão é qualquer a ser por inteiro cumprida em qualquer lugar, a qualquer hora e de qualquer maneira” (PESSOA, 1993, p.7).

A igualdade entre os paraquedistas pode ser vista também na tradição de não usar bigodes. A proibição não é regulamentar, mas consagrou-se na Brigada de Infantaria Paraquedista. O Tenente Pessôa, em 1936, realizou o curso de planadores na Alemanha e assimilou o conceito de que “o homem de cara limpa é mais corajoso e propenso ao combate, pois não se escondia atrás de nada”. A tradição teve origem então quando o Capitão Pessôa, nos primeiros anos da tropa paraquedista, convenceu

³⁴ Dados disponíveis em RUE Online: <<http://pt.calameo.com/read/00123820631730600fea9>>. Acesso em: 27 Fev. 2016.

os pioneiros a não usarem bigode “para fins de uniformidade, já que os soldados não podiam usá-los, para evitar que houvesse um distanciamento entre oficiais e praças” (JÚNIOR, 1993, p.22-23).

Ao analisarmos o uso do brevê prateado para todos e a proibição não oficial no uso de bigodes vemos que existe na “Brigada” uma “tradição da igualdade”, ou seja, toda vez que algo busca diferenciar os militares, entre os postos e graduações, por meio da alguma peculiaridade esse preceito não é aceito pelo grupo. A igualdade de condições da atividade aeroterrestre ultrapassa o momento do salto e se estende para outras situações.

O uso do “*boot*” marrom e do brevê prateado já estavam normatizados, mas a boina percorreria um caminho bem árduo. Ela é, normalmente, uma peça do fardamento que identifica diversas tropas paraquedistas pelo mundo. Bergot em sua obra enfatizava a importância da boina para os paraquedistas quando diz que:

(...) Vermelha ou verde, preta ou cáqui, há já cerca de trinta anos que a boina é considerada como o símbolo dos para-quedistas. Pô-lá significa, para o aspirante a pára, aceitar ao mesmo tempo as obrigações e os riscos, e, para o profano, mudar, ao mesmo tempo, de vida e de mentalidade...legaram-lhe também as fitas negras que tinham passado a usar, em sinal de luto, após a hecatombe de Arnhem. Ao pôr a boina, o pará-quedista aceita e herança dos seus antepassados: a glória e a morte. É uma das características do espírito pára (BERGOT, 1972, p.15).

Outro item importante na boina, independentemente de sua cor, é a fita negra presa à retaguarda. O item simboliza o luto pelos combatentes que mortos em Arnhem durante a 2ª Guerra Mundial. A batalha foi um grande combate travado entre as forças alemãs e aliadas durante o mês de setembro de 1944 causando baixas estimadas em 75% das tropas paraquedistas britânicas (EVANS, 1988).

A boina permite uma ligação com o passado e integração entre paraquedistas de várias gerações e nações, formando assim uma irmandade do ar. Apesar da importância dada ao seu uso, durante aproximadamente duas décadas, ela não era permitida aos militares paraquedistas brasileiros. Os pioneiros que realizaram o curso nos EUA quando retornaram ao Brasil usavam, como os outros militares do Exército, um quepe ou gorro gabardine, conhecido popularmente como “bibico”, com apenas uma particularidade o uso da “bolacha”, um símbolo circular com um paraquedas em seu interior, representando a sua organização militar. O distintivo era uma cópia das

unidades paraquedistas norte-americanas e foi um símbolo que permaneceu nas primeiras boinas utilizadas pelos brasileiros após sua aprovação no dia 15 de setembro de 1964 (GONÇALVES, 2015).

No ano de 1963 o Exército Brasileiro enviou uma equipe para o campeonato mundial de pentatlo militar na cidade de Roma. O chefe da delegação era o então Capitão paraquedista Osiris Cardoso Labatut Rodrigues e os integrantes eram também militares do Núcleo da Divisão Aeroterrestre e do Corpo de Fuzileiros Navais. As outras treze equipes participantes da competição tinham, em sua maioria, paraquedistas que usavam a boina. Os brasileiros foram desta forma chamados pelos franceses como “*le equipe chapeaux*”, ou seja, a equipe do chapéu por ser a única que usava o quepe (JÚNIOR, 1993, p.20).

No ano seguinte o Capitão Hamilton Franklin de Melo foi para França participar do campeonato mundial de paraquedismo. Novamente ele e seus companheiros da equipe de salto livre foram chamados de “*le equipe chapeaux*”. No retorno ele relatou o fato ao General Moniz de Aragão, comandante do Núcleo da Divisão Aeroterrestre, que passou a defender a ideia de adoção do uso da boina no Brasil e teria dito estas palavras para justificar a cor grená: “quero poder divisar um paraquedista de longe ou no meio da multidão” (GONÇALVES, 2015).

O pedido formal foi realizado e a tropa paraquedista aguardava a decisão da Comissão de Fardamento do Exército para poder usar a boina grená em seus uniformes. Na proximidade da parada militar, para comemoração da independência do Brasil, no dia 7 de setembro de 1964, o Capitão Osiris recebeu a missão de encontrar um local que confeccionasse o material. Ele deslocou-se com um avião, cedido especialmente pela Força Aérea Brasileira (FAB), para fazer a encomenda na fábrica da empresa Prada, na cidade de Limeira no interior de São Paulo. Inicialmente o pedido para uso da boina foi negado e novamente o Capitão Osiris, autorizado por seu comandante, levou outro documento em mãos para o Ministro da Guerra pedindo a revisão da decisão. A expectativa era que a autorização poderia ocorrer antes do desfile de 7 de setembro (GONÇALVES, 2015 e JÚNIOR, 1993).

O General Aragão deu ordem para distribuir as boinas. No treinamento para o desfile, no dia 6 de setembro, ele dirigiu-se a tropa e relatou as dificuldades no processo

de autorização e com um gesto simbólico trocou o seu “bibico” pela boina causando uma euforia entre os paraquedistas. Na parada militar, no dia seguinte, os militares desfilaram com a boina dentro do blusão da farda com a expectativa de que durante a cerimônia militar o seu uso seria finalmente autorizado (GONÇALVES, 2015).

O uso da boina só foi autorizado alguns dias depois, mas o processo com suas dificuldades e contratempos serviram para valorizar o uso dela dentro das tradições paraquedistas brasileiras. Nas décadas seguintes a boina iria se popularizar no Exército Brasileiro e seu uso regulamentado para todas as tropas, mas reservando a cor grená para os paraquedistas.

Até o ano de 2003 o 1º Batalhão de Forças Especiais (1ºBFEsp) fazia parte da Brigada de Infantaria Paraquedista e, obviamente, seus integrantes usavam a boina grená. A partir da criação da Brigada de Operações Especiais e transferência do 1º BF Esp para Goiânia, os integrantes daquela grande unidade³⁵ passaram a usar uma boina de uma tonalidade mais escura. Além da diferença na cor o uso não estava restrito aos paraquedistas, ou seja, era utilizada por qualquer militar. Essas diferenças permanecerão de 2003 a 2015, mas na recente atualização do regulamento de uniformes, a boina grená voltou a ser utilizada no agora Comando de Operações Especiais e, novamente, ficou restrita aos paraquedistas. Neste caso, específico tivemos uma tentativa de “inventar uma nova tradição” que não conseguiu efetivar-se e permaneceu a boina grená somente para os paraquedistas.

³⁵ O termo “Grande Unidade” é utilizado no Exército Brasileiro para designar Brigadas ou Divisões para diferenciar da expressão “Unidade” que se refere aos Batalhões, Regimentos de Cavalaria ou Grupos de Artilharia. Fonte: O autor.

4.3 O SÍMBOLO DA ÁGUIA

Uma águia com as asas abertas tendo o paraquedas ao fundo é o símbolo da Brigada de Infantaria Paraquedista. Nas primeiras décadas de criação da tropa ela era utilizada no ombro esquerdo da farda para identificar os militares que serviam nas unidades paraquedistas. O símbolo é usado atualmente também para representar o emblema do Centro de Instrução Paraquedista General Penha Brasil. Na fotografia nº3 vemos o General Penha Brasil em uma cerimônia de brevetação, na década de 1950, e em primeiro plano um Capitão utilizando na sua jaqueta o distintivo.

Fotografia nº3 – Brevetação



Fonte: <http://www.folhabv.com.br/coluna/AVENIDA-e-ESCOLA-GENERAL_PENHABRASIL/1289>. Acesso em: 14 Mai. 2016.

A *101ª Airborne Division*, dos EUA, também possui uma águia no seu distintivo. A formação paraquedista brasileira iniciou com os norte-americanos e seria algo normal a influência na criação dos símbolos. A seguir vemos os dois símbolos, o norte-americano e brasileiro para fins de análise.

Figura 4: A águia da 101ª Airborne Division e da Bda Inf Pqdt



Fonte: <<http://www.army.mil/101stairborne/>> e <http://www.bdainfpqdt.eb.mil.br/>> . Acesso em: 19 Abr 2016.

Apesar da utilização do mesmo símbolo (águia) eles possuem características bem distintas. No emblema dos EUA a ave está de perfil, somente mostrando a cabeça, olhando para o alto e simbolizando a nação estadunidense. A águia é utilizada nos EUA desde a Guerra Civil (1861-1865)³⁶. Por outro lado, no distintivo brasileiro vemos o animal por completo e em posição de ataque olhando para baixo na captura de uma possível presa. Outra diferença está na cor branca do primeiro símbolo e amarela na figura nacional.

Outra possível inspiração para o emblema dos paraquedistas brasileiros é o símbolo alemão utilizado até final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O distintivo germânico da época era uma águia mergulhando com uma suástica nazista nas patas. O Capitão Paraquedista Alemão *Freiherr Von De Heyde* ao falar sobre o símbolo disse que: “A nossa formação é jovem e criaremos a tradição com as nossas ações no futuro. Depende de nós se o símbolo da águia em mergulho, emblema que nos une, entrará para a História como símbolo de honra e valor militar ” (BEEVOR, 2008, p.100) (GRIFO NOSSO).

Abaixo vemos os dois símbolos lado a lado, o alemão e o brasileiro para fins de comparação.

³⁶ O símbolo da “Velha Águia” (*Old Abe*) é utilizado desde a Guerra Civil Americana, inicialmente no estado de Wisconsin, que é o local de origem da 101ª Divisão. RAPPORT, Leonard. *A History of the 101st Airborne Division*. Washington: Infantry Journal Press, 1948, p.24.

Figura 5: As águias dos Paraquedistas Alemães (*Fallschirmjäger*) e dos Brasileiros



Fonte: <<https://ospreypublishing.com>> e <<http://www.bdainfpqdt.eb.mil.br/>>. Acesso em: 26 Ago. 2016.

Aqui já vemos bem mais semelhanças. A cor amarela e a dourada são praticamente a mesma e a posição do símbolo é muito semelhante, pois ambos estão em posição de ataque, em movimento e com olhar fixo para um objetivo. O distintivo alemão, logo após a derrota na Segunda Guerra Mundial teve a substituição da suástica nazista pela bandeira da Alemanha e permanece desta forma até os dias atuais. Aqui é possível identificar uma possível influência germânica em um símbolo das tropas paraquedistas brasileiras.

O símbolo da Águia sofreu apenas alterações na sua posição no fardamento. Inicialmente, como já vimos, o distintivo ficava na manga de alguns uniformes e, posteriormente a partir de 1987, passou para o bolso esquerdo das fardas de passeio. Essas mudanças ocorreram em todo Exército por meio de uma nova edição do Regulamento de Uniformes, mas não alterou o significado do símbolo (FERREIRA, 2016).

A simbologia da águia estendeu-se para outras tradições. Atualmente os ex-comandantes da Brigada de Infantaria Paraquedista são chamados de “Águias Uno”. O cargo é privativo de general de brigada, mas cabe ressaltar que no Brasil atualmente, em tempo de paz, existem três postos no generalato. O general de brigada (duas estrelas), de divisão (três estrelas) e de exército (quatro estrelas). A promoção ao posto de Marechal (cinco estrelas) só é permitido em tempo de guerra ou no caso de um

militar ter participado de um conflito como foi o caso de Penha Brasil, que foi um integrante da FEB e, portanto, combateu na Segunda Guerra Mundial e foi promovido “*post mortem*” no dia 2 de julho de 1966³⁷.

No decorrer dos anos tivemos inúmeros generais paraquedistas no Exército Brasileiro. O General Penha Brasil foi o primeiro, pois realizou o curso no posto de coronel no ano de 1949 e apenas três anos depois ascendeu ao generalato. No ano de 1953 foi brevetado o então Coronel Augusto Cezar de Castro Moniz de Aragão. Após o curso ele assumiu a função de chefe do estado-maior até 1954 e, finalmente, em 1964 assumiu o comando da Brigada Paraquedista já como oficial general (GONÇALVES, 2015).

No ano de 1955 o General de Brigada Djalma Dias Ribeiro e o Coronel Sylvio Américo Santa Rosa concluíram o curso básico paraquedista. O General Djalma foi assim o primeiro militar brasileiro que realizou a especialização como oficial general e após sua brevetação assumiu o comando do Núcleo da Divisão Aeroterrestre até o ano de 1958 e teve o Coronel Santa Rosa como seu chefe de estado-maior. Santa Rosa assumiu o comando da tropa paraquedista brasileira por duas vezes. A primeira ainda como coronel entre 1958 a 1960 e a segunda já como general de brigada entre 1962 e 1963 (GONÇALVES, 2015).

No ano de 1991 ocorreu um fato inédito. O General de Exército Alberto dos Santos Lima Fajardo, na época Comandante de Operações Terrestres realizou o Curso Básico Paraquedista em um turno especial. O General Fajardo foi o militar mais velho a realizar as atividades na Área de Estágios, mas nunca serviu na tropa paraquedista (GONÇALVES, 2015).

O interesse de generais e, inclusive, vários coronéis nos últimos da carreira pelo Curso Básico pode ter várias explicações. Uma delas seria o desafio pessoal de cada militar, que mesmo com a idade avançada buscaria mostrar que possui um bom preparo físico e estaria em condições de enfrentar as dificuldades da atividade. Outra resposta seria a importância que o Exército Brasileiro destinava as tropas paraquedistas, como

³⁷ GONÇALVES, 2015, p.82.

era algo novo e um pólo de modernidade realizar o curso abriria portas para comandar a tropa como aconteceu com Penha Brasil, Moniz de Aragão, Djalma e Santa Rosa.

Com o passar dos anos o interesse de coronéis e generais naturalmente caiu porque a quantidade de paraquedistas aumentou e o comando passou a ser prioridade daqueles que serviam lá desde os primeiros anos da carreira. O caso do General Fajardo, na década de 1990, parece ser um fato isolado e, provavelmente, está mais ligado a um desafio pessoal do militar.

No ano de 2013 o General Roberto Escoto criou uma nova tradição, o “Clã dos Águias Uno”, para homenagear os ex-comandantes da Brigada de Infantaria Paraquedista. Ao General Penha Brasil foi destinado o número 1 e assim sucessivamente até o General Vasconcellos, atual comandante, que é o “Águia Uno” número 32. A entrega de um bastão personalizado com uma cabeça de águia na sua extremidade foi um ritual criado para homenagear os generais que comandaram a “Brigada”. O militar mais idoso a receber em vida foi o General Acrísio Figueira, o “Águia Uno” número 16. O bastão de comando já era uma tradição entre os Generais do Exército Brasileiro, no caso do “Águia Uno” foi apenas acrescido um detalhe para os que comandaram a tropa paraquedista.

Além da águia outro símbolo que faz parte das tradições paraquedistas é o “Saci” para os grandes exercícios de adestramento. O uso da expressão “Operação Saci” começou no ano de 1976. Em algumas ocasiões ocorria “um erro sistemático oculto nos documentos operacionais onde o leitor apesar de se esforçar em localizá-lo não o encontrava”. Essa dificuldade foi associada ao personagem folclórico. O Saci representaria a superação das dificuldades concretizando seus desafios com o uso da surpresa nas ações (LIMA FILHO, 1993 e ALMEIDA, 2002).

Nos últimos anos foram criados diversos novos símbolos na Brigada de Infantaria Paraquedista, dentre eles temos: a medalha aeroterrestre³⁸, o troféu aeroterrestre³⁹ e

³⁸A Medalha Mérito Aeroterrestre foi instituída pelo Decreto n.º 6.789, de 3 de março de 2009, destinada a premiar os militares paraquedistas do Exército Brasileiro da ativa ou da inatividade, que tenham se destacado pelo excelente desempenho funcional, irrepreensível conduta civil e militar, bem como pelos bons serviços prestados em organizações militares da Brigada de Infantaria Paraquedista ou da Brigada de Operações Especiais. Disponível em: <<http://www.bdainfpqdt.eb.mil.br/medalha-aet>>. Acesso em 17 Out 2016.

³⁹A Bda Inf Pqdt, com o intuito de estimular a participação de militares paraquedistas em atividades aeroterrestres, instituiu troféus para premiar aqueles que tenham realizado determinado número de

a faca do paraquedista⁴⁰. O interessante é verificarmos como estes símbolos comuns continuam sendo “inventados” fazendo uma ligação com o passado e buscando desenvolver a identidade do grupo por meio das tradições (CASTRO, 1999).

saltos de aeronaves militares em vôo e/ou cumprido determinado número de cotas servindo nessa Grande Unidade Aeroterrestre. Disponível em: <<http://www.bdainfpqdt.eb.mil.br/trofeu-aet.html>>. Acesso em 17 Out 2016.

⁴⁰O Comando da Bda Inf Pqdt decidiu realizar um sonho antigo e criou a FACA DO PARAQUEDISTA. Para isso, foi estabelecida uma parceria com um dos mais renomados cuteleiros do País: Sr Ricardo Vilar (criador do Facão do Guerreiro de Selva). Desde que foi criada, a FACA DO PARAQUEDISTA se transformou no objeto mais cobiçado de todo "PQD" da ativa e da reserva; até de civis e de amigos da nossa querida Bda Inf Pqdt. Disponível em: <<http://www.bdainfpqdt.eb.mil.br/faca-do-pqdt>>. Acesso em: 17 Out. 2016.

5. RITUAIS PARAQUEDISTAS

De acordo com MOORE e MYERHOFF (1977): “A vida social é marcada por um eterno conflito entre dois opostos: ou o caos total, onde ninguém segue nenhuma lei, ou uma ordem absoluta, quando todos cumpririam à risca todas as regras e leis já estabelecidas” (RODOLPHO, 2004, p.139). Na prática é difícil acreditar que algum ser humano ou grupo social viva constantemente em um dos dois extremos propostos. Os rituais funcionam, dentro desta perspectiva, como “uma solução de consenso” para trazer “os diversos acontecimentos diários para dentro de uma esfera de controle e ordem”, ou seja, servem para “estruturar as posições, os valores morais e as visões de mundo” por meio da “repetição” e visam obter uma “sensação de coesão social” (RODOLPHO, 2004, p.139).

O estudo dos rituais é uma forma de entender como são construídas as relações sociais. Todos os grupos sociais possuem eventos ou cerimônias que, com variados graus de importância, poderíamos caracterizá-lo como um ritual. Peirano (2003) considera que ao analisar um evento devemos focalizar não apenas no conteúdo, mas nas suas características da forma e repetição, ou seja, verificar suas permanências e rupturas.

Dentre os rituais existem alguns com características específicas de transição ou passagem. Arnold Van Gennep realizou, no ano de 1909, um estudo sobre os ritos de passagem e identificou um “padrão típico recorrente” com três fases distintas: a separação, uma fase intermediária liminar de transição e a última de incorporação. A segunda fase, segundo ele, apresenta maior destaque e valorização por ser a responsável por, efetivamente, realizar a transição de uma situação para outra (VAN GENNEP, 1978, p.191).

Da Matta (2000, p.15) faz a pergunta. “Por que a fase de transição é a mais intrigante e a que representa um simbolismo mais rico nos ritos de passagem? ” As características listadas são várias. Uma delas é apresentar “invisibilidade social plena, com perda de nomes, insígnias e roupas” referindo ao estudo de Turner (1974). Outra citada é que os ritos de passagem podem apresentar uma “exposição prolongada a exercícios físicos (...) nos quais o fracasso é ridicularizado” (DAMATTA, 2000, p.15).

Diante dessas duas características passamos a olhar para o nosso objeto de estudo: o Curso Básico Paraquedista. Os alunos deixam, momentaneamente, suas posições hierárquicas, ou seja, perdem seus nomes e insígnias para tornarem-se somente um número. O Capitão, fulano de tal, torna-se apenas o aluno número zero cinco, por exemplo. Os exercícios físicos no curso são intensos e nas semanas iniciais começam as 7 horas da manhã e estendem-se até o meio dia, com pequenos intervalos de descanso e os que não resistem são, constantemente, admoestados pelos instrutores por meio de uma constante pressão. Esses são dois exemplos de atividade da formação paraquedista brasileira que poderíamos concluir que o curso apresenta duas características comuns de um ritual de passagem típico. No próximo subcapítulo veremos como ocorre a transição para a situação de paraquedista de uma forma mais detalhada.

5.1 ÁREA DE ESTÁGIOS PARAQUEDISTA

A Área de Estágios é o local onde são formados os paraquedistas do Exército Brasileiro. O local é muitas vezes referido como um santuário, ou seja, um ambiente sagrado que deveria ser cultuado. Na “área”, como é rotineiramente conhecida, são os primeiros símbolos e rituais. A valorização do local pode ser compreendida por meio do conceito de topofilia descrito pelo geógrafo Yi-Fu Tuan (2012) que descreve a relação de pertencimento do homem com o meio. O sentimento de valorização à um lugar específico faz parte do processo de construção de qualquer grupo social. A tradição de exaltar a “área” é uma forma de valorizar a história por meio da memória criando uma relação sentimental com o meio. Tuan, por exemplo, considera que “a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar” (TUAN, 2012, p.144).

A importância da Área de Estágios está também ligada as dificuldades físicas que os alunos enfrentam para tornarem-se paraquedistas desde o teste de entrada até a cerimônia de conclusão do curso. O Jornal Correio da Manhã no ano de 1951, por exemplo, já citava a obrigatoriedade do teste físico para os voluntários para o Núcleo

da Divisão Aeroterrestre⁴¹.

A seleção dos candidatos com testes físicos mostra a importância do preparo físico para os paraquedistas. As tropas aeroterrestres pelo mundo valorizam o condicionamento do corpo, pois a missão dos paraquedistas exige que os soldados tenham condições de realizar longas marchas, carregando mais equipamentos e suprimentos em suas mochilas. Na formação do paraquedista alemão, por exemplo, quando alguém cometia algum erro “a pena era sempre física até que o culpado caísse: correr no mesmo lugar, marchar e se jogar no chão, rotinas e marchas e punição com música” (BEEVOR, 2008, p.100).

Após aprovação nos testes o curso tem início com uma atividade conhecida como “marcação do capacete”. O ritual é o primeiro contato do aluno com a equipe de instrução. De uma maneira geral a “marcação” visa apresentar ao aluno sua numeração, ou seja, iniciar o ritual de iniciação visando “invisibilidade social” com a “perda do nome”. A partir daquele momento ele não será mais o soldado ou tenente, mas sim o aluno número, zero um, zero dois e assim sucessivamente. É o início da fase liminar de transição para situação de paraquedista com a “exposição prolongada a exercícios físicos” (DAMATTA, 2000, p.15).

O curso teve poucas variações desde o primeiro em 1949 até os dias atuais. Uma alteração de destaque foi o fim do exercício conhecido como “pulo de galo” no início dos anos 1990. A atividade consistia em agachar-se e ficar pulando sem estender completamente as pernas. O “pulinho” foi abolido em todo Exército Brasileiro por ser considerado “nocivo as articulações dos joelhos” (ALMEIDA, 2002, p.110).

Júnior (1993) descreve que os “corretivos” tem como objetivo preparar o aluno para o salto. Ele explica que o “pulo de galo visava manter os joelhos unidos para a aterragem”, a flexão “fortalecer os músculos dos braços para as manobras com o equipamento e para a saída na porta do avião” e o canguru “enriquecer as pernas a fim de resistir ao impacto da aterragem”. Os corretivos, segundo ele, foram com o tempo confundidos com castigo. Esse pode ter sido um motivo para o fim do “pulo de galo”

⁴¹ CORREIO DA MANHÃ. **Novecentos voluntários tentam o para-quedismo**. Rio de Janeiro, 1º Caderno, p.2, Sábado 14 de outubro de 1951. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_07&pasta=ano%20195&pesq=N%C3%BAcleo%20Aeroterrestre>. Acesso em: 22 Set. 2015.

além do fato de provocar lesões nos joelhos.

Outro ritual que foi abolido do curso foi o pedido de desligamento por meio da “janelinha” ou “televisão”. O Coronel Reinaldo Nonato de Oliveira Lima, em sua entrevista, descreveu como era o processo:

“O instrutor falava: Pede para ir embora, você não tem condições! Então o aluno ia para “janelinha” e o instrutor, novamente, perguntava: O que você quer aluno? O aluno então respondia: Eu quero ir embora! Então o desligamento ocorria” (LIMA, 2016).

O processo desligamento citado é, certa medida, uma forma de “ridicularizar o fracasso” e como já vimos é outra característica que marca os rituais de passagem (DAMATTA, 200, p.15).

O fim deste ritual pode ter alguns motivos, dentre eles, que o aluno passava por uma condição vexatória ao pedir o desligamento e após a constituição de 1988 com o aumento dos direitos individuais tais procedimentos passaram a ser questionados com mais ênfase. A nova carta magna brasileira, por exemplo, influenciou na edição de um novo regulamento disciplinar, no ano de 2003, e possivelmente teve um peso no fim deste tradicional ritual da Área de Estágios que durou mais de cinquenta anos.

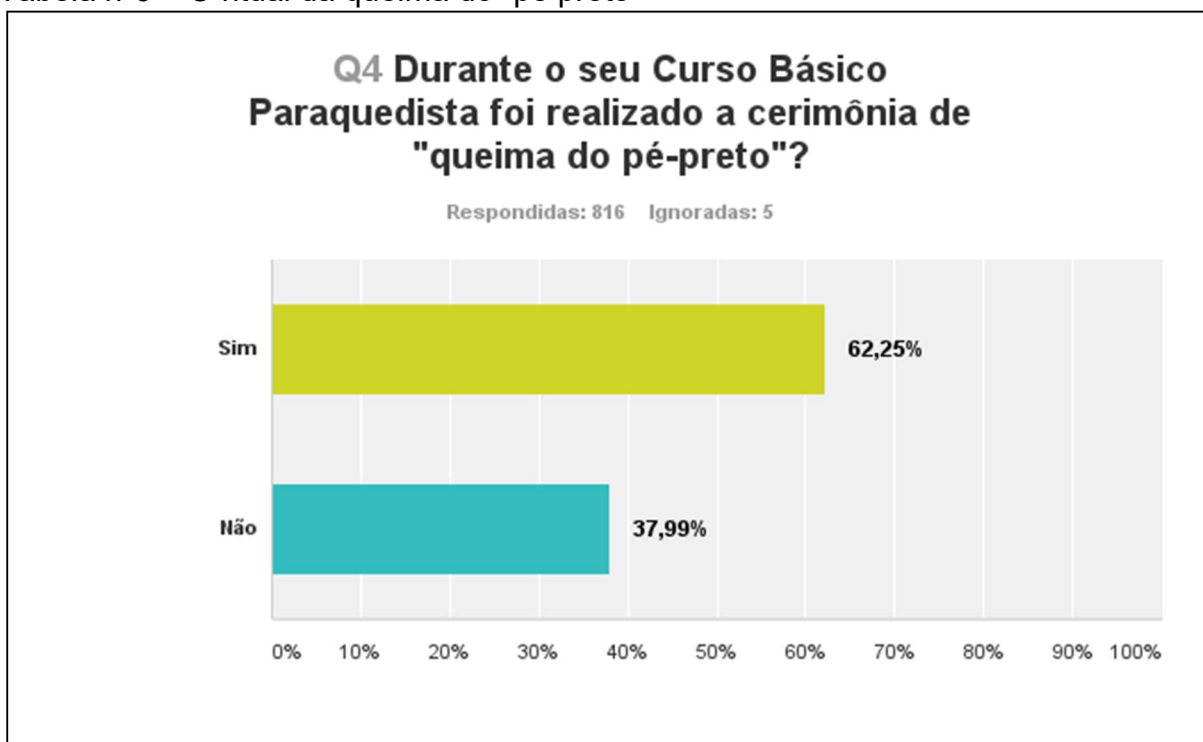
Após o fim da fase técnica resta ao aluno apenas os saltos para qualificar-se como paraquedista militar. Neste momento ocorre um ritual interno chamado de “queima do pé preto”⁴². Esta cerimônia, no caso dos cabos e soldados, ocorre normalmente nas suas unidades de origem e para os oficiais e sargentos na Área de Estágios.

Na pesquisa enviada pelo correio eletrônico uma das perguntas era relacionado a “queima do pé preto”. No total de 810 respostas 62,47% declararam que participaram do ritual, ou seja, quase 2/3 dos entrevistados. No estudo não foi possível identificar quando surgiu o ritual, mas ele não ocorria nas primeiras décadas da tropa paraquedista e foi com o tempo sendo incorporado as tradições.

A queima do pé preto é uma cerimônia interna e informal e tem como objetivo exaltar o paraquedista, mas pode ser vista pelos militares não paraquedistas como algo depreciativo e este deve ser o motivo da sua informalidade.

⁴² Vídeo do ritual realizado em 2009 na Área de Estágios disponível em: <<http://writtenepisodes.com/watchvideo/V4xZ3Rpn2bc/PARAQUEDISTA%202009%20QUEIMA%20DO%20PE%20PRETO/>>. Acesso em 06 Dez 2016.

Tabela nº6 – O ritual da queima do “pé preto”



Fonte: <<https://pt.surveymonkey.com/analyze/>>. Acesso em: 02 Nov, 2016.

Outro ritual importante no Curso Básico Paraquedista é a brevetação. O jornal “O Diário de Notícias⁴³”, no ano de 1953, já anunciava a entrega da insígnia de paraquedistas com a presença do Ministro da Guerra como um grande evento desde os primeiros anos de criação do Núcleo da Divisão Aeroterrestre.

O ritual é a oficialização da situação de paraquedista militar com entrega dos símbolos tradicionais (boina e brevê). O final do curso é um momento de alegria. Nas tropas alemãs no início da Segunda Guerra Mundial, por exemplo, “a aprovação no curso e o sucesso no primeiro no primeiro salto eram comemorados com linguíça e cerveja e flertes com as moças impressionadas com a farda de paraquedista e a fama de corpo de elite”. A brevetação marca o fim da fase de transição do ritual de passagem

⁴³ ENTREGA DE INSÍGNIAS DE PARÁ-QUEDISTA MILITAR AOS OFICIAIS E PRAÇAS DO NÚCLEO DA DIVISÃO AEROTERRESTRE. **Jornal Diário de Notícias**, Edição nº7657, de 25 Junho de 1953. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_07&pasta=ano%20195&pesq=N%C3%B4cleo%20Aeroterrestre. Acesso em: 05 Dez. 2015.

(BEEVOR, 2008, p.101).

Almeida (2002) realizou acima uma comparação entres os cursos realizado na época de sua pesquisa com o dos pioneiros nos EUA e vemos que existem diversas mudanças entre o curso realizado pelo então Capitão Pessoa, no ano de 1944, e o de 2002.

Tabela nº7 - Estrutura dos Cursos Básicos ao longo dos tempos

Parâmetro	Curso nos EUA (1944)	Curso no Brasil (2002)
Duração	4 semanas	6 semanas
Tipo de Instrução	“Oficinas” mistas abordando técnicas específicas e intensa atividade física.	Duas fases distintas. Uma fase de intensas atividades físicas e outra de técnica paraquedista com manutenção dos padrões físicos.
Cerimoniais	2 a 4 diários para revista de uniformes.	2 a 4 diários para revista de uniformes.
Teste de Verificação Final	20 Barras, 54 Flexões de braço, 79 abdominais, 75 cangurus e corrida de calça e coturno de 10 Km	8 Barras, 35 Flexões de braço, 60 abdominais, 50 cangurus e corrida de calça e coturno de 5 Km

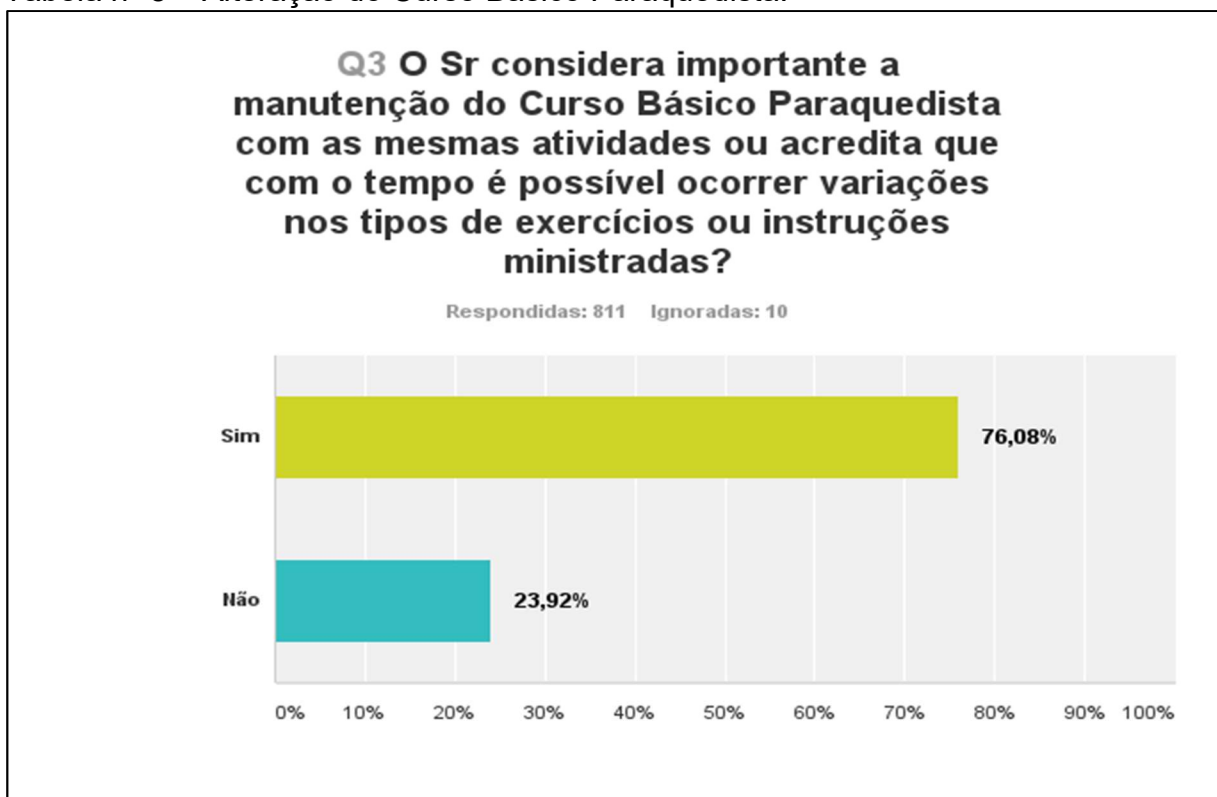
Fonte: Adaptado de ALMEIDA, Ricardo Guilherme de Almeida. **Evolução histórica da Brigada de Infantaria Paraquedista no contexto da força terrestre brasileira**. Dissertação de Mestrado em Ciências Militares. Rio de Janeiro: ECEME, 2002, p.166. Adaptado pelo autor.

As diferenças estão na duração, no tipo de instruções e nos índices dos testes de verificação final e, por outro lado, existem permanências como o tipo e quantidade de cerimoniais realizados.

Nos rituais ocorreram também mudanças. O fim do pedido de desligamento na “janelinha” e o do “pulo de galo” são alguns exemplos dessas variações. Na Tabela nº 8 vemos a terceira questão do questionário enviado pelo correio eletrônico referente a mudança ou não das atividades do Curso Básico Paraquedista. A pergunta tinha como objetivo identificar a percepção do grupo com relação as permanências e rupturas na formação paraquedista. Em torno de $\frac{3}{4}$ (76, 27%) declararam-se favoráveis as variações no decorrer do tempo e as consideravam normais, ou seja, existe uma visão positiva das rupturas e entendimento de que elas contribuem para o aperfeiçoamento

do processo.

Tabela nº 8 – Alteração do Curso Básico Paraquedista.



Fonte: <<https://pt.surveymonkey.com/analyze/>>. Acesso em: 02 Nov, 2016.

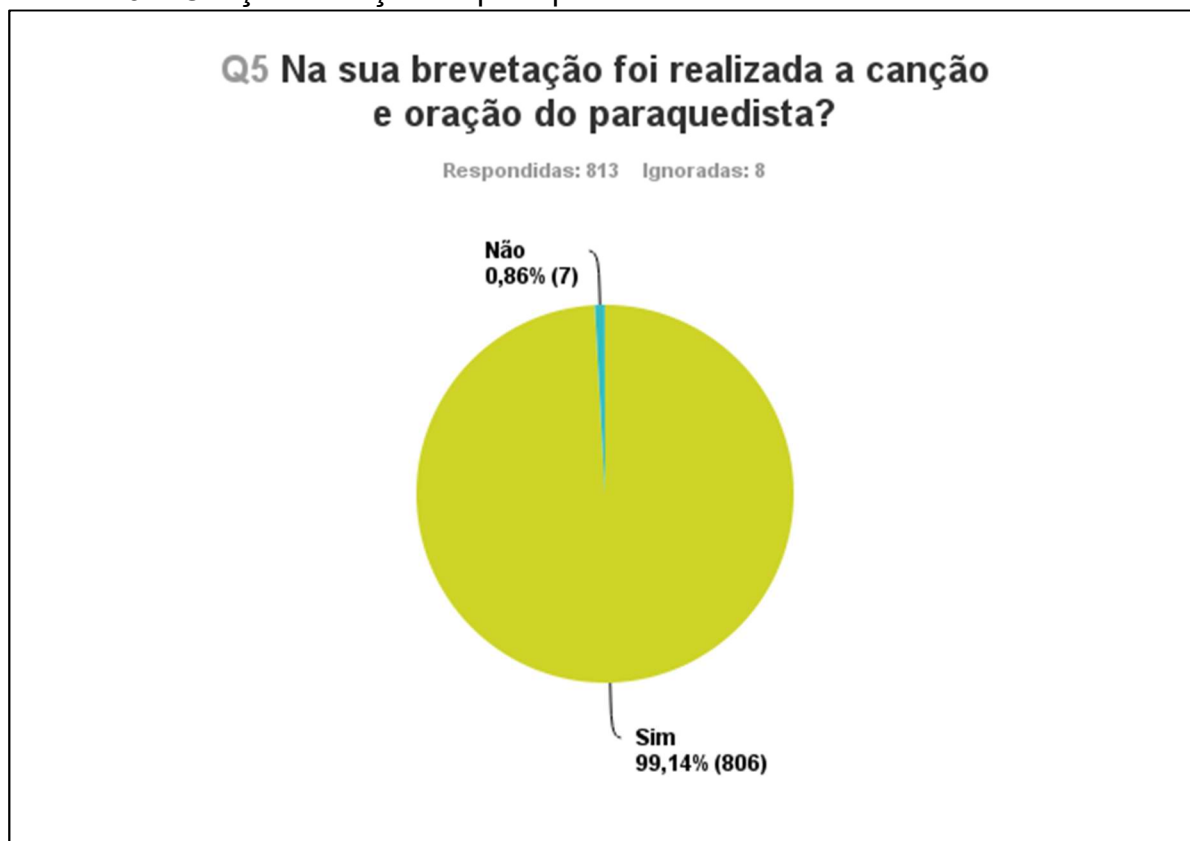
Uma frase do General Pessoa é utilizada por aqueles que defendem a permanência “imutável” do curso básico. Ele teria dito que: nada justifica que se abrandem os métodos e processos rigorosos de seleção, formação e apronto do combatente aeroterrestre do Brasil. A frase não proíbe as mudanças, mas sim o “abrandamento” dos métodos, ou seja, as variações podem ocorrer desde que não afete o rigor do processo. Independentemente da posição de permanência ou não do Curso Básico Paraquedista é possível afirmar que houveram inúmeras variações na atividade desde o primeiro em 1949 até os dias atuais. (GRIFO NOSSO)

5.2 DO “ETERNO HERÓI’ AO “BADERNAÇO”

A seguir, na Tabela nº9, a quinta questão, referente a realização ou não da canção e oração do paraquedista na cerimônia de brevetação do Curso Básico

Paraquedista. A pergunta tinha como objetivo confirmar a permanência destas tradições que são realizadas desde as primeiras cerimônias de encerramento do Curso Básico Paraquedista.

Tabela nº9 – Canção e oração do paraquedista



Fonte: <<https://pt.surveymonkey.com/analyze/>>. Acesso em: 02 Nov, 2016.

A grande maioria dos entrevistados (99,14%) respondeu de forma afirmativa e podemos concluir que a canção “Eterno Herói”⁴⁴ e a oração do paraquedista são tradições consagradas durante o processo histórico. Por outro lado, vemos que já existiram cerimônias que essas tradições não ocorreram (0,86%), mas foram situações isoladas.

⁴⁴ Letra da canção: Cumprindo no espaço a missão dos condores, Valente e audaz não vacila um instante, Nas asas de prata, ao roncar dos motores, Vai a sentinela da Pátria distante, Chegando o momento descendo dos céus, Num salto gigante surgindo do anil, Vem ele planando do templo de Deus, Lutar em defesa do nosso Brasil, Paraquedista, Guerreiro alado vai cumprir sua missão, Num salto audaz, Vai conquistar do inimigo a posição, Paraquedista, No entrelaço das razões sempre será, O eterno Herói, Que no avanço e na luta ninguém deterá, Hurra! Hurra! Disponível em: <<http://www.cipqdt.ensino.eb.br/site/index-letra-eterno-heroi.php>>. Acesso em: 06 Dez 2016.

A canção “Eterno Herói” é umas das primeiras tradições aeroterrestres brasileiras. No Núcleo de Formação da Tropa Paraquedista da Escola de Paraquedistas, em 1947, o então “Capitão Newton Lisboa Lemos criou a letra e a melodia” do que seria no futuro a principal música dos paraquedistas. Apesar de ser entoada desde os primeiros anos pela tropa ela foi aprovada oficialmente apenas no ano de 1982 através de uma portaria.⁴⁵O agora General da reserva Newton Lemos finalmente viu sua criação ganhar o patamar de canção oficial dos paraquedistas brasileiros (GONÇALVES, 2015, p.31).

A canção ficou 35 anos sendo entoada de forma não oficial e, provavelmente, restrita aos quartéis paraquedistas. A oficialização é uma importante ruptura, pois mostra o reconhecimento formal da instituição Exército Brasileiro e, portanto, marca a consolidação desta tradição. A partir de 1982 entoar a música “Eterno Herói” já é algo obrigatório e previsto por meio de um documento com intuito de preservar a memória. Por outro lado, antes da publicação o canto tinha um significado bem distinto, primeiramente não deveria ser obrigatório e sua prática mostrava um anseio do grupo de criar uma identidade própria com rituais específicos⁴⁶.

No mesmo ano ocorreu a inclusão de uma introdução na canção. A ela foi incluído um ronco dos motores de uma aeronave como introdução e, posteriormente, um militar realiza os comandos de um mestre de salto do avião simulando o lançamento dos paraquedistas antes de começar a música. O militar escolhido para a “função de comandar o avião” pode ser o mais antigo ou algum homenageado por um motivo qualquer. A novidade na música foi ideia do Coronel Osiris Labatut Rodrigues, na época Chefe do Estado-Maior da Brigada de Infantaria Paraquedista, e passou a ser uma regra na execução do hino desde a década de 1980 (GONÇALVES, 2015, p.112).

A canção é rica em detalhes e permite entender como ocorre o processo de “invenção” das tradições. O Coronel Osiris na época era o segundo militar mais

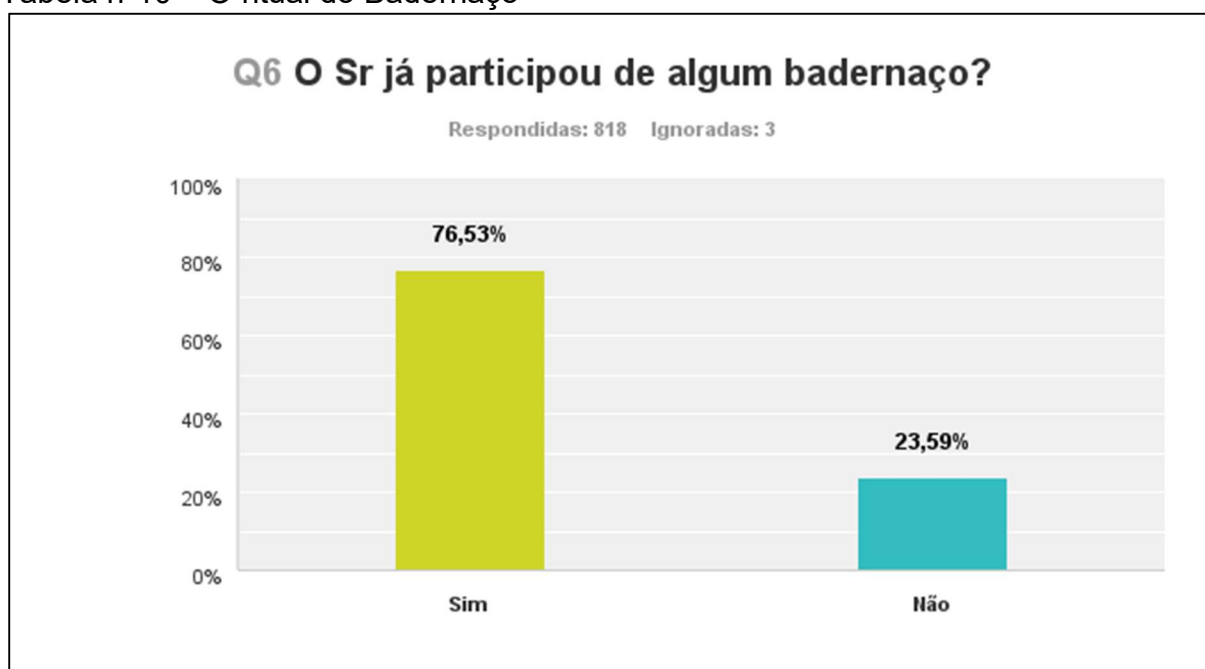
⁴⁵ Portaria nº5, do Estado Maior do Exército, de 14 de janeiro de 1982.

⁴⁶ No decorrer dos anos ocorreram algumas variações na letra da canção, mas em 2009 houve uma busca pelo resgate da letra original. A volta a letra original foi aprovada apenas no ano de 2011 pela Portaria nº 190-SGEX, de 6 de junho de 2011. A inclusão de uma introdução foi, em certa medida, uma alteração, mas foi algo bem recebida e acabou sendo adaptada a letra original. Por outro lado, as variações da letra não foram aceitas e houve um processo para resgatar a letra original.

“antigo”⁴⁷ da tropa paraquedista, sendo apenas de menor grau hierárquico que o General comandante e, obviamente a aceitação de sua proposta para inclusão da introdução e dos “comandos do mestre de salto” antes do início do canto foi bem facilitada. Por outro lado, vemos que outras alterações que surgiram de forma “natural” ou criada por algum militar de baixo grau hierárquico não obteve o mesmo sucesso.

Outra tradição paraquedista que surgiu na década de 1980 é o badernaço⁴⁸. Na Tabela nº10 vemos a quantidade de entrevistados que participou do ritual. O objetivo da questão foi verificar a consolidação do ritual com suas permanências e rupturas.

Tabela nº10 – O ritual do Badernaço



Fonte: <<https://pt.surveymonkey.com/analyze/>>. Acesso em 02 Nov, 2016.

Em torno de $\frac{3}{4}$ dos entrevistados (76,60%) confirmaram a participação no badernaço. Apesar de sua criação ter ocorrido, aproximadamente, 40 anos após a criação da tropa paraquedista é possível concluir que este é um ritual consolidado. A

⁴⁷ Militar que possui o maior grau hierárquico dentro de um grupo.

⁴⁸ A palavra “Baderna” veio do nome da bailarina italiana Marietta Baderna, uma artista que esteve no Rio de Janeiro por volta de 1850. Acontece que ela tinha uma legião de fãs que costumavam fazer uma tremenda confusão e gritaria por causa dela. Essa “histeria” dos fãs era tão intensa que o nome dela, Baderna, acabou virando sinônimo de confusão, balbúrdia. No século 19, a palavra baderna já constava do dicionário de Antonio Joaquim de Macedo Soares como substantivo comum. Disponível em: <<http://www.dicionarioetimologico.com.br/baderna/>>. Acesso em: 06 Dez 2016.

sua criação teve início no ano de 1987 por ocasião da visita do Ministro do Exército, o General de Exército Leônidas Pires Gonçalves, foi executada pela primeira vez na Brigada de Infantaria Paraquedista a canção “Dragões do Ar”, música adaptada do 2º Regimento Paraquedista da Legião Estrangeira do Exército Francês. Assim estava nascendo uma nova tradição que é descrita assim:

“Cultuando as tradições aeroterrestres, a Tropa Pára-quedista realiza o “Badernaço”, que é um almoço de confraternização que tem por objetivo desenvolver o espírito de corpo, a sã camaradagem e a amizade entre os militares do Batalhão. O Badernaço encontra sua origem no hino da legião estrangeira, pois, por ocasião de um intercâmbio com aquela tropa, o General de Brigada ARNOLDI PEDROZO, Comandante da Brigada de Infantaria Pára-quedista nos anos de 1987 à 1990, participou de uma festividade em que os legionários ao entoarem a sua canção, batiam com as taças na mesa para externar todo o seu orgulho e vibração de pertencer a Legião. Ao retornar para o Brasil, o General PEDROZO, adaptou a canção dos legionários e compôs a Canção Dragões do Ar, que traduz a irmandade dos Pára-quedista, tornando-se símbolo do nosso badernaço (BRASIL (a), 2015, p.1).

O badernaço⁴⁹ ganhou espaço nas comemorações da tropa paraquedista nos anos seguintes e permanece até os dias atuais. O ritual permanece inalterado particularmente com o canto da canção “dragões do ar” e com as batidas na mesa seja com as mãos ou com copos ou taças para externar a satisfação de ser paraquedista. O ritual é uma tradição imaterial que se perpetuou nas décadas seguintes.

No badernaço além da canção principal permaneceu também o canto do “eterno herói” e “irmãos do condor” a “oração da paraquedista” além de normalmente a canção do batalhão que organiza a confraternização. A tradição influenciou também outras tropas, pois recentemente foi criado o “badernaço da selva” com características semelhantes para confraternização dos militares da região Amazônica.

Associado também ao badernaço ocorreu o surgimento da expressão “velha brigada”. A tradição surgiu porque na canção dragões do ar é citado no refrão a expressão, como vemos a seguir:

Avante heróis! Em busca da vitória. Subindo aos céus, lançando-se no ar, honrando a nossa história. Mais fortes, mais rijos lutando, Soldados da velha Brigada. A hora na porta saltando. A luta prá nós não é nada!⁵⁰ (GRIFO

⁴⁹ Um exemplo do ritual do badernaço ocorreu na visita do então Ministro da Defesa, Jacques Wagner, na Brigada de Infantaria Paraquedista no dia 20 de Agosto de 2015. Disponível em: <<http://www.defesa.gov.br/noticias/16621-tropa-paraquedista-unidade-de-elite-do-exercito-brasileiro-e-apresentada-ao-ministro-wagner>>. Acesso em: 12 Mai. 2016.

⁵⁰ Disponível em: <<http://www.cipqdt.ensino.eb.br/site/index-letra-dragoes-ar.php>>. Acesso em: 19 Abr. 2016.

NOSSO)

O badernaço é um ritual específico que foi oficializado logo na sua implantação por meio da apresentação ao General Leônidas, na época Ministro do Exército, que provavelmente aprovou a cerimônia. O sucesso inicial do ritual fez com que ele ganhasse espaço nas confraternizações de militares da ativa e da reserva e apesar de não ser umas das tradições mais antigas, pois completará 30 anos em 2017, atualmente é um importante ritual da Brigada de Infantaria Paraquedista.

A repetição da oração do paraquedista é outra tradição consolidada entre os paraquedistas brasileiros. A origem vem de um episódio ocorrido, no ano de 1943, em plena Segunda Guerra Mundial. Na ocasião foi encontrada a letra junto do corpo do aspirante Zirnheld, oficial das forças francesas livres, que morreu em combate no mês de julho daquele ano na Líbia (BERGOT, 1972, p.126). A transcrição a seguir da oração facilita a compreensão do seu significado.

Dai-me, Senhor meu Deus, o que Vos resta;
 Aquilo que ninguém Vos pede.
 Não Vos peço o repouso nem a tranqüilidade, Nem da alma nem do corpo.
 Não Vos peço a riqueza nem o êxito nem a saúde;
 Tantos Vos pedem isso, meu Deus, Que já não Vos deve sobrar para dar.
 Dai-me, Senhor, o que Vos resta, Dai-me aquilo que todos recusam.
 Quero a insegurança e a inquietação, Quero a luta e a tormenta.
 Dai-me isso, meu Deus, definitivamente;
 Dai-me a certeza de que essa será a minha parte para sempre;
 Porque nem sempre terei a coragem de Vo-la pedir.
 Dai-me, Senhor, o que Vos resta, Dai-me aquilo que os outros não querem;
 Mas dai-me, também, A coragem, a força e a fé".
 (ZIRNHELD *apud In*: BRUNO, 2010,p.124)

É possível um ser humano desejar insegurança, inquietação, luta e tormenta? O paraquedista ao buscar algo diferente que a maioria das pessoas, em certa medida, simbolicamente confirma sua diferença dos demais. Ele não é igual aos outros e por isso quer "aquilo que os outros não querem". Em um estudo sobre os paraquedistas brasileiros o ritual da oração é descrito assim:

"Contam os pára-quedaistas, que durante a Segunda Guerra Mundial, um General francês encontrou no bolso de um pára-quedaista morto heroicamente em combate, um arrazoado, escrito de próprio punho pelo soldado abatido. Ao ler tais palavras, o general percebeu tratar-se de uma invocação dirigida a Deus, através da qual aquele soldado pára-quedaista fazia alguns pedidos aos céus. Esta história é largamente contada e cultuada na brigada pára-quedaista, usada na construção da identidade daquele combatente. Ela é contada,

repetida, lembrada e aludida em um sem par de ocasiões por referir-se ao momento lendário da criação da 'Oração do pára-quedista'. A Oração do Pára-quedista fala de coragem, de força e de fé" (BRUNO, 2010, p.125) (GRIFO NOSSO).

Após o conflito a oração espalhou-se pelas tropas paraquedistas pelo mundo e foi traduzida em diversas línguas passando também a ser incorporado pelos militares brasileiros. A maneira de entoar a oração segue um ritual específico⁵¹ em formaturas ou confraternizações no qual um militar diz uma frase e o restante da tropa responde repete. O uso de orações tornou-se popular no Exército Brasileiro e, atualmente, existem inúmeras delas como a do guerreiro de selva⁵², combatente de caatinga, dentre outras.

Bruno (2010) ao analisar a oração chegou à conclusão que o paraquedista "faz-se entender como um bravo guerreiro, corajoso e destemido". Ela destaca também de que a oração, normalmente, é recitada em momentos de tremenda vibração e emoção da tropa agindo na construção de identidade. Os paraquedistas se entendem como especiais, audazes, corajosos e fortes e pedem situações vistas como negativas (tormenta, inquietação, etc). A oração é uma demonstração de "emoções identitárias advindas do orgulho que sentem da profissão que escolheram, e por analogia, do prazer e orgulho de entender que são quem dizem que são" (BRUNO, 2010, p.125).

Da mesma forma que na criação dos patronos o uso de orações foi um ritual que se espalhou dos paraquedistas para outras tropas e consolidou-se como uma tradição de toda força terrestre.

5.3 O BRADO "BRASIL ACIMA DE TUDO"

A utilização do brado ou lema "Brasil acima de tudo" é outro ritual importante para os militares paraquedistas brasileiros. Bruno (2010) ao estudar discursos dos

⁵¹ Oração encontrada no corpo do Aspirante paraquedista Zirnheld, das Forças Armadas Francesas Livres, morto em combate em 1942 na Líbia, norte da África. Traduzida por Zarco Moniz Ferreira e constante no livro "Les Paras", de Ervan Bergot. Foi transcrita no BI nr 07 da Bda Aet, de 17 Jan 69, com a determinação que esta fosse a Oração do Paraquedista brasileiro. Disponível em: <http://www.sgex.eb.mil.br/index.php/oracoes/267-oracao-do-paraquedista>. Acesso em: 27 Fev. 2016.

⁵² Disponível em: <http://www.cigs.ensino.eb.br/index.php/ensino/nossos-simbolos/5-artigos-div-ens/17-oracao-do-guerreiro-da-selva>. Oração do Guerreiro de Selva. Acesso em: 27 Fev. 2016.

militares paraquedistas na construção da identidade do grupo dedicou uma parcela ao brado e considerou que a sua utilização demonstra um sentimento de “patriotismo, nacionalidade e brasilidade”. Ao descrever sua interpretação sobre o ritual diz que:

“(…) Brados de guerra são signos linguísticos que pretendem evocar valores institucionais e que por este motivo são julgados oportunos de serem proferidos durante uma enorme gama de situações interacionais na caserna. A adoção destes ou daqueles brados, dentro do Exército, a meu ver, nada tem de arbitrária, dependendo, entre outros aspectos, da identidade da tropa onde é proferido. Considero que o brado de guerra seja um signo identitário da tropa. O brado ‘Brasil acima de tudo!’ É característico da tropa pára-quedista, evidenciando e evocando seus ideais (BRUNO, 2010, p.108).

Atualmente o brado representa a tropa paraquedista brasileira, mas a sua origem e o processo de oficialização são pouco conhecidos, inclusive, entre os militares da Brigada de Infantaria Paraquedista. O termo já foi utilizado pelo General Gois Monteiro (1899-1956), na época Ministro da Guerra do presidente Getúlio Vargas, em um discurso agradecendo seus comandados quando disse: “O Brasil acima de tudo: é assim o meu modo final e melhor de vos agradecer e saudar a todos, correspondendo a saudação generosa que hoje acabais de me trazer” (MONTEIRO, 1934, p.27-28).

O uso da expressão não tinha inicialmente nenhuma ligação com a tropa paraquedista, mas no contexto dos primeiros anos do Regime Militar (1964-1985), particularmente em 1968, o Brasil viveu um momento turbulento e aumentou as ações de grupos armados de esquerda. A situação levou o governo a decretar o ato institucional nº 5 (AI-5), pelo presidente Costa e Silva, no dia 13 de dezembro de 1968. No ano seguinte alguns militares criaram o grupo “Centelha Nativista”, uma organização nacionalista que tinha como objetivo defender o movimento de 1964. A organização foi formada por diversos militares paraquedistas como os Capitães Francimá de Luna Máximo, José Aurélio Valporto e Kurt Pessek, dentre outros⁵³ (JÚNIOR, 1993; LIMA FILHO, 1994 e CASALI, 2015).

⁵³ Outros membros citados em fontes diversas como integrantes da Centelha: Aldo Demerval Rio Branco Fernandes (Pqdt 15.667 – 67/1), Américo Barbosa de Paula Chaves (civil), Amerino Raposo Filho (não Pqdt), Ivan Zanoni Hausen (FAB), Helio Duarte Pereira de Lemos (não Pqdt - veterano da FEB - organizou a campanha “o petróleo é nosso”), Ruy de Castro (não Pqdt), Linhares de Carvalho (não Pqdt), Capitão Tarcísio Célio Carvalho Nunes Ferreira (não Pqdt - participou do levante de Aragarças em 1959), General Ariel Paca da Fonseca (não Pqdt - Cmt ECEME 1970/1971), General Hélio Duarte Pereira de Lemos (não Pqdt), General Rodrigo Octávio Jordão Ramos (não Pqdt), General Antonio Carlos de Andrada Serpa (não Pqdt), General Euler Bentes Monteiro (não Pqdt), Sósthene Lustosa do Amaral Nogueira (Pqdt 5.953 – 59/5), Almirante Julio de Sá Bierrenbach (não Pqdt).

O brado teria sido criado então, segundo relato do Coronel Kurt, pelo então Capitão Valporto. O lema apesar de já ser utilizado desde décadas anteriores foi questionado por integrantes do “Centelha Nativista”, tendo em vista existir uma frase alemã similar que dizia “*Deustcschland uber alles*”⁵⁴. Além do brado foram criados para o grupo um símbolo, uma oração e mandamentos ou princípios (CASALI, 2015).

- 1) Considerar o bem-estar comum como princípio básico de todo desenvolvimento;
- 2) Fazer da ordem, da disciplina e do trabalho honesto a alavanca do progresso da Nação;
- 3) Dar oportunidade a todos e promover os mais capazes;
- 4) Fazer da educação ética e cívica instrumento para a formação do povo e da boa consciência nacional;
- 5) Promover o desenvolvimento, garantindo a soberania nacional;
- 6) **Incentivar o culto às tradições** e o respeito à família, como base da nossa sociedade;
- 7) Manter a harmonia de classes através da distribuição de renda;
- 8) Impor obrigações recíprocas entre governantes e governados, através das leis, para que as responsabilidades sejam equitativamente distribuídas;
- 9) Estimular a iniciativa privada, promovendo os valores permanentes da nacionalidade, expressos nos objetivos nacionais vitais;
- 10) Ser rigoroso e inflexível na punição dos crimes contra o povo, o Estado e a Nação. **Brasil, acima de tudo!** (CASALI, 2015, p.2) (GRIFO NOSSO).

No mandamento número seis vemos a intenção de “incentivar o culto as tradições”. Em certa medida, podemos afirmar que o brado conseguiu tal intenção porque foi “inventado” e, posteriormente oficializado na tropa paraquedista tendo seu uso disseminado também por outras tropas.

O grupo não era bem visto pelo Exército Brasileiro e tampouco pelo governo. A situação no país se agravava e no dia 31 de agosto de 1969, após o General Costa e Silva sofrer um AVC ele foi afastado da presidência por invalidez e uma junta militar assumiu o poder executivo. Poucos dias depois, em 4 de setembro ativistas dos grupos armados⁵⁵ contra o governo sequestraram o embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick.

A ação foi um sucesso e tinha por objetivo libertar militantes presos pelo governo através de uma troca com o diplomata. O grupo Centelha Nativista planejou, no dia 6 de setembro de 1969, uma ação para impedir que os prisioneiros que estavam sendo

⁵⁴ “Alemanha acima de tudo”.

⁵⁵ Movimento Revolucionário 8 de outubro, MR-8 e Aliança Nacional Libertadora, ALN.

libertados decolassem rumo ao exterior no aeroporto do Galeão no Rio de Janeiro. O grupo não obteve êxito porque a decolagem prevista para 17 horas foi antecipada em duas horas (CASALI, 2015).

Os integrantes do grupo ficaram desanimados com o insucesso, mas decidiram no mesmo dia invadir a Rádio Nacional, na Avenida Brasil. O objetivo da ação seria apresentar, no horário nobre da emissora, um manifesto redigido pelo então Capitão Máximo, que dizia o seguinte:

“6 de setembro – 22,30 hs. Rádio Nacional. Atenção para o comunicado a nação brasileira. **A tropa paraquedista** e outras tropas, insurgidas contra a decisão da junta governamental, de fazer a entrega de presos, condenados pela justiça, numa demonstração de fraqueza e à revelia das Forças Armadas – lança – nesse momento, uma proclamação ao povo brasileiro de repúdio a tal medida impatriótica. Conclamo-nos à união e tom de consciência de que existe um nosso país, declarado guerra interna revolucionária de comunistas, contra a qual iniciamos nesse momento ações militares de repressão. Por cumprimento desta determinação patriótica, estamos destinados ao mais alto sacrifício. Em nome de Deus. **Brasil acima de tudo!** (SERRÃO, 2014) (GRIFO NOSSO).

Logo no início o Capitão Máximo destacou que o grupo representava a tropa paraquedista e questionava as ações do governo federal em relação aos grupos de esquerda. No mesmo dia o Tenente Coronel Dickson Melgues Graef, paraquedista pioneiro e comandante do 1º Grupo de Obuses Aeroterrestre, que havia coordenado as ações no aeroporto do Galeão, decidiu que não iria participar do desfile cívico de 7 de setembro. A situação agravou-se e, no dia seguinte, vários integrantes do grupo foram presos (CASALI, 2015).

Após a morte do General Costa e Silva iniciaram-se disputas políticas para escolha do novo presidente. O grupo apoiou para o cargo o General Afonso Augusto de Albuquerque Lima, mas devido à pouca influência no Exército Brasileiro não conseguiu efetivar suas intenções. No ano de 1971 o General Hugo de Andrade Abreu assumiu o comando da Brigada Paraquedista e aproximou-se do grupo. Na sua passagem de comando, no dia 11 de março de 1974, ele terminou suas palavras com o brado “Brasil acima de tudo”. Esse foi o primeiro registro oficial do brado no âmbito da tropa paraquedista brasileira (JÚNIOR, 1993; ALMEIDA, 2002 e CASALI, 2015).

No ano de 1975, o Coronel Acrísio Figueira, comandante do 26º Batalhão de Infantaria Paraquedista, integrando uma comitiva de oficiais em visita ao Forte Bragg,

nos EUA, verificou que os militares norte-americanos cumprimentavam da seguinte forma: Um dizia – “*Air Born!* ” e o outro respondia – “*All the way!*”. O Coronel Acrísio introduziu o uso do brado de forma similar na unidade militar que comandava na época, ou seja, um militar, normalmente o superior hierárquico bradaria – “Brasil! ” e o outro responderia energicamente – “Acima de tudo!” (CASALI, 2015).

No ano de 1978 o grupo Centelha Nativista engajou-se novamente na transição presidencial. Os militares eram contrários a candidatura do General Figueiredo, mas novamente não obtiveram êxito. A partir daí, segundo Santos (2009), o grupo foi gradativamente se afastando das questões políticas. Finalmente, em 1985 com a promoção do Coronel Acrísio ao posto de General de Brigada ele foi designado para comandar a Brigada de Infantaria Paraquedista passando a adotar oficialmente o brado que representa o sentimento de patriotismo dos militares paraquedistas ao colocar a país acima de qualquer circunstância ou particularidade e revela também a abrangência nacional das missões da “velha brigada”.

O brado como vimos surgiu, inicialmente, no 26º Batalhão de Infantaria Paraquedista. O “Dois Meia” como é conhecido, por seus integrantes, é o batalhão mais antigo da Brigada de Infantaria Paraquedista. O pavilhão “H” denominação criada porque as Companhias de Fuzileiros dispostas formando uma letra “H” vista do alto com dois pátios internos é considerado o núcleo histórico da unidade e, por este motivo, algumas vezes o comandante usa o local para dar avisos de maior importância para tropa (ALMEIDA, 2002).

Outra tradição que surgiu no “Dois Meia” é o Bosque dos Campeões. “O local foi criado no dia 21 de maio de 1958 para homenagear os paraquedistas falecidos em atividades aeroterrestres” (ALMEIDA, 2002, p.129). A tradição foi também adotada recentemente pelo Comando de Operações, em Goiânia, com a finalidade similar.

Nos rituais paraquedistas a igualdade e a diferença são, concomitantemente, reforçadas. Os integrantes do grupo buscam nessas cerimônias enfatizar seus desafios e dificuldades de forma igualitária e a condição de soldado especial.

6. ANÁLISES DOS RESULTADOS

Na definição de “tradição inventada” vemos que ela é “um conjunto de práticas de natureza ritual ou simbólica com regras tácitas ou abertamente aceitas” (HOSBAWN e RANGER, 1997, p.6). No estudo identificamos duas dessas regras tácitas, ou seja, princípios implícitos que orientam a criação dos símbolos e rituais paraquedistas, que são: igualdade e diferença. Essas regras são complementares, pois enfatizam simbolicamente a igualdade entre os integrantes do grupo ao mesmo que a diferença para os outros militares (não paraquedistas).

A igualdade pode ser vista no uso do brevê prateado, do “*boot*” marrom e da boina grená para todos os militares, sem distinção de postos e graduações. A formação básica na Área de Estágios, as canções, a oração e o badernaço são também rituais que reforçam essa ideia. A igualdade é destacada, por exemplo, no discurso do General Pessoa ao considerar que todos os militares paraquedistas enfrentam “os mesmos riscos e perigos e são submetidos ao mesmo crivo e padrão de exigência física e técnicas” (CARMO, 2005). Na “Brigada” existe uma busca por minimizar as diferenças e assim fortalecer a união, o espírito de corpo e camaradagem do grupo.

A regra tácita da diferença é outro princípio das tradições paraquedistas. Os mesmos símbolos que exaltam a igualdade servem também para diferenciá-los dos outros militares. O brevê prateado, o “*boot*” marrom e a boina grená são símbolos exclusivos dos paraquedistas e agem, simbolicamente, na construção dessa premissa. Os rituais desde a formação e no cotidiano dos quartéis da “Brigada” reforçam a condição de soldado especial do paraquedista. Essa regra é um discurso natural nas tradições inventadas que buscam criar “particularidades de apresentação, de denominações e conduta” (BOUCHACOURT, 1993, p.26).

O Coronel Braga, em sua entrevista, salientou a necessidade do paraquedista sentir-se mais preparado que os outros soldados, tendo em vista sua missão peculiar. O “ser diferente” é visto como necessário, mas perigoso. O Coronel Braga disse que:

“Devemos tomar muito cuidado quando transmitimos isso a ele (soldado) para que o camarada não ultrapasse os limites e acabe que esta mística seja prejudicial. Eu vou te contar uma passagem. Eu fui transferido da “Brigada” para ESAO e quando cheguei lá meus amigos falaram: “Na Brigada os

soldados são “desenquadrados”⁵⁶, os soldados não fazem continência”. Eu falei: Que isso! Aí ele falou: Quer ver? Olha só! Estávamos andando na Vila (Militar) e três soldados (paraquedistas) não fizeram continência e o cara era Capitão! Eles (soldados) se achavam tão bons que esse sentimento de superioridade estava extrapolando”. (BRAGA, 2016) (GRIFO NOSSO)

Ele considera que o paraquedista pode “acreditar que é tão superior” ao ponto de ferir um pilar básico da instituição militar (disciplina) e prejudicar no convívio social e na execução de missões com outras tropas.

O objetivo central do trabalho foi identificar as rupturas e permanências das tradições analisadas. No culto aos Generais Penha Brasil e Pessôa identificamos que a valorização dos vultos do passado não é fixa. A relação entre os dois generais paraquedistas é semelhante, em certa medida, ao processo de escolha do Duque de Caxias como patrono do Exército iniciado no ano de 1923. Após a Guerra do Paraguai (1864-1870) tivemos um período de exaltação do General Osório e somente algumas décadas depois o nome de Caxias ganhou espaço (CASTRO, 2002). De maneira análoga vimos um maior destaque para o General Penha Brasil nas décadas de 1960/70 e, a partir de 1980, o General Pessôa passou a ganhar mais visibilidade ao comparecer nas cerimônias, solenidades e confraternizações. A comparação entre os dois militares ocorre, em parte, porque eles são os mais indicados para a função de patrono dos paraquedistas e existem adeptos de ambos os lados provocando um embate natural no grupo. A recente criação de um espaço dedicado ao General Penha Brasil é uma mostra de que pode estar iniciando uma nova ruptura no processo.

No uso do brevê de paraquedista militar também ocorreram rupturas. Inicialmente, foram criados dois distintivos, no ano de 1946, um dourado para oficiais e outro prateado para praças. Os símbolos não foram utilizados e, nos anos seguintes, um novo distintivo foi criado com pequenas alterações, mas com a cor prateada para todos. Nesse episódio já vemos a regra tácita da igualdade influenciando na consolidação de um símbolo em detrimento de outro. Apesar das diferenças no formato o mais importante é a mudança no significado do símbolo. De dois distintivos (oficiais e praças) para um idêntico para todos desde que os primeiros militares paraquedistas que concluíram o Curso Básico em 1949 até os dias atuais.

⁵⁶ Expressão para referir-se a um militar indisciplinado.

Outra importante mudança ocorreu, no ano 1964, com o uso da boina grená. A nova peça do uniforme transmitia, simbolicamente, o princípio da diferença ao mesmo tempo que servia para identificar os paraquedistas. O processo para autorizar o uso da boina funcionou, também, para unir o grupo em torno de um objetivo único. A boina sofreu uma pequena mudança, pois a partir de 1987 com a mudança do RUE ela deixou de ter a “bolacha”, um símbolo redondo com paraquedas ao centro, para usar o escudo do Exército. A mudança não foi importante porque não alterou o significado desta tradição.

O “*boot*” marrom permaneceu como um símbolo desde a década de 1940 até os dias atuais na “Brigada”, mas no ano de 2003 o 1º Batalhão de Forças Especiais (1º BFEsp), quando foi transferido para Goiânia e passou a ser subordinado da Brigada de Operações Especiais que criou um novo símbolo o “*boot*” na cor café. O calçado poderia ser utilizado por todos os militares e a tradição durou até o ano de 2015 e, atualmente, os paraquedistas daquela organização militar voltaram a utilizar o tradicional “*boot*” marrom. Apesar de, atualmente, o 1º BFEsp não fazer mais parte da “Brigada” ele herdou as tradições paraquedistas e o novo símbolo deveria respeitar as regras tácitas da diferença e igualdade para perdurar. Por outro lado, se o símbolo permanecesse poderíamos concluir que estava sendo criado uma “nova tradição” com outros princípios.

As alterações do símbolo da Águia limitaram-se a posição nos uniformes. Essa ruptura no plano simbólico não foi importante, pois não modificou o significado da tradição. De uma maneira geral verificamos no trabalho que os militares paraquedistas possuem “um estoque de símbolos comuns” que os diferenciam dos outros militares pela maneira como se vestem (CASTRO, 1990, p.59).

Nos rituais vemos que o Curso Básico Paraquedista sofreu mudanças na sua constituição. A mudança ocorrida no procedimento para a desligamento dos alunos foi, provavelmente, um reflexo da promulgação da Constituição Federal em 1988 que aumentou os direitos individuais da população e, conseqüentemente, dos militares. O fim do exercício do “pulo de galo” foi outra ruptura na formação paraquedista. A sua execução foi proibida em todo Exército Brasileiro na década de 1990, mas um exercício também danoso a integridade física como o “canguru” permaneceu. A questão número

três, do questionário enviado pelo correio eletrônico, sobre a permanência ou não do Curso Básico Paraquedista mostrou que a maioria dos entrevistados (76,11%) consideram normais as mudanças e (23,89%) acreditam que a formação não pode sofrer alterações. Apesar da maioria concordar com as variações uma parcela não concorda e as permanências representam a vontade desses militares que impedem transformações mais consistentes.

As permanências, normalmente, ocorrem por dois motivos. O primeiro porque a tradição foi oficializada em determinado momento e passou a ser obrigatória. Em outros casos, embora ela não fosse oficial, respeita as regras tácitas e se consolida com o tempo. A canção “Eterno Herói”, por exemplo, permaneceu como não oficial de 1947 até 1982 e após sua oficialização passou para outro patamar de importância porque foi aceito de maneira formal pelo Exército como o hino dos paraquedistas.

No estudo podemos verificar que as tradições paraquedistas não são fixas e, em certa medida, constantemente reinventadas conforme considera Castro (2002). Neste ponto discordamos também do conceito de Hobsbawm e Ranger (1997) que considera as tradições inventadas como fixas e invariáveis, porque no caso estudado verificamos inúmeras mudanças nos símbolos e rituais durante o processo histórico.

Na pesquisa podemos também verificar que o Curso Básico Paraquedista é um ritual de passagem típico. O período anterior da Área de Estágios marca a primeira fase da separação, o curso é a fase intermediária liminar de transição, pois os alunos são submetidos a uma “invisibilidade social plena com perdas de nomes e insígnias” e são submetidos a uma “exposição prolongada de exercícios físicos no qual o fracasso é ridicularizado” e a terceira fase ocorre após a brevetação que consiste na incorporação da condição de militar paraquedista utilizando os símbolos e realizando os rituais específicos (DAMATTA, 2000, p.15).

A Área de Estágios e as unidades da Bda Inf Pqdt localizadas na Vila Militar, no subúrbio do Rio de Janeiro, desde a década de 1940 até os dias atuais contribuíram também para consolidação das tradições paraquedistas. A valorização do lugar (TUAN, 2012) e o comportamento “tribal” típico de militares que servem no mesmo regimento (KEEGAN, 2006) atuam para reforçar o espírito de corpo e camaradagem dos paraquedistas de forma mais intensa na comparação de outras brigadas que,

normalmente, ficam em unidades espalhadas por várias cidades.

A pesquisa buscou também identificar as influências nas tradições. Os paraquedistas brasileiros herdaram dos norte-americanos a tradição de usar o “*boot*” marrom e o brevê prateado e da forma inicial como o Curso Básico era realizado. O ritual do brado “Brasil acima de tudo” é fruto também de uma adaptação da saudação norte-americana “Airborne – All the way”. Os primeiros paraquedistas faziam uma comparação entre a formação que tiveram nos EUA com o Exército Brasileiro da época que tinha uma ligação com a doutrina francesa. Essa visão de que possuíam conhecimento mais “moderno” colaborou na construção de um “imaginário” de que eram mais preparados porque receberam os ensinamentos de um exército (EUA) que mostrava mais eficiência nos combates na Segunda Guerra Mundial.

A influência alemã é outra característica marcante. O Exército Brasileiro teve contato com a doutrina germânica com militares que, na década de 1910, estagiaram na Alemanha e, posteriormente, ficaram conhecidos como “jovens turcos”. Esses oficiais criaram a revista Defesa Nacional que difundia suas ideias e participaram da formação dos novos oficiais na Escola Militar do Realengo. A ligação entre os militares germânicos e brasileiros pode explicar a similaridade do símbolo da águia da Bda Inf pqdt com o distintivo dos paraquedistas alemães e também tradições informais como não usar bigodes.

A cultura militar da França influenciou de forma mais discreta a “Brigada”. O Exército Brasileiro na época tinha uma recente ligação com a Missão Militar Francesa (1920-1940), mas como vimos os paraquedistas tentavam romper com essa doutrina tendo em vista os contatos que tiveram com alemães e norte-americanos. Apesar disso a oração do paraquedista, o uso da boina e a canção “Dragões do Ar” são exemplos da influência dos franceses.

A Brigada de Infantaria Paraquedista possui uma forte ligação simbólica com os paraquedistas norte-americanos, alemães e franceses. Além disso ela busca criar suas especificidades, por meio de tradições nacionais, criando um espírito peculiar desenvolvendo “valores e normas por intermédio da repetição, implicando uma relação com o passado” (HOBSBAWM e RANGER, 1997, p.6).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Exército Brasileiro, na primeira metade do Século XX, criou inúmeras de suas tradições. O culto ao Duque de Caxias e aos diversos patronos e uso de uniformes históricos, dentre outras medidas, criaram no campo simbólico uma nova forma de olhar o passado por meio da memória.

A tropa paraquedista brasileira foi criada poucos anos após essas mudanças. Os pioneiros, que realizaram o curso de paraquedista militar nos EUA, tiveram um contato com outra força armada e passaram por um processo de interação cultural que influenciou na criação de seus símbolos e rituais. Além dos norte-americanos merecem destaque os alemães e franceses que junto com as peculiaridades nacionais foram moldando as símbolos e rituais da “Brigada”.

Na pesquisa podemos concluir que as tradições paraquedistas brasileiras não são fixas. Os seus símbolos e rituais apresentaram rupturas que foram influenciadas pelos princípios da igualdade entre os integrantes do grupo e diferença dos paraquedistas para com os outros militares. Essas regras tácitas permitiram compreender o fato de determinada tradição não se consolidar como vimos nos exemplos dos brevês distintos para oficiais e praças criado no ano de 1946 e, recentemente, na criação do “*boot*” café no Comando de Operações Especiais em 2003.

O “espírito paraquedista” descrito no trabalho, por meio de suas tradições, são da mesma forma que o “espírito militar” definido por Castro (1990, p.59) um conjunto de “regras de conduta mais ou menos obrigatória” por meio da repetição de símbolos e participação em rituais comuns que criam uma sensação de coesão social no grupo.

As tradições paraquedistas representam mais do que as formas dos seus símbolos e rituais, pois transmitem um discurso. A sua compreensão é uma ferramenta para identificar o pensamento dominante no grupo social. O fim ou alteração de uma tradição, normalmente, pode corresponder a mudança dessas regras tácitas. No estudo em pauta isso não ocorreu, mas existiram embates que resultaram na prevalência desses princípios originalmente estabelecidos.

8 FONTES

BRAGA, Celso Fabiano Vianna. **Entrevista**. [Out. 2016]. Entrevistador: Vandr  Rolim Machado. Rio de Janeiro, 2016. 1 arquivo .mp4 (28 min).

BRASIL. **Caderno de Instru o de Treinamento e Técnica Básica do Paraquedista Militar**. Disponível em <http://www.cipqdt.ensino.eb.br/download/Caderno_Inst_Trei_Tec_Bas_Pqdt_Mil.pdf>. Acesso em: 21 Fev. 2015.

_____ (a). **Programa do Badernaço do 25  Batalhão de Infantaria Paraquedista**. Exército Brasileiro. Brigada de Infantaria Paraquedista. Rio de Janeiro, 2015.

DUTRA, Eurico Gaspar. **Ofício n 111-37 (Secreto), de 29 de dezembro de 1943, do Senhor Ministro da Guerra ao Excelentíssimo Senhor Presidente da República**. Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro, 1943.

ENTREGA DE INSÍGNIAS DE PARÁ-QUEDISTA MILITAR AOS OFICIAIS E PRAÇAS DO NÚCLEO DA DIVISÃO AEROTERRESTRE. **Jornal Diário de Notícias**. Edi o n 7657, de 25 junho de 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_07&pasta=ano%20195&pesq=N%C3%BAcleo%20Aeroterrestre>. Acesso em: 05 Dez. 2015.

FERREIRA, Ivan Romualdo. **Entrevista**. [Out. 2016]. Entrevistador: Vandr  Rolim Machado. Rio de Janeiro, 2016. 1 arquivo .mp4 (37 min).

GEISEL, Orlando. **Ofício n  137, S/5.2, de 8 de maio de 1967, do Chefe do Estado-Maior do Exército para o Senhor Ministro do Exército**. Registro Histórico do Centro de Instru o Paraquedista General Penha Brasil. Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro, 1967.

GONÇALVES, Domingos Ferreira. **Memória Histórica da Brigada de Infantaria Paraquedista. Se o do Arquivo Histórico. Cronologia dos Principais Eventos (1944-2015)**. Rio de Janeiro, 2015.

LIMA, Reinaldo Nonato de Oliveira. **Entrevista**. [Out. 2016]. Entrevistador: Vandr  Rolim Machado. Rio de Janeiro, 2016. 1 arquivo .mp4 (28 min).

LOUREIRO, Antonio Carlos Lobo. **Biografia do General Paraquedista Roberto de Pessoa. A vida narrada do primeiro paraquedista do Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Teatral, 2003.

MONTEIRO, Pedro Aurélio de Gois. **Minuta de Discurso. Acervo General G is Monteiro. Caixa n 1, Pasta 1, Bloco 2, Documento n  9**. Arquivo Histórico do Exército. Rio de Janeiro, 1934.

NOVECENTOS VOLUNTÁRIOS TENTAM O PARÁQUEDISMO. **Jornal Correio da manhã**. Rio de Janeiro, p.2, Sábado, 14 de outubro de 1951. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_07&pasta=ano%20195&pesq=N%C3%BAcleo%20Aeroterrestre>. Acesso em: 22 Set. 2015.

PESSÔA, Pedro Aurélio de. **Desabafo de um audaz paraquedista**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=p0qn2c9PzbQ>>. Acesso em: 20 Out. 2016.

PESSÔA, Roberto de. **Pará-quedismo militar no Brasil: enquanto lembrar me for permitido**. Rio de Janeiro, 1993.

VIAGEM DO MINISTRO DA GUERRA AOS ESTADOS UNIDOS. Rio de Janeiro: **Jornal Diário Carioca**. Página nº3 de 11 de novembro de 1943. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_07&pasta=ano%20195&pesq=N%C3%BAcleo%20Aeroterrestre>. Acesso em: 20 Nov. 2015.

9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTILL, Peter D. **Crete 1941: Germany's lightning airborne assault**. Campaign series. Oxford; New York: Osprey Publishing, 2005.

ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ALMEIDA, Ricardo Guilherme de Almeida. **Evolução histórica da Brigada de Infantaria Paraquedista no contexto da força terrestre brasileira**. Dissertação de Mestrado em Ciências Militares. Rio de Janeiro: ECEME, 2002.

ALMENDRA, Frederico. **Forças Aerotransportadas: Que Futuro?** Trabalho Individual de Longa Duração, Curso de Estado-maior 1995/97, Instituto de Altos Estudos Militares, Lisboa, 1997.

AVELINO, Romero de Paula. **Estudo das normas gerais de ação (NGA) da 82ª Divisão de Infantaria para-quedista dos EUA**. Monografia. Rio de Janeiro, ECEME, 1991.

BEEVOR, Antony. **CRETA. Batalha e resistência na Segunda Guerra Mundial (1941-1945)**. Tradução de Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BENTO, Claudio Moreira. **Pensamentos do Marechal José Pessoa sobre a AMAN, o EXÉRCITO e o BRASIL, há 66 anos**. Disponível em: <<http://www.ahimtb.org.br/PensamGenJPessoa.pdf>>. Acesso em: 13 Set. 2016.

BERGOT, Erwan. **Os Pará-quedistas**. Tradução de Zarco Muniz Ferreira. Paris: Ulisseia, 1972.

BOEHNHARDT, Hans-joachim. **A tropa para-quedista do Exército Alemão na década de 1990**. Monografia. Rio de Janeiro, RJ: ECEME, 1985.

BOUCHACOURT, T.C. **Ensaio sobre a psicologia da infantaria**. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército, 1951.

BRASIL (b). **Estratégia Nacional de Defesa**. Ano 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/Decreto/D6703.htm> Acesso em: 22 Fev. 2015.

_____(c). **Estratégia Nacional de Defesa**. Ano 2012. Disponível em: <<http://www.defesa.gov.br/arquivos/2012/mes07/end.pdf>>. Acesso em: 22 Fev. 2015.

BRUNO, Daniela Caldeira. **“Brasil acima de tudo! ”: narrativa e construção de identidades: o combatente pára-quedista do Exército Brasileiro**. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro, 2010.

BURGUIÈRE, André. **A antropologia histórica**. In: LE GOFF, Jacques. A história nova. Tradução Eduardo Brandão. 5ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CARMO, Antônio. **Paraquedistas: a história do brevê prateado**. Disponível em: <<http://montedo.blogspot.com.br/2013/10/paraquedistas-historia-do-breveprateado.html>>. Acesso em: 22 Set. 2015.

CASALI, Claudio Tavares. **Brasil acima de tudo**. p.19-23. Disponível em:<<http://www.cipqdt.ensino.eb.br/site/download/RESUMO%20HISTORICO%20DO%20CI%20PQDT%20GPB.pdf>>. Acesso em: 21 Nov. 2016.

CASTRO, Celso. **O espírito militar: um estudo de antropologia social na Academia Militar das Agulhas Negras**. RJ: Editora Zahar, 1990.

_____. Celso. **A invenção do Exército**. RJ: Editora Zahar, 2002.

CORUM, James. **The Luftwaffe: Creating the Operational Air War, 1918–1940**. Kansas University Press, 1997.

CPDOC. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Verbetes biográfico Nestor Penha Brasil**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetebiografico/brasil-nestor-penha>>. Acesso em: 09 Mai. 2016.

DAMATTA, Roberto. **Individualidade e liminaridade : Considerações sobre os ritos de Passagem e a modernidade**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v6n1/1969.pdf>>. Acesso em: 21 Nov. 2016.

DE VORE, Marc. **The Airborne Illusion: Institutions and the Evolution of Post War Airborne Forces**. SSP Working Paper, June 2004. Disponível em: <http://web.mit.edu/ssp/publications/working_papers/wp04-1.pdf>. Acesso em: 24 Out. 2016.

EVANS, Martin Marix. **The Battle for Arnhem English: A Pitkin Guide (Military and Maritime)**. London: Jarrold Publishing, 1998.

FARRAR-HOCKLEY, A. H. **Pára-quedistas alemães. A super tropa**. História Ilustrada da 2ª Guerra Mundial. Rio de Janeiro, Editora Renes, 1975.

FOSTER, Frank. **Complete Guide to the United States Army, Badges and Insignia World War II to Present (1ª ed.)**. United States: Medals of America Press, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.

_____. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GIRARDET, Raoul. **A Sociedade Militar – De 1815 até nossos dias**. Rio de Janeiro: BibliEx, 2000.

GLANTZ, David M. **The Soviet Airborne Experience**. New York: Combat Studies Institute, 1984.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

GRAÇA, Jayme Ribeiro da. **Tática dos Paraquedistas**. Rio de Janeiro: Impresso na Escola de Estado Maior da Praia Vermelha, 1945.

GREENFIELD, Kent e PALMER, Robert. **Desenvolvimento Inicial das Forças Aeroterrestres**. *Military Review*. Edição Brasileira. *United States, Kansas, Fort Leavenworth*, nº12, 1948.

HILTON, Stanley. **A Guerra Civil Brasileira (História da Revolução Constitucionalista de 1932)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

HOSBSBAWM, Eric e RANGER, Terence. (orgs.) **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JOUTARD, Philippe. "**Nuevas Polémicas Sobre Historia Oral: algunos retos que se le plantean a la Historia Oral del Siglo XXI**" in *Historia, Antropología y Fuentes Orales*, número. 21, 1999.

JÚNIOR, Singefredo Sá. **Para-quedaismo Militar no Brasil: origens, histórico e reflexos na atualidade**. Monografia. Rio de Janeiro: ECEME, 1993.

KATCHER, Philip. **Vanguard 5 - US 101st Airborne Division 1942-45**. United Kingdom, London: Osprey Publishing, 1978.

KEEGAN, John. **Uma história da Guerra**. Companhia das Letras: Rio de Janeiro, 2006.

LIMA FILHO, Racine Bezerra. **Pará-quedaismo militar no Brasil. Origens, evolução, influências**. Revista A Defesa Nacional nº766, Out / Dez 1994, Rio de Janeiro, 1994, p. 23-41.

LUNA, Cristina Monteiro de Andrada. **Os “jovens turcos” na disputa pela implementação da missão militar estrangeira no Brasil**. In: I Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos de Defesa. São Carlos, 2007.

MALAN, Alfredo Souto. **Missão Militar Francesa de Instrução junto ao Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1988.

McCANN, Frank D. **Soldados da Pátria – História do Exército Brasileiro (1889-1937)**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro**. Revista de História, Brasil, n. 155, p. 191-203, dez. 2006. ISSN 2316-9141. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19041>>. Acesso em: 05 Out. 2015.

MIKSCHE, Ferdinand.Otto. **Paraquedistas**. Tradução dos Almirantes Alberto Aprá e Major Alexandre Moraes. Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco, 1944.

MILITARY INTELLIGENCE SERVICE, MIS. **Enemy Airborne Forces**. Special Series nº 7. War Department., United States, Washington: Government Printing Office, 1942.

MOORE, Sally and MYERHOFF, Barbara. **Secular Ritual**. Ed. Van Gorcum, Assen/Amsterdam,1977.

NORTON, G.G. **The Red Devils. The story of the British Airborne Forces**. London: Cox & Wyman Ltd ,1973.

OLIVEIRA, Cecilia Helena de Salles. **Museu Paulista: espaço de evocação do passado e reflexão sobre a história**. *An. mus. paul.* [online]. 2003, vol.10-11, n.1 [citado 2015-10-09], pp.105-126 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010147142003000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 Nov. 2015.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

QUARRIE, Bruce. **Warrior 38 - Fallschirmjäger - German Paratrooper 1935-45**. Great Britain: Osprey Publishing, 2001.

RAPPORT, Leonard. **A History of the 101st Airborne Division**. Whashington: Infantry Journal Press, 1948.

RODOLPHO, Adriane Luisa. **Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica**. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/viewFile/560/518>. Acesso em: 21 Nov. 2016.

SANTOS, Eduardo Heleno de Jesus. **Extrema-Direita, Volver! Memória, ideologia e política dos grupos formados por civis e militares da reserva**. Mestrado em Ciência Política. UFF: Niterói, 2009.

SANTOS, Glauber Eduardo de Oliveira. **Cálculo amostral**: calculadora on-line. Disponível em: <<http://www.calculoamostral.vai.la>>. Acesso em: 02 Nov. 2016.

SCHEIDT, Eduardo. **O processo de construção da memória da Revolução Farroupilha**. Revista de História, Brasil, n. 147, p. 189-209, dez. 2002. ISSN 2316-9141. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18947>>. Acesso em: 05 Out. 2015.

SERRÃO, Jorge. **Lembra-vos de 1969**. Disponível em: <http://www.alertatotal.net/2014/09/ptaudacoes-ao-governo-do-crime.html>. Acesso em: 10 Dez. 2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 Ed. Revisada e Atualizada. São Paulo: Cortez, 2007.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História oral**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. (Tradução de Lívia de Oliveira). Londrina: Eduel, 2012.

TURNER, Victor. **“Betwixt and Between: The Liminal Period in *Rites de Passage*”**. *The Proceedings of the American Ethnological Society*. (Republicado em *The Forest of Symbols: Aspects of Ndembu Ritual*. New York, Cornell University Press), 1964.

VAN GENNEP, Arnold. **Os Ritos de Passagem**. Petrópolis, R.J. Vozes, 1978.

ANEXO “A”

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA “EXPLORATÓRIA”

Dados Pessoais e de incorporação na Tropa Paraquedista (Grupo A)		
	Perguntas (sentido geral)	Utilidade da Informação
1	Qual seu nome completo?	Dados pessoais para identificação do militar.
2	Qual sua data de nascimento?	
3	Quando foi incorporado ao Exército?	
4	Em que ano realizou o Curso Básico Paraquedista?	Determinar quando começou o contato com os símbolos e rituais paraquedistas.
5	O Sr(a) realizou outros cursos no paraquedismo militar? Quais e em que ano?	
6	Qual foi o primeiro período (s) que serviu na tropa paraquedista?	
Rituais Paraquedistas (Grupo B)		
	Perguntas (sentido geral)	Utilidade da Informação
Introdução: Agora vamos falar um pouco do curso básico paraquedista.		
7	Como foi a sua marcação do capacete?	<p>Informações sobre os rituais paraquedista.</p> <p>(i) identificar a criação e permanência ou não de certos ritos;</p> <p>(ii) perceber elementos de formação de um espírito de corpo diferenciado nos paraquedistas;</p> <p>(iii) levantar rituais desaparecidos; e</p> <p>(iv) entender o sentimento de pertencimento criado a partir dos rituais indicados.</p>
8	Como era o processo de desligamento durante o curso básico?	
9	O Sr(a) fazia o exercício “PULINHO DE GALO” e do “CANGURU”? O que achava?	
10	No seu curso básico houve a cerimônia da queima do pé-preto?	
11	Como foi a sua brevetação, foi realizada a canção do paraquedista e a oração?	
12	O Sr participou do badernaço? Na sua época era diferente da maneira como ele é realizado atualmente?	
13	O Sr sabe como foi criado o brado “Brasil acima de tudo”?	
14	O Sr sabe como foi criado a canção eterno herói? O sr sabe quando surgiu a introdução, com os comandos do Mestre de Salto (MS) antes de iniciar o canto?	
15	Na sua época existia algum outro ritual que a tropa fazia durante o período de instrução? Como era esse ritual?	
16	O Sr considera importante que o curso Básico Paraquedista permaneça com as mesmas atividades ou acredita que com o tempo é possível ocorrer variações nos tipos de exercícios ou instruções?	

ANEXO “A” (Continuação)

Símbolos Paraquedista (Grupo C)		
	Perguntas (sentido geral)	Utilidade da Informação
Introdução: Agora vamos falar de alguns símbolos que diferenciam o militar paraquedista.		
17	Qual a importância do Brevê Prateado para os paraquedistas?	<p>Informações sobre os símbolos paraquedistas e a sua relação como os indivíduos:</p> <p>(i) Identificação de pertencimento à um grupo;</p> <p>(ii) diferenciação visual frente a outros militares.</p>
18	Quando o uso do “boot marrom” foi autorizado, durante qual salto ou após a brevetação? Qual a importância dele?	
19	Na sua época já existia a boina bordô (ou Grená)? Se Lembra do que sentiu quando começou a usar esta boina?	
20	Como era a área de estágios na época que você estava lá? O Sr vê alguma diferença dos dias atuais?	
21	O que o Sr sabe sobre os Generais Pessôa e Penha Brasil? Qual a importância, de cada um deles, na história do paraquedismo militar no Brasil?	

A relação entre os paraquedistas e com outros militares (Grupo D)		
	Perguntas (sentido geral)	Utilidade da Informação
Introdução: Vamos falar de como os paraquedistas se relacionam entre si e como se diferenciam de outros militares.		
22	O que diferencia o paraquedista dos outros militares? O salto apenas?	Identificar elementos de diferenciação frente a outros grupos de militares.
23	Qual a importância dos símbolos (boina, boot e breve) para o paraquedista?	
24	Já realizou outros cursos operacionais no Exército? Qual a diferença deles para o Curso Básico Paraquedista?	
25	O Sr tem contato com colegas da época do curso básico paraquedista? Existe uma relação diferenciada entre os paraquedistas? Porque?	

ANEXO “B”

QUESTIONÁRIO DIRECIONADO PARA CORREIO ELETRÔNICO

Bom dia Paraquedista!

Introdução: Senhoras e Senhores, paraquedistas do Exército Brasileiro, eu sou o Maj QMB VANDRÉ ROLIM MACHADO, Pqdt nº77.458, mestrando do Instituto Meira Mattos da ECEME. Atualmente realizo uma pesquisa intitulada “**A MÍSTICA PARAQUEDISTA: SÍMBOLOS E RITUAIS DA TROPA AEROTERRESTRE BRASILEIRA**”. Desta forma, solicito sua colaboração para responder a pequena pesquisa abaixo. Desde já agradeço sua colaboração!

Dados Pessoais e de incorporação na Tropa Paraquedista (Grupo A)		
	Perguntas (sentido geral)	Utilidade da Informação
1	Qual o seu posto/graduação e seu nome completo?	Dados pessoais para determinar quando tomou contato direto com os rituais e símbolos paraquedistas.
2	Em que ano realizou o Curso Básico Paraquedista?	
3	Qual foi o período (s) que serviu na Brigada de Infantaria Paraquedista?	

Rituais Paraquedistas (Grupo B)		
	Perguntas (sentido geral)	Utilidade da Informação
4	O Sr considera importante a manutenção do Curso Básico Paraquedista com as mesmas atividades ou acredita que com o tempo é possível ocorrer variações nos tipos de exercícios ou instruções ministradas? SIM () Não () Porque (Opcional)	Informações sobre os rituais para se tornar paraquedista militar. (i) identificar a permanência ou não de certos ritos no corpo da tropa; (ii) levantar rituais desaparecidos; e (iii) entender o sentimento de pertencimento criado a partir dos rituais indicados.
5	Na sua brevetação foi realizada a canção e oração do paraquedista? SIM () Não ()	
6	O Sr percebeu diferença na realização do badernaço comparando sua primeira confraternização com as atuais? SIM () Não () Caso afirmativo, qual? (Opcional)	
7	Na sua época existia algum ritual que a tropa paraquedista realizava e não faz mais? Se afirmativo, qual o nome e como era tal ritual? SIM () Não () Caso afirmativo, qual? (Opcional)	